

IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS



NOSSA VIDA COMO IRMÃOS

La  Salle

NOSSA VIDA COMO IRMÃOS

Sempre é um desafio viver com sentido. E ainda mais quando vivemos nossa consagração em uma comunidade que é sinal da presença do Reino de Deus, e o expressa na missão. Estes quatro aspectos - pessoa, consagração, comunidade, missão - se beneficiam com uma estrutura e vigilância sadia em cada um deles. A complexidade de nossa vida está inserida em uma realidade cheia de novidades, novas visões e novas exigências. O compromisso corresponsável de todos e de cada um é necessário para garantir um sentido cada vez mais integral e pleno como Irmãos, de nossa vida comunitária, e de nossa missão vivida em comunidade de consagrados

O Conselho Geral, na ampla missão recebida do último Capítulo Geral, quer dar atenção especial à vida dos Irmãos, à vida consagrada, à vida em comunidade, e à força apostólica de todos os lassalianos. Por isso, decidi refletir sobre as questões do acompanhamento, da realidade da perseverança, das saídas, e da opção feliz de ser Irmão. Com esta finalidade solicitou colaboração ao Secretariado de Formação.

O Secretariado de Formação refletiu amplamente sobre estes aspectos tão vitais, e decidiu aprofundar três temas que vocês recebem com esta mensagem: *O Celibato Evangélico pelo Reino de Deus; Fidelidade Dinâmica e Criativa na Vida Religiosa; Acompanhamento na Vida Religiosa*. São muitos Irmãos os que contribuíram na elaboração dos mesmos. Desta forma, os textos, ainda que com um Irmão mais diretamente encarregado de sua redação, representam a reflexão e o diálogo do Conselho Geral e do Secretariado de Formação. Os textos tratam de temas diferentes, mas inter-relacionados e vividos pela mesma pessoa e comunidade que os vivem.

O objetivo principal dos textos é serem subsídios de ajuda aos Irmãos e Comunidades para que tenham vida sempre mais plena a partir de uma maior compreensão de nossa realidade. Esta realidade inclui nossa opção por um celibato que é uma forma para contribuir no Reino de Deus, uma fidelidade

complexa de seguimento e de compromisso, e um acompanhamento amplo e fraterno.

No final de cada título ou subtítulo incluímos uma frase e/ou pergunta para facilitar o diálogo, a reflexão e a oração. O texto não é exaustivo. Cada Irmão e Comunidade são convidados a completá-lo. Sugerimos que, a partir do diálogo, se possam garantir estruturas que facilitem respostas positivas àquilo que somos, como vivemos, como somos mediadores de Deus na construção de seu Reino. Nossa fidelidade nos estimula mutuamente e gera mais vida. Esta vida sempre mais plena *é de grande necessidade para a missão que compartimos.*

Roma 2017
Secretariado de Formação do Instituto

CELIBATO EVANGÉLICO PELO REINO DE DEUS

Aventura de viver com liberdade, alegria e maturidade o celibato - na identificação e seguimento de Jesus Cristo - com Deus para o seu Reino¹

Ir. Paulo Dullius, fsc

O carácter consciente e inconsciente de nossa vida significa que, em grande parte, vivemos sem saber e sem conhecer todas as nossas motivações, impulsos, forças, ideais, medos e desejos que fazem parte de nossas decisões e opções de vida, de nossa opção pelo celibato ou pelo matrimônio. Por isso é tão fácil equivocarse nas opções afetivas - tipos de expressão do amor - que as pessoas realizam em suas vidas. Em qualquer momento da vida podem emergir, num sujeito celibatário ou casado, aspectos ignorados de seu mundo afetivo.

Contextualização

O celibato evangélico é uma opção de vida. As opções de vida incluem os ideais pessoais e institucionais. Uma opção é motivadora por seu conteúdo teleológico e pela capacidade integradora da vida. As opções implicam automaticamente um segundo aspecto: deixar de lado outras opções possíveis e boas. Desta forma, o centro não está na renúncia, mas na opção anterior que implica deixar para trás outras opções. Ninguém pode optar - em aspectos centrais - por várias alternativas ao mesmo tempo sem incorrer numa significativa dissonância cognitiva, ou seja, numa significativa 'divisão' interior e num conflito que vai precisar de uma solução que pode ser a favor do profundo da pessoa, ou pode ser uma opção regressiva. Optar pelo celibato implica ter clareza das motivações para optar, transformando a causa final na primeira causa, ou seja, o Reino de

¹ Muitas das ideias aqui expressas estão baseadas em: **MORANO, Carlos Domínguez. La Aventura del Celibato Evangélico. Sublimación o represión, Narcisismo o alteridad.** 2004, Editorial Frontera, Vitoria/Gasteiz, España.

Deus como o centro ao redor do qual se fazem outras opções. A opção não indica necessariamente a capacidade de realizá-la bem. A opção pelo celibato evangélico não é apenas uma questão de celibato, mas de toda a pessoa. Trata-se de um amor casto e respeitoso por tudo o que somos, ao redor desta motivação de realização do Reino de Deus. Amor, portanto, e que seja sincero, total e que respeite a verdade profunda da pessoa. Este amor casto e respeitoso se manifesta no conjunto da vida. Também é o enfoque pelo qual se precisa assumir a castidade, a pobreza e a obediência.

Em nossas reflexões que seguem, analisaremos o conteúdo e a forma desta opção. Todo empenho e opção são uma espécie de aventura de viver algo significativo. É uma aventura porque sempre pode trazer surpresas positivas e/ou aspectos não considerados suficientemente no momento de fazer a opção, devido aos conteúdos e processos que constituem nossa dimensão consciente e inconsciente, e também porque a realidade externa vai trazendo novos dados não presentes no início da vida. Em nosso caso, o celibato evangélico pode muito bem ser entendido como uma aventura, mas aventura da qual queremos sair fortalecidos e realizados, segundo Deus. Por isso também se fala que o celibato evangélico requer liberdade, alegria e maturidade. Liberdade e maturidade são conquistas muitas vezes árduas que precisam energia, empenho por toda a vida, e nunca plenamente alcançados. A purificação constante das motivações e o crescimento integral são um desafio permanente.

Nesta nossa opção não queremos apenas ser como Jesus celibatário, mas nos identificamos com ele e o seguimos com entusiasmo em sua forma de ser, agir, apresentar o Reino de Deus, o Reino do Pai. Jesus não é objetivo final de nossa opção como celibatários, nem seu seguimento. Todo cristão - a partir do batismo - precisa seguir Jesus Cristo. O celibato evangélico também não é uma forma privilegiada de opção, como se Deus gostasse mais das pessoas celibatárias ou virgens do que dos casados. Certamente há textos que privilegiam a opção pelo celibato, numa tentativa de valorizar tal opção. Fazemos uma consagração com a finalidade de empenhar nossas energias na mesma causa que é a de Jesus: o Reino de Deus. A realização do Reino de Deus é também o grande plano de Deus em relação à humanidade. Trata-se de um projeto histórico de transformação da realidade, que Jesus chamou "Reino de Deus e sua justiça", superando toda forma de narcisismo, de projeção pessoal, individualismo,

privilégios e glória pessoal. Por isso podemos dizer que nossa opção é unir-nos e inserir-nos neste plano com Deus para o seu Reino. Esta aventura e desafio requerem sempre mais maturidade para dispor as energias para tal, superando certos apegos, substituições, transferências ou mesmo fugas de outras alternativas, como, por exemplo, o casamento e a família.

Todos os dias fazemos opções, umas mais significativas, outras menos; umas mais gerais e outras mais específicas. A opção pelo estado de vida celibatário tem suas características. Como podemos entender o título e subtítulo deste texto? Se tivéssemos que falar sobre isso, o que diríamos?

Aspectos intervenientes na escolha pelo celibato evangélico

Certamente a escolha em desenvolver e expressar as forças do amor no engajamento do Reino de Deus é uma escolha maravilhosa, desafiadora e muito pessoal. Contudo, esta escolha precisa considerar outros aspectos nada fáceis de discernir. A pessoa é o conjunto de sua experiência pessoal, familiar, cultural e contextual. E este conjunto interfere em suas motivações, preferências e opções. Este conjunto se formou através de indicações, identificações, comparações, valorizações desde o início da vida até o presente momento. Ainda hoje e também amanhã recebemos interferências externas e internas através de indicações, processos identificatórios e outras formas de valorização. A sensibilidade a estes aspectos está intimamente ligada à autoestima, e aos reforços do contexto, aos conhecimentos e aos estímulos existenciais. A sensibilidade, portanto, é educada através de valores, insistências, conhecimentos, interesses, ideais... e se transforma numa conexão entre o mundo interior e o mundo exterior.

No decorrer da vida - desde a primeira infância até o final da vida - encontramos diferentes objetos de expressão de nosso amor. Há uma dinâmica interna que visa expressar o amor, e a pessoa vai selecionando modos e objetos de amor. Podem nem sempre ser apenas pessoas. Podem ser objetos, causas, bens, arte, conhecimento. Mas o verdadeiro amor maduro requer sua expressão em pessoas ou em Deus. Nosso mundo afetivo-sexual tem muito mais a ver com o que houve em nossas experiências passadas do que com a configuração do corpo

(homem/mulher). No caso do matrimônio, outra pessoa é a mediação desta expressão do amor. No caso da vida religiosa, a energia maior se orienta para a causa do Reino de Deus. Esta causa é aprendida e valorizada pelas diferentes formas de educação da sensibilidade, e da internalização de valores específicos. Há também uma diferença nos objetos de amor: no matrimônio, este objeto é uma pessoa concreta à qual se tem acesso pelos sentidos físicos, pelo psíquico e pela dimensão espiritual. Na vida religiosa, este objeto não pode contar muito com o físico, mas com a compreensão e assunção de uma causa que conheço, avalio e a faço minha. Neste assumir entra uma fé humana e espiritual. Pode ser que, se preciso muito de mediações sensíveis para sentir-me aceito e valorizado, esta dimensão mais psíquica e espiritual que se torna o objeto da escolha do amor, pode ser, portanto, que seja mais desafiadora e menos passível de avaliação. Assim, a opção pelo celibato introduz elementos que estão ausentes nas escolhas nas quais o físico é um dos aspectos centrais da expressão do amor. Sempre será desafiador quais aspectos físicos cultivar na opção pelo celibato e quais precisam ser integradas e colocadas a serviço da opção realizada de tal forma que não signifiquem fugas nem repressões que cerceiam um autêntico processo de crescimento integral livre e responsável.

Sempre convém ter presente toda estrutura e dinâmica da personalidade quando se considera a opção pelo celibato evangélico. Desta forma, a realidade familiar, cultural e o contexto assumem importância na possibilidade e na qualidade das escolhas. Boa estrutura afetiva e intelectual e de fé predispoem a sensibilidade para diferentes formas de expressão do amor. Mesmo que a escolha e a opção pelo celibato evangélico não possam ser exigidas nem impostas pelo próprio indivíduo, nem pela família, nem pelo contexto mais amplo, as diferentes mediações podem interferir de forma decisiva, sobretudo quando há maior fragilidade afetiva por parte da pessoa que faz a escolha, pois ela depende muito do contexto externo. Todos queremos crescer na autoestima e no reconhecimento social. Épocas de pouca valorização da dimensão transcendente e a conseqüente valorização do imanente em suas diferentes formas, estas épocas podem sugerir pouca sensibilidade à opção pelo celibato evangélico. A escolha pelo celibato evangélico, neste caso, precisa mais clareza e maturidade. Hoje diminuiu a compreensão e aceitação da opção pelo celibato evangélico. Dentro de uma visão histórico-dialética isto pode questionar a fidelidade e

mesmo introduzir elementos que podem levar a questionar a opção pelo celibato evangélico como ainda sendo uma alternativa humana e espiritual digna de ser seguida e sustentada. Contudo, não é a realidade social - com seus valores e contra valores - que automaticamente é critério de verdade e de necessidade humana. Sempre somos convidados a assumir uma vigilância, não de agrado social, mas vigilância antropológica à qual as religiões contribuíram e contribuem para sua explicitação.

A opção pelo celibato evangélico é uma resposta à vontade de Deus, discernida e assumida. Não é a melhor opção, mas a melhor para mim, para cada um de nós da comunidade. Isso significa que a fidelidade a esta opção depende de muitos fatores. Como ligamos esta opção à vontade de Deus para nós e nossa comunidade?

Itinerário de discernimento e de fidelidade

A opção pelo celibato evangélico é uma opção de nível mais espiritual, com uma cosmovisão e uma energia emocional, intelectual e volitiva a serviço do amor mais universal. Mesmo que os modelos de expressão do amor que conhecemos a partir da família sejam mais de caracterizações concretas, algumas delas motivadas por impulsos decorrentes do gênero, como as expressões entre homem e mulher e dentro da família, a qualidade da expressão do amor passa por um processo de discernimento.

A 'vocação' a amar é para cada ser humano. Por mais difícil que tenha sido sua vida, a pessoa nunca pode abdicar da missão de amar. Podemos considerar duas formas distintas de expressão do amor. Um amor que se inspira mais na particularidade e dela se abre para a universalidade. As pessoas que casam se inspiram na experiência de intimidade como expressão de seu amor. Mas, para que o amor se mantenha vivo e cresça ele precisa abrir-se mais aos outros através dos filhos, do serviço humanitário e engajamento na comunidade eclesial. Outra forma de expressão do amor se concentra na visão de universalidade, ou seja, na disposição de amar a todos e expressar e garantir a dignidade de todo ser humano. É o caso da vocação à vida religiosa. Mas esta disposição universal também precisa expressar-se no engajamento concreto com as pessoas com as

quais convive. Este compromisso com pessoas concretas preserva o amor de um artificialismo ou platonismo que questiona a qualidade do amor. O amor-ágape tem conexão com o amor-eros, respeitando-se a especificidade do estado ou opção de vida. Um exemplo de amor universal nós o temos em Jesus Cristo: totalmente aberto ao Pai e à humanidade, mas engajado profundamente com cada pessoa que se dirigia a ele. Manteve-se sempre muito livre frente ao amor e sem preconceitos e inseguranças. Por isso: olhos fixos na pessoa de Jesus e não na própria realidade; não para sermos santos, mas para segui-lo adequadamente. O celibato evangélico se inspira nesta modalidade de amar de Jesus.

Assim, um primeiro grande passo na opção pelo celibato evangélico consiste em discernir qual a modalidade básica através da qual quero expressar meu amor. Nesta decisão, no entanto, não posso ser eu o único referencial, mas sim preciso assumir que Deus é quem define a forma de amar. Não se trata tanto de 'vocação' - à vida familiar, celibatária ou religiosa - mas de um mandamento a amar de uma forma específica. É necessário um profundo processo de discernimento para saber a forma de amar. E, para sabê-la, precisamos concentrar-nos e escutar a voz de Deus de um modo permanente, desde nossa concepção até nossos dias. Esta voz só nos chegará com nitidez e sem possibilidade de confusão quando todas as outras vozes se silenciam em nossos ouvidos. E isto é um processo de crescimento e unidade interior nunca plenamente alcançado. Mesmo sabendo a vontade de Deus, ainda não está decidida a capacidade de segui-la. Esta capacidade vai depender dos reforços, de minha força interior, dos valores, de minha autonomia e liberdade.

Outro aspecto: para ter a possibilidade de renunciar maduramente a um tu mais íntimo - como é o caso no celibato evangélico e não necessariamente no matrimônio - é necessário ter efetuado previamente uma renúncia aos primeiros objetos de desejo - pais - na infância. Um de nossos desejos mais profundos consiste em tentar recuperar uma união e unidade profunda que sentimos com Deus desde a concepção e vivida na união com a mãe antes de nascer. Progressivamente se desenvolve uma autonomia e uma separação, mas se mantém o intenso desejo de união. Nunca podemos alcançar plenamente esta unidade e união, mas mantemos o desejo da mesma. É que a união pode ser expressão saudável que não destrói a individualidade. Mesmo que haja tanto

empenho em união e diferença, ambas refletem nossa realidade e nenhum dos aspectos, em si, expressa maturidade ou imaturidade. Vai depender do conjunto motivacional usado para as opções em questão.

Para ter algum tipo de união através do voto de castidade, pode permanecer certa intolerância com a dor psíquica e concomitante alergia à ausência de emoções gratificantes e intensas. Isso pode tornar mais difícil a assunção da dor que a solidão comporta. "Encontramos, às vezes, situações nas quais se pretende, com maior ou menor consciência alívios à solidão que a opção de vida assumida não pode satisfazer. (...) Mais lamentável quando a frustração propicia sentimentos mais arcaicos como abandono e rejeição, e produz formas regressivas e infantis em relação aos outros"². Exemplos podemos ver em pessoas nas quais a solidão aparece como necessidade de reconhecimento e atenção, ou certo vitimismo. Não é fácil conquistar uma maturidade do desejo que possibilite assumir a solidão e optar pela capacidade de amar. Todos queremos viver e, por isso, subjaz um intenso e exclusivo amor a nós mesmos que queremos ter e preservar.

Neste processo de discernimento entra todo campo afetivo, com seus impulsos diversos - incluindo os sexuais - e com os desejos mais imediatos e profundos que as pessoas têm. Tem-se falado da importância do distanciamento do modelo e da realidade familiar para optar por sua própria vida e forma de amar. Isso vale tanto para a vida matrimonial como para a vida religiosa. Dependendo da experiência familiar somos mais capazes de fazer nossas próprias opções - no caso positivo - ou nos fixamos exageradamente a este modelo - no caso negativo. Neste sentido, podemos ter dificuldade de nos distanciarmos dos pais, ou podemos também rejeitar o modelo familiar e ter medo de assumi-lo. Uma das possíveis formas de fugir do modelo é não o repetir e assumir uma opção de vida que compensa afetivamente e socialmente, e pode dar algum prestígio e poder. Podemos também - narcisisticamente - procurar promoção, facilidades, reconhecimento. Podemos, ainda, viver o celibato, mas a motivação pelo Reino de Deus ser bastante frágil e pouco significativa em opções concretas. Ainda mais: podem suceder várias alternativas: não viver o celibato nem a integração da sexualidade genital nem afetiva; viver a sexualidade e o celibato, mas por

² Carlos Domínguez Morano. Amores y desamores en la vida consagrada, p 29.

narcisismo e não pelo Reino; viver o celibato como opção pelo Reino de Deus. Recordemos, que nenhuma alternativa é 'pura', pois motivações ambíguas estão presentes com frequência.

Todo cristão segue Jesus Cristo. Pelo batismo o cristão assumiu o compromisso de segui-lo. Alguns o fazem comprometendo-se numa vida de casado. O Reino de Deus é também um desejo e um empenho para estes, mas à sua maneira. O cristão que casa usa como mediação um objeto mais próximo, um tu concreto com o qual viverá o exercício e o desenvolvimento das dimensões da sexualidade e outras. O celibatário opta por constituir o Reino como seu objeto mais direto de atração, sem mediação nem companhia de alguém de forma única, íntima e exclusiva que acompanhe e partilhe o projeto. Ele quer estruturar e facilitar em sua pessoa uma disponibilidade especial para colocar-se à disposição deste Reino. Ao Deus de Jesus se chega seguindo Jesus. No amor e seguimento de Jesus temos a chave que nos liberta do perigo que a experiência religiosa pode trazer ou seja, pode converter-se em um lugar privilegiado para o surgimento de fantasias ligadas a conteúdos espirituais. "Somente na união amorosa e 'gozosa' com Deus e na paixão decorrente pelo Reino a pessoa consagrada pode sustentar sua opção celibatária de modo coerente e enriquecedor"³. Estes são os dois pilares que sustentam esta opção transformada em consagração: união amorosa com Deus e paixão pelo Reino. Quando o desamor contamina estes dois vínculos primordiais - experiência mística e compromisso pelo Reino - esta opção pode desmoronar, por mais reluzente que seja.

A fidelidade a esta opção não é um determinismo, mas é um itinerário possível que requer renovação e fortalecimento das dinâmicas decorrentes da opção feita. Requer superação das diferentes dissonâncias cognitivas que possam aparecer. Maior liberdade interior e maior autonomia afetiva facilitam a fidelidade. Contextos favoráveis pessoais e institucionais podem ser estímulo à fidelidade. Em outras palavras, precisamos seguir alguns passos que requerem algum aprofundamento e desafio. Primeiro, saber qual o plano de Deus para mim, o que requer um discernimento vocacional; depois, a decisão

³ MORANO, Carlos Domínguez. **Amores y desamores en la vida consagrada**, Vitoria, Ed. Frontera, 2014, p 9.

de querer seguir a vontade de Deus, como posicionamento existencial; terceiro, superar os obstáculos ao seguimento da vontade de Deus. O amor sempre pressupõe uma prévia identificação. Isso significa que, por vezes, situações existenciais são muito delicadas e conflitivas, interferindo na identificação específica, o que faz aumentar as dificuldades para seguir. Além disso, há outros modelos identificatórios hoje como lideranças sociais, ideológicas, sejam eles pessoas individuais ou sejam eles grupos. Quando o processo identificatório oriundo da opção religiosa estiver frágil, abre-se o caminho para outros processos com identidade, estrutura e ideais diferentes. Segue a vontade de Deus não quem quer, mas quem consegue. E, por último, em quarto lugar, decidir seguir Jesus Cristo com alegria, na causa do Reino de Deus, como o melhor caminho para mim e para outros com um 'chamado' semelhante ao meu. Não é o melhor caminho como tal, mas é o melhor para mim, pois a ele está ligado a vontade Deus a meu respeito. A vinculação com Cristo - identificação e seguimento - "desencadeia uma dinâmica operativa de seguimento num projeto histórico, numa missão concreta de empenho pela instauração do Reino de Deus"⁴.

A opção pelo celibato evangélico é verdadeiro itinerário. Trata-se de uma forma de amar. Supõe ter deixado de lado outras formas de expressão de amor, supõe também deixar para trás outros modelos. Como temos claro que se trata de uma forma de amar, de um itinerário, de mudança de referenciais e de um processo de uma nova identificação?

Consciência dos obstáculos e fragilidades

A opção pelo celibato evangélico não é em primeiro lugar uma renúncia, mas uma expressão específica do amor. É possível reprimir os impulsos sexuais e pensar ser uma virtude não os sentir por serem um possível obstáculo à opção pelo celibato evangélico. Impulsos - sobretudo sexuais - reprimidos, não são impulsos mortos. Podem reaparecer quando menos se espera. Não se renuncia à sexualidade, mas a algumas formas de sua expressão. A energia decorrente da

⁴ Domínguez Morano, **Amores y desamores**. p 82.

sexualidade não é contrária a outras formas de expressão do amor. Igualmente não se renuncia à sensibilidade às pessoas, sobretudo às que vivem algum tipo de sofrimento ou carência. Não se pode considerar célibe pelo Reino de Deus a pessoa que vive de maneira cômoda, egoísta, isolada, insensível... mesmo que seja fiel a um celibato fisiológico. Neste caso, esta forma de viver é muito pouco evangélica e deixa transparecer imaturidades e formas compensatórias de frustrações passadas. Renunciamos a certas expressões de intimidade e partilha que garantem uma tentativa de fusão. Mas vivemos experiências de compreensão, intuição, empatia e partilha com muitas pessoas. Podemos viver vínculos afetivos progressivamente aprofundados. E isso nos dá mais confiança em nós, em nossa autonomia e plenitude partilhada. Nem Deus pode ser visto como aquele que preenche minhas carências afetivas. É preciso reconhecer que Deus se situa numa ordem diferente daquela da realização de nosso mundo de desejos. Por isso, nunca será o substituto da mulher ou do homem para os que se consagram na vida religiosa. É preciso aceitar que Deus não é aquele que preenche os vazios de nossa carência afetiva. As carências ou imaturidades são resolvidas num processo profundo de autoconhecimento, de aceitação da realidade, de integração da vida e de opção por uma oblatividade evangélica. Deus é plenamente Deus para todos e para cada um dos humanos. O celibato evangélico, ou pelo Reino de Deus, é assumido progressivamente com alegria. Aliás, é uma opção que precisa trazer alegria e entusiasmo. Podemos sentir fragilidades afetivas ligadas ao pai ou à mãe e, depois, transferi-las a uma espiritualidade narcisística, de dependência materna ou paterna. O processo de crescimento global prepara as condições para a opção pelo celibato evangélico.

Dentro de um mundo no qual há tantos estímulos diferentes para opções por um amor universal, aqueles que optam pelo celibato podem enfrentar certa solidão, certo anonimato, certa fragilidade de poder. Todos desejamos, de algum modo, prestígio, poder, recursos econômicos. Quanto mais frágil a autoestima, mais intensa se torna a tentação de transformar a escolha pelo celibato em algo compensatório. "A autoestima, necessária para o desenvolvimento pessoal e para uma sadia relação com os outros, para muitas pessoas se converteu na meta mais importante de seu desenvolvimento pessoal. Isso é um engano. Não se trata de ganhar autoestima a todo custo, mas de trabalhar por uma sadia autoestima que

favoreça a capacidade de amar e trabalhar”⁵ por uma causa teleológica ampla de grandes características humanísticas, como as do Reino de Deus. Precisamos da capacidade de amar e ser amado - mais amar que ser amado - para tecer um núcleo de relações que sustentam a necessidade básica de afeto, carinho e comunicação. Precisamos também de uma capacidade para projetar a própria existência em um compromisso de transformação da realidade que garanta sustento material e transformação social segundo uma ampla visão da humanidade que caminha para sua plenitude. Dali, a importância da reta intenção nos relacionamentos e nas ações. Na vida religiosa há conexão direta entre amar e trabalhar. A motivação e a intencionalidade em nossas ações precisam inspirar-se no modo de ser e agir e conviver de Jesus Cristo.

O celibato não é em primeiro lugar uma renúncia, mas uma opção assumida. O celibato pode não indicar opção pelo Reino. Mas esta opção precisa ser pelo Reino. Quais características desta opção podem indicar ser pelo Reino e quais não são sinal de Reino? Como Jesus Cristo é um modelo para nós na realização do Reino de Deus?

Formação para a capacidade de amar e opção pelo celibato evangélico

A opção pelo celibato evangélico não anula nossa afetividade nem nossa inteligência, nem nos torna dependentes em nossas decisões. Ao contrário, depois que discernimos qual nossa modalidade de amar, nosso amor universal para o Reino de Deus, vamos estruturando nossa identidade a partir desta opção. Um grande empenho é aprender a amar como Jesus amava, é nos identificarmos com ele em sua energia na pregação e realização do Reino de Deus. Nós o seguimos, não como ponto de chegada, mas como o grande mediador do Pai. Nós nos engajamos com Jesus e o Pai para realizar o Reino de Deus. Esta é nossa opção preferencial, e nela centralizamos nossas energias existenciais. O empenho de nossas energias requer superar a mediocridade para sermos significativos. A mediocridade produz apatia, estagnação e desânimo. Um grande requisito, portanto, é ensinar a amar superando processos de medo, de

⁵ Morano, Amores y desamores en la vida consagrada, p 33.

inibição, de fuga, de compensação, de projeções e de transferências. Pode ser que haja situações nas quais – mesmo fazendo a opção – a pessoa não tenha condições de seguimento. O celibato evangélico é para aqueles escolhidos por Deus, e que tenham condições de seguimento com liberdade interior. A condição de seguimento é confiada ao empenho humano e não pode ser atribuída a uma intervenção adicional da graça.

O celibatário pretende concretizar seu seguimento a Jesus numa sintonia com o que foi a específica dinâmica de Jesus ao qual segue. O projeto de vida do celibatário encontra em Jesus a maneira de usar sua afetividade e sua energia pulsional. A forma de Jesus ser e viver como homem celibatário e sua forma de conduzir-se nas relações com os outros é também o paradigma do celibato evangélico. Esta forma de relacionamento com todas as pessoas por parte de Jesus só é possível a partir de sua segurança sem preconceitos e de sua posição pessoal muito livre diante da sexualidade.

A via da renúncia e da repressão é uma alternativa negativa que distancia do amor e do Reino de Deus. A renúncia não é o centro da opção. É central a opção pelo Reino de Deus, que vai absorvendo as energias livres da pessoa e aquelas que ela pode libertar. Recordemos: um desejo reprimido – sem consciência – não é um desejo morto ou anulado. Dia mais dia menos, reaparecerá e trará suas consequências para o conjunto da pessoa.

A formação para a capacidade de amar inclui a educação do afeto; inclui a busca e a opção por ideais amplamente humanísticos; inclui orientar o coração para o Reino de Deus. “Difícilmente poderá assumir o compromisso do celibato alguém que não dispuser de uma suficiente capacidade de independência e autonomia pessoal, de tolerância à dor psíquica, de maturidade como capacidade de assumir sua condição de ser único”⁶. Isso é muito mais do que abstinência sexual. Esta capacidade de amar é amplamente beneficiada por uma comunidade que faz opções semelhantes e que elabora e executa projetos altamente evangelizadores.

⁶ Morano. Amores y desamores en la vida consagrada, p 29.

A repressão, em si, não facilita a opção celibatária pelo Reino de Deus. Facilita mais a capacidade livre de amar. O empenho em aumentar nossa capacidade de amar, com motivações evangélicas, é forma de discernir nossa fidelidade. Como podemos realizar isso em nossa realidade pessoal, comunitária e social?

Nossa opção alegre pelo Reino de Deus, um celibato evangélico

Opções mais baseadas na renúncia tendem a deixar consequências negativas em todos os envolvidos, especialmente através de depressão, vazio existencial, amarguras, moralismos, compensações, incompreensões e exigências. Podemos incluir também nestas consequências diferentes tipos de doenças, autodestruições, mortes, compensações ligadas ao ter e ser. "O celibato evangélico é uma decisão que se assume a partir da escuta de uma vocação pessoal e em função do serviço ao Reino, não em função de um sacrifício que se supõe prazeroso e agradável a Deus. O que é preciso pensar é que a Deus agrada a disposição radical de serviço no seguimento de Jesus, seja na forma de celibato ou de casamento. Porque uns e outros – celibatários e casados – são chamados a esse seguimento com a mesma radicalidade e mesma dignidade. Não escolhemos, portanto, na vida consagrada 'o melhor' caminho, mas 'o melhor caminho para nós', a partir do discernimento realizado diante de Deus"⁷. Melhor ou não, a diferença está na fidelidade à forma de amar e em sua qualidade cada vez mais livre, fiel e comprometida.

O crescimento integral permite fazer opções mais objetivas e fiéis em relação ao celibato evangélico. Precisamos empenhar nossas energias afetivas, emocionais nesta opção. O resultado será alegria, entusiasmo, dedicação, sensibilidade para com os pobres e necessitados.

A oração e a espiritualidade serão mais como a de Jesus que ora ao Pai, faz sua vontade, louva e intercede pelos seus para que sejam fiéis à vontade do Pai. O que pode alimentar esta espiritualidade é também uma força que dá consistência ao Reino de Deus. Nós nos identificamos com Jesus, nós o seguimos para realizar – com o Pai – o Reino como nos tem sido projetado e experimentado no Evangelho. A oração do celibatário consagrado se converte em um tempo e

⁷ MORANO, Carlos Domínguez. Amores y desamores... p 87.

espaço privilegiados para a internalização profunda daquilo no qual crê e espera, em uma oportunidade para ‘afetivizar’ profundamente este projeto do Reino pelo qual se consagra. Carregar a cruz cada dia nesta opção só tem sentido se for para seguir Jesus: “A partir do amor apaixonado por sua pessoa, engajar-se plenamente no seu projeto do Reino de Deus. É este Reino de Deus e sua justiça que condensará o mais decisivo de nosso mundo afetivo. O trabalho e a dedicação a este Reino de Deus e sua justiça neste mundo – seja qual for o carisma e espiritualidade da vida consagrada – justificam e conferem sentido e plenitude à renúncia que o celibatário leva a cabo com seu voto de castidade”⁸. A vida comunitária constitui um campo muito peculiar no qual aparecem os amores e os desamores da vida consagrada. Somos chamados à fraternidade como exigência primeira. A vida comunitária, evidentemente, nunca pode substituir uma vida de casado, os filhos e a família. Mas ela pode e deve prestar apoio a uma vida na qual se renuncia a tudo isso. De muitas formas a comunidade pode oferecer um ambiente que seja familiar, um lugar e ambiente onde se partilha e se celebra a mesma fé, um espaço no qual a interação fraterna estimula o compromisso pelo Reino, e um espaço no qual se favorece a paz, o descanso, a descontração. Isso supõe estar e conviver de forma sadia e franca e não funcional nem utilitária. O afeto precisa encontrar ali o seu devido espaço. O salmo 133,1 já no-lo recorda: “Como é bom, como é agradável habitar todos juntos, como irmãos”.

Precisamos alegrar-nos com nosso amor dedicado na construção do Reino de Deus, na missão que nos é confiada. Todo nosso empenho comunitário nos facilita esta alegria de servir e amar por razões gratuitamente evangélicas. Todos nos podemos empenhar em superar frustrações e nos alegrar com nossa opção livre e integrada. Dialogamos sobre a forma de realizá-lo.

⁸ MORANO, Carlos Domínguez, Amores e desamores na Vida Religiosa, p 87.

Concluindo...

A opção pelo celibato evangélico segue uma forma de expressão da vontade de Deus em relação a nós. Não é tanto uma opção privilegiada quanto é uma opção que requer o empenho de toda a pessoa. Converte-se num itinerário que implica certa superação do modelo familiar no sentido de dependência do pai ou da mãe. Um itinerário que implica superar os desejos afetivos e experiências compensatórias na dimensão de certo tipo de intimidades, de união; de certas visões imaturas de autonomia, de busca de poder, de prestígio e de facilidades e confortos econômicos; de formas narcisísticas e de status; de formas individualistas de organizar a vida. Consiste em assumir um altruísmo e uma missão aos que mais necessitam.

Em síntese, a opção pelo celibato evangélico é uma aventura discernida que inclui muitos aspectos a considerar, mas que pode também ser uma opção alegre e livre por uma forma de empenho e expressão do Reino de Deus. Identificamo-nos e seguimos Jesus para - com o Pai - realizar o Reino de Deus. Nesta causa e projeto desenvolvemos, concentramos e dedicamos nossas energias e nosso amor que inclui nosso coração, nossa inteligência e nossas forças.

Como podemos desenvolver nossa vida e um projeto comunitário que seja baseado no amor e num celibato evangélico pelo Reino de Deus?

FIDELIDADE DINÂMICA E CRIATIVA NA VIDA RELIGIOSA

Uma obediência respeitosa e amorosa a Deus, a si e às pessoas

Ir. Paulo Dullius, fsc

A fidelidade é realidade complexa que requer reforço, renovação e criatividade. Prometer um amor que dure para sempre é possível quando se descobre um desígnio maior que os próprios projetos que nos sustentam e que permite doar o futuro inteiro à causa do Reino de Deus.

Introdução e contextualização

A questão da fidelidade na vida religiosa, no matrimônio nos coloca diante de uma realidade bem humana, não resultante de forças instintivas, mas do exercício da liberdade e da responsabilidade. As opções se regem por realidades vistas como ideais, como metas, e/ou resultam de uma estrutura pessoal ou coletiva que se enraíza no passado. Há opções mais centrais e outras mais periféricas, no sentido de envolverem o conjunto da pessoa ou apenas aspectos dela. Não há opções que garantam em si a fidelidade, a capacidade de manter a opção realizada. A fidelidade vai depender de uma complexidade de fatores oriundos do passado, da forma de estímulos sociais e comunitários, da capacidade de responder aos desejos mais profundos conscientes e inconscientes que as pessoas e os grupos possuem. A fidelidade pode ser compreendida como um profundo respeito pela verdade presente na vida de cada pessoa. A resposta a esta verdade se constitui numa obediência respeitosa para com Deus que ama e que deseja fidelidade a seu amor; obediência a si, ao desenvolvimento da estrutura que nos caracteriza; obediência ao povo que nos é enviado e ao qual precisamos amar e servir.

A fidelidade é uma possibilidade estimulante e alegre de viver opções e promessas realizadas num passado mais ou menos remoto ou recente, e

reassumida hoje e amanhã. A fidelidade é uma das características humanas de expressão da maturidade e da liberdade. No entanto, ela precisa superar a dimensão de estaticidade para garantir maior dinamicidade e criatividade no itinerário de vida, sobretudo pelas novidades que decorrem da própria vida pessoal e grupal e também oriundas de realidades externas culturais e circunstanciais.

Em um tempo passado, não tão distante, as sociedades eram mais simples e os ritos de iniciação criavam identidade e estabilidade. Hoje há tantas evidências que insistem na mudança, numa mudança de época, mudança de paradigmas e também de compreensão da realidade. A influência desta realidade em mudança se reflete numa identidade mais oscilante, e se diluem os traços da permanência. A fidelidade dentro deste mundo em mudança ainda não se compreendeu bem e não se lhe dá suficiente espaço estrutural - é quase uma opção contracultural. Acentuando a mudança, a fidelidade pode transformar-se em algo raro, difícil e sem muito sentido. Aumentam as variáveis e pressões externas e internas, o que diminui a identidade mais estável e pode produzir na pessoa e nos grupos inseguranças que as levem a pensar em outras opções que sejam também significativas para elas.

Hoje também, inclusive para a vida religiosa, se deslocou um tanto o núcleo de compreensão, interpretação e decisão. Se num tempo passado a dimensão espiritual era o foco motivador, a forma de vivê-lo se transformou na variável interpretativa que poderia prever fidelidade ou infidelidade. Nesta dimensão a fidelidade foi considerada mérito, e a infidelidade vista mais como algum pecado e infidelidade à graça. Mesmo reconhecendo a validade desta dimensão e visão, hoje somos convidados veementemente a aperfeiçoar nossa visão integral de pessoa, dentro de seu processo de vida, sobretudo considerando as dimensões física, psíquica, espiritual, social e cultural. Há certa prioridade sequencial que requer atenção especial à dimensão física primeiro, depois à dimensão psíquica e social e, depois, à dimensão espiritual. Isso significa que a fidelidade tem alguma relação com a satisfação pela qual pessoas e grupos vivem todas as dimensões constitutivas humanas. E todos sabemos que nos interessamos positivamente pela etapa seguinte se tivermos realizado satisfatoriamente as fases anteriores. Em outras palavras, é preciso considerar certos pressupostos para garantir maior fidelidade a projetos assumidos para si, em sociedades e

grupos. Sempre foi a pessoa como um todo que fez as opções e se manteve fiel a elas, mas o contexto externo favorecia, sobretudo numa cultura da cristandade. Não era tão necessário estar atento a uma fidelidade sempre renovada. Hoje, sim, a fidelidade requer uma renovação quotidiana.

Hoje mudaram, em parte, os fatores ou aspectos que interferem na fidelidade ou não fidelidade a compromissos assumidos. Se é possível manter promessas e votos, pode também ser possível não manter promessas, e isso ser uma falta de fidelidade. Estamos mais acostumados a valorizar a fidelidade pois ela se aproxima da imagem e semelhança de Deus. Todas as pessoas e culturas são muito sensíveis à fidelidade/infidelidade. Consideram, em geral, a infidelidade como sendo algum tipo de traição, ainda que não compreendendo as razões que levam a não manter a fidelidade. Quanto maior for a conexão entre fidelidade e autoestima, maior será a sensibilidade frente à traição. As infidelidades sempre criam algum tipo de insatisfação. Esta questão das razões para a fidelidade ou infidelidade hoje se torna muito significativa, sobretudo quando pessoal e institucionalmente queremos manter um carisma que nos foi confiado, uma revelação sobre o ser humano e Deus realizados por Jesus Cristo, e pelo compromisso de cada ser humano em realizar e em participar na construção do Reino de Deus.

O termo 'fidelidade' nos remete à palavra *fé*, no sentido de adesão, como o expressa Silvano Burgalassi⁹, ou seja, uma observância sistemática e contínua de um preceito ou de uma promessa. Mas significa também uma "entrega interior e total que se refere à própria fidelidade de Deus"¹⁰. A fidelidade é possível, mas não é um determinismo biológico, nem psíquico, nem espiritual. É resultado de uma elaboração complexa da liberdade e da visão de continuidade de uma identidade que tem traços que permanecem e outros que mudam. A fidelidade é uma decisão como promessa que define a continuidade em aspectos significativos de nossa vida e estrutura. Todos temos consciência de sermos os mesmos, mesmo considerando as mudanças maiores ou menores que acontecem em nossa vida. Há aspectos genéticos e culturais e mesmo

⁹ Silvano Burgalassi, in Dicionário de Pastoral Vocacional, Salamanca, Ed. Sigueme, 2005, p 505. Original, italiano: Dizionario di Pastorale Vocazionale, a cura del Centro Internazionale Vocazionale Rogate, Ed. Rogate, Roma, 2002.

¹⁰ Burgalassi, Dic. Pastoral Vocacional, p 505.

educacionais da primeira infância que são 'intocáveis'. Mas há outros aspectos novos e oportunidades sobre as quais a pessoa vai assumindo sua identidade. A partir deste aspecto pode tomar decisões e ela mesma vai estabelecendo a continuidade na descontinuidade. Paul Ricoeur especificou esta diferença de identidade pela denominação de identidade idem e identidade ipse¹¹.

Para compreendermos mais este tema precisamos assumir a realidade como ela se apresenta hoje naquilo que se refere à fidelidade e ao abandono da opção feita numa instituição religiosa. A questão da fidelidade e da infidelidade é realidade não apenas na vida religiosa, mas também na vida matrimonial, na vida social e pode abarcar aspectos bem centrais da vida como também aspectos menos significativos no referente à opção fundamental. Podemos assumir que em geral uma grande decisão de fidelidade - e também de infidelidade - é o resultado de pequenas decisões e ações continuadas na linha da fidelidade e da infidelidade¹². Nada é indiferente, ou seja, a fidelidade e a infidelidade não são surpresas imprevisíveis nem momentâneas, mas resultam de uma complexa situação pessoal que pode ser melhor compreendida fazendo uma análise e itinerário no tempo da pessoa e dos grupos. Tanto a fidelidade quanto a infidelidade dependem de uma variedade de fatores, entendíveis apenas a partir da história daquele que nela está envolvido.

Neste complexo convém aprofundar a questão da fidelidade. Deus se revela como um Deus fiel. A história nos presenteia com tantos exemplos de fidelidade. Pessoas que são significativas ainda hoje são aquelas que um dia disseram 'sim' e o mantiveram pelo bem da humanidade, mesmo que este 'sim' tenha incluído, depois, dificuldades, obstáculos, dúvidas, incertezas e sacrifícios. Todos nós temos em nossa memória tantos 'sim' que ajudaram a humanidade, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, dentro da história da Igreja, do Instituto... São "sins" que expressam uma obediência ao Espírito Santo. "A fidelidade de Deus se manifesta quando a pessoa se coloca a questão da opção

¹¹ Identidade idem se refere à dimensão mais estável e a identidade ipse à continuidade dentro da realidade que muda. Veja-se de Paul Ricoeur, especialmente **O Si mesmo como um outro e Percurso de Reconhecimento**.

¹² Isso se pode ver bem em Davi e no próprio Judas: ambos seguiram a lógica de pequenas infidelidades e entraram numa dinâmica de pecado que, no final, se manifestou em ações graves, como conhecemos.

de vida. Mas precisa ser retomada, pois pode-se querer desistir e renunciar a um compromisso que parece superar nossa capacidade”.¹³

A fidelidade segue as várias etapas da vida e tem suas características e exigências, dependendo da idade, das circunstâncias e do grau de maturidade. Na passagem de uma etapa da vida para outra, pode haver momentos de insegurança e fragilidade. Esta fragilidade aumenta quando há experiências não bem elaboradas na fase anterior. A fidelidade tem sua psicodinâmica e seu processo que dependem da estrutura humana e de como esta estrutura tem sua configuração no presente momento, no contexto das motivações conscientes e inconscientes, nos ideais pessoais e grupais presentes, nas alternativas de opções possíveis, na maturidade afetiva, intelectual, profissional, religiosa. Dentro desta perspectiva se incluem também os contextos cultural, social, religioso como variáveis que podem configurar as opções e a identidade da pessoa.

Mesmo se estamos hoje presenciando uma certa facilidade para não manter compromissos e fidelidades, precisamos insistir na fidelidade e ajudar as pessoas a poderem manter as promessas como reflexo de sua liberdade interior, sua alegria de viver a partir das opções feitas. Por isso convém ressaltar os facilitadores da fidelidade dinâmica e criativa. O acesso a causas de desistência pode iluminar o caminho da fidelidade. “A fidelidade é tarefa que requer superar dificuldades, buscar novos horizontes, caminhar na devida direção e com uma boa companhia. A fidelidade está ligada à felicidade e ao êxito”¹⁴.

Na fidelidade dinâmica e criativa tem importância o acompanhamento pessoal e comunitário como iluminador do sentido profundo que cada pessoa busca e que é encontrável nas instituições. Este acompanhamento inclui algumas indicações processuais para a fidelidade - de responsabilidade de cada pessoa, da comunidade e da instituição mais ampla. A partir de uma compreensão mais ampla da complexidade da fidelidade ou infidelidade pode-se assumir alguns compromissos pessoais, comunitários e também institucionais. Estes compromissos não garantem a fidelidade, mas podem dar razões à fidelidade. “O caminho de preparação para o estado consagrado parece exigir

¹³ Burgalassi, Dicionário de Pastoral Vocacional, p 510.

¹⁴ Fidelidad y abandonos en la vida consagrada hoy, UISG, 66º conventus semestralis, (2006) p 3.

personalidades mais fortes, não excessivamente rígidas, capazes de receber ajuda de uma comunidade humana religiosamente madura”¹⁵.

As reflexões que seguem têm como objetivo aprofundar mais a fidelidade e como ela pode ser importante para a pessoa e para as comunidades. Referem-se mais à vida religiosa, mas a questão de manter fidelidade encontra-se em qualquer estruturação humana, seja dentro da vida religiosa seja da vida matrimonial. Representa em primeiro lugar uma fidelidade a si e ao desígnio de Deus sobre cada um de nós. É uma obediência respeitosa e amorosa a Deus, a si e às pessoas.

Sobre este tema projetam muita luz várias publicações sobre Vida Religiosa nos últimos tempos, especialmente instâncias amplas como congressos, reuniões de Superiores Gerais. Sou muito grato pelas contribuições de tantas pessoas sobre o tema, significando a importância deste tema. Destaque especial aos integrantes do Secretariado de Formação do Instituto, aos Irmãos Provinciais em sua reunião de junho de 2016, e à União Internacional de Superiores Gerais, em duas de suas Assembleias Gerais¹⁶.

Todos queremos ser fieis. A fidelidade é algo a construir que depende de uma variedade de fatores. Quais aspectos facilitaram até hoje minha fidelidade?

A questão da fidelidade

A fidelidade na vida religiosa se refere ao modo positivo e livre de viver a opção de estado de vida religioso. Pode-se perseverar neste estado de vida sem expressar fidelidade ao projeto do Reino de Deus. Isso pode acontecer quando há permanência por motivações centrais inconsistentes, tais como busca de segurança, medo da vida, gratificação e compensação de lacunas afetivas e econômicas, dificuldade de encontrar um sentido para sua vida, fuga de sentimentos de culpa conscientes e inconscientes. Algumas pessoas gostariam

¹⁵ Burgalassi. Fidelidad, in Dicionário de Pastoral Vocacional, p 510.

¹⁶ **FIDELIDAD Y ABANDONOS en la vida consagrada hoy**, Roma, Litus, Unione Superiori Generali, 66° conventus semestralis, 2006 e **PARA UNA VIDA CONSAGRADA FIEL - desafíos antropológicos a la formación**. 67° Conventus semestralis, Unione Superiori Generali, Litos, Toma, 2006.

de ter vocação e não a tem, e gostariam de forçar Deus a satisfazer seus desejos. Muitas pessoas, consciente e/ou inconscientemente, procuram prestígio, algum tipo de poder e facilidades... e veem na instituição religiosa uma boa oportunidade para preencher estas lacunas pessoais. Mesmo com motivações nem sempre adequadas, enquanto persiste uma forma de segurança ou gratificação permanecem dentro, mas sem serem suficientemente fiéis. Pe. Luigi Maria Rulla distingue a perseverança dos que permanecem na vida religiosa com liberdade, eficácia apostólica e como engajamento no Reino de Deus, daquela perseverança daqueles que permanecem porque lhes convém, fazendo da vida religiosa um ninho de tranquilidade, segurança e conforto¹⁷. Há também os que abandonam este estado de vida - não podemos, no entanto, dizer que foram infiéis ou não perseveraram. Esta desistência é uma questão complexa que se pode entender melhor caso por caso, e ao longo de nossas considerações¹⁸.

A fidelidade é dinâmica e criativa. Refere-se à nossa capacidade de assumir compromissos, promessas - e mantê-las ao longo da vida - ou a uma realidade provisória. A tendência é pensá-la como definitiva pois em nosso interior profundo sabemos ou nos foi ensinado que a fidelidade vem de nossa estrutura humana, à imagem e semelhança de Deus. E Deus é amor e poder. Assim o compreendemos e assim é. O amor tem como sua grande característica ser eterno. A fidelidade é uma compreensão do amor e, também por isso, supomos que seja mantida uma promessa e temos dificuldade de aceitar a falta de fidelidade. "A pessoa fiel experimenta uma profunda alegria, e sua vida se torna fecunda. A cultura atual reforça demasiado o provisório, o descartável, o movimento, a mudança e o espontâneo"¹⁹. É por isso que se precisa encontrar formas criativas de fidelidade. A identidade ipse - opção de continuidade nas descontinuidades - também se aplica à vida religiosa e à opção por ela: continuidade na diversidade de culturas e contextos.

¹⁷ Cf LM RULLA, *Depth Psychology and Vocation*.

¹⁸ Isto se pode ver quando tratarmos o tema abaixo, ponto 7, baseando-nos em diálogos diversos e em reflexões feitas pelos Superiores maiores, algumas delas presentes em **Fidelidad y abandonos...**

¹⁹ *Fidelidad y abandonos...* p 3.

Fidelidade é ser criativamente fiel a uma causa assumida. Permanecer na opção realizada - vida religiosa - não significa automaticamente fidelidade. Como podemos transformar sempre de forma renovada a nossa fidelidade?

Aspectos gerais: um exercício da liberdade

Creio que seja oportuno colocar, desde o início, a questão da liberdade como uma das características humanas fundamentais. Fala-se muito de livre arbítrio e puro arbítrio, ou seja, de decisões realizadas a partir de um contexto amplo, objetivas, de referenciais espirituais, culturais, institucionais... e de decisões tomadas a partir de critérios meramente pessoais, subjetivos, os quais incluem um misto de maturidade e imaturidade, liberdade e pseudoliberdade. Tomar decisões todos podemos, e nossas decisões podem representar nossa liberdade interior ou nossa imaturidade em vários aspectos. Muito se tem escrito sobre esta estrutura humana tanto em aspectos espirituais como psicológicos e filosóficos²⁰ no que se refere à liberdade. Poderíamos também falar de liberdade exterior e liberdade interior. A liberdade exterior pode ser legal, geográfica, social, cultural e religiosa. Jesus, no final de sua vida, praticamente não tinha liberdade exterior, mas sim liberdade interior, aquela que sustentou sua causa e sua opção fundamental. Esta liberdade interior é a decisiva para manter a fidelidade.

A fidelidade a Deus e ao Reino de Deus dentro da opção pelo estado de vida religioso, vivida numa instituição específica com seu carisma e missão, requer grande nível de liberdade interior, especialmente pelos possíveis condicionamentos externos que poderiam significar algum tipo de obstáculo e resistência para o exercício efetivo da liberdade interior. Dentro do contexto atual precisamos pessoas fortes, saudáveis, maduras e com grande capacidade de amar a Deus e às pessoas. Este é o exercício da liberdade que traz alegria e realização. Este movimento de interioridade e de intimidade com Deus e com sua vontade facilita a fidelidade dinâmica e criativa.

²⁰ A antropologia tem-se detido bastante sobre a questão da liberdade. Veja-se, por exemplo, **Liberdade, ponto crucial da antropologia**, in: PALUMBIERI, Sabino. *L'Uomo, questa meraviglia. Antropologia Filosofica I*. Urb. Un. Press, Roma, 1999, p 241 ss. Também se pode compreender algo saudável ligado a este ponto, em João Batista Mondin, **Antropologia Teológica**, São Paulo, Ed. Paulinas, 1985, p 100-119.

A fidelidade depende muito da capacidade de profunda liberdade interior e de um processo de crescimento para a maturidade. Mas queremos ser livres para servir. Eis o desafio.

Fidelidade de Deus na história da humanidade, na Igreja, no Instituto e em cada pessoa.

O modelo de nossa fidelidade nós o referimos à fidelidade de Deus. Ela faz parte de sua essência e é um de seus distintivos como Deus e como Pai: “Eu sou o primeiro e o último. Com amor eterno te amo, por isso te mantenho meu favor” (Jr 31,3). Silvano Burgalassi recorda que há muitas expressões da fidelidade de Deus²¹. Sua fidelidade está ligada à misericórdia como no-lo recorda também Papa Francisco²². Os cristãos baseiam a segurança de estarem salvos na fidelidade de Deus. “Fiel é Deus que vos chamou a viver em união com seu Filho, Jesus Cristo Nosso Senhor” (1Cor 1,9). A fidelidade de Deus manifesta-se plenamente em Jesus. Jesus também ‘amou os seus que estavam no mundo, e os amou até o fim’ (Jo 13,1). Consequentemente, toda experiência religiosa, pessoal e comunitária, é a história de uma dupla fidelidade: a fidelidade de Deus e a fidelidade do homem. O amor e a fidelidade de Deus são infinitos. Nossa fidelidade é limitada e passível de alguma forma de infidelidade. “Ela se expressa na fidelidade a Deus, aos Irmãos, aos homens e mulheres de nosso tempo, aos pobres”²³.

Esta mesma fidelidade de Deus se pode confirmar em toda história de Israel, no Cristianismo, na Igreja, no Instituto e em cada pessoa. As nossas infidelidades não mudam a fidelidade de Deus. A linguagem antropomórfica sobre Deus, sobretudo no Antigo Testamento, pareceria indicar algum tipo de mudança e de ‘infidelidade’ por parte de Deus, mas isso é nossa visão humana que o estabelece e interpreta. “Se somos infiéis, Deus permanece fiel” (2Tim 2,13). Assim, a possibilidade de infidelidade revela a fragilidade humana, a queda e o fechamento no limite, no egoísmo, no imediatismo, na autossuficiência, na falta de liberdade interior. O desejo de fidelidade se concretiza nas experiências de amor. Quanto mais o amor for experimentado e partilhado, mais se abre o

²¹ Burgalassi, in. Dicionário de Pastoral Vocacional, p 509.

²² Papa Francisco, in Misericordia Vultus (O rosto da misericórdia).

²³ Alvaro Rodríguez Echeverría, in: Fidelidad y abandonos... p 11.

caminho da fidelidade. Num mundo frágil e ambíguo como o nosso, a capacidade de amar tem muitas alternativas, mas também muitos riscos. Estamos presenciando como estes riscos estão muito presentes e se confrontam com as fragilidades e a falta de amor. Com isso, a possibilidade de infidelidade pode ser mais frequente. Não esqueçamos: de uma forma ou outra, sempre houve infidelidades. Nossa realidade de abertura ao transcendente se realiza numa condição humana na qual está presente a fragilidade, e nela alguns naufragam explicitando a realidade do mal e diferentes formas regressivas onde é difícil manter a fidelidade.

A história nos oferece muitos exemplos de fidelidade. Também podemos dialogar sobre fidelidades pessoais e outros testemunhos de fidelidade. Fidelidade tem a ver com a construção do reino de Deus.

Chamado a um seguimento e missão e a resposta dentro das possibilidades e fragilidades.

Uma das formas de discernimento se refere à modalidade específica de amar. Em vez de pensar a opção pelo estado de vida religioso mais como uma vocação, é preferível olhar a vida humana dentro do mandamento a amar. Dentro da constituição humana, um dos pontos nucleares e centrais está na capacidade maior ou menor de amar. E este amor tem uma expressão concreta que se transforma na missão, no local e na modalidade de amar. Os religiosos realizam este mandamento de amar dentro de uma disposição universal de amar a todos, especialmente aos mais frágeis. Pessoas que casam se inspiram mais num modelo particularizado de expressão do mandamento a amar. Então, a educação ao amor e a capacidade de doar a vida com alegria e como expressão da experiência de sentir-se amado fazem a pessoa e os grupos entrarem no contexto da fidelidade. Não há fidelidade autêntica sem amor.

“A fidelidade da pessoa como resposta à fidelidade de Deus se apresenta como opção fundamental ou como opção de vida. Somente no conhecimento do

²⁴ Burgalassi, Fidelidade, in: Dicionário de Pastoral Vocacional, p 510.

mistério divino da salvação se desvela o mistério do homem"²⁴. Não é que só pode ser fiel aquele que crê no Deus cristão. A fidelidade é uma possibilidade real de todo o ser humano, mas tem sua origem ontológica nesta estrutura definida por Deus. De alguma forma, toda fidelidade é uma revelação de Deus. A fidelidade não é um ideal abstrato impossível de realizar, mas se realiza no concreto humano que precisa ser promovido, protegido, desenvolvido e compreendido. Assim compreendido, recordemos novamente que a infidelidade não é um mal moral em primeiro lugar, mas uma condição humana na qual existe a possibilidade de fechar-se no limitado, no imediato, nas vantagens momentâneas, na queda na tentação do mal.

Toda decisão vital é uma forma mais central de opção da existência e se defronta com passos em um futuro incerto e obscuro. Na medida em que temos a convicção de que nossa vida tem sentido positivo e de que se encontrou o fundamento em Deus, então abre-se mais a possibilidade de fidelidade, dentro de um itinerário dinâmico. Buscamos algum tipo de satisfação. Se não a encontramos, nossa tendência é não insistir nem permanecer na insatisfação, mas mudar ou tentar outras alternativas. Por isso a experiência do amor a Deus e às pessoas precisa ser vivida como algo gozoso, alegre, agradável. Sendo aprofundada e retomada criativamente, nos sentimos estimulados a seguir crescendo nesta opção. A vontade e a realidade de desistir deste itinerário comporta, portanto, algum tipo de insatisfação - espiritual, psicológica, social, física... - que desperta o desejo de buscar alguma satisfação em outras formas de viver, em aspectos menores ou em seu conjunto.

Não é necessário sonhar com uma vida sem fragilidades, mas assumir as possibilidades reais decorrentes de nossa fragilidade e de nossa possibilidade, fazer as opções e mantê-las dentro daquilo que nós mesmos podemos esperar de nós, e do que a Instituição pode apoiar e sustentar no sentido do crescimento na fidelidade. Deus confia em nós e é fiel à sua promessa de salvação²⁵. Esta percepção e vivência torna-se, pouco a pouco, uma experiência pessoal. E Deus e seu Reino vão sendo o referencial central, e Jesus se transforma em primícias de nossa fidelidade e no modelo para servirmos com alegria o próximo.

²⁴ Burgalassi, Fidelidade, in: Dicionário de Pastoral Vocacional, p 510.

²⁵ Burgalassi, Fidelidade, in: Dicionário de Pastoral Vocacional, p 509.

Todos somos chamados à fidelidade dentro da fragilidade humana. É bom dialogar sobre as fragilidades que comprometem a fidelidade ou a superação das mesmas para ter melhores disposições à fidelidade.

Aspectos da fidelidade: a pessoa - a comunidade - a instituição

Podemos abrir o leque de nossa fidelidade considerando três variáveis que entram no processo da fidelidade. Da qualidade de cada um - pessoa, comunidade, instituição - pode-se ter elementos para entender a eficácia apostólica e sua força na fidelidade dinâmica e criativa. Em vez de considerar rapidamente o mistério da graça, convém considerar estas três variáveis e ver sua inter-relação e influência na liberdade objetiva para crescer e seguir na fidelidade a Deus, a si e às pessoas para as quais somos enviados. Deus é uma presença permanente e onipotente tanto na pessoa quanto na comunidade e na instituição. Sua graça é sua presença na estrutura humana. Se há alguma dificuldade, não é da falta de graça, mas falta de nossa disposição efetiva, capacidade e falta de liberdade para optar seguindo o amor de Deus.

Podemos concordar que o seguimento na vida religiosa depende de muitos fatores e não apenas da decisão pessoal. Não segue com liberdade e maturidade a opção pela vida religiosa quem quer, mas quem pode e tem condições existenciais, como muito bem o avalia Carlos Domínguez Morano²⁶. Sempre precisamos considerar a relação dialética entre a pessoa - a comunidade - a instituição. A pessoa vem com sua estrutura pessoal construída em sua vida passada - como veremos a seguir; a comunidade, lugar afetivo, humano e dos valores evangélicos, é suporte, incentivo e garantia de realização humana ampla, incluindo a dimensão espiritual; a instituição é decisiva enquanto carisma, enquanto proposta existencial válida para hoje e amanhã, enquanto alternativa de realização dos ideais pessoais, incluindo os oriundos da estrutura humana passada e os oferecidos como ideais. A associação para a realização de ideais espirituais que dão sentido à vida é variável para uma unidade entre o que a

²⁶ Veja-se mais sobre esta questão, em MORANO, Carlos Domínguez, **La Aventura del Celibato Evangélico**, Vitória, Editorial Frontera, 2004.

pessoa deseja em profundidade para si enquanto é vivido e estimulado por uma comunidade e enquanto é proposto como sociedade ampla engajada na realização concreta do Reino de Deus.

Despertar, incentivar e promover o crescimento pessoal, ter uma boa experiência comunitária e associar-se a um engajamento apostólico atraente... eis o que pode facilitar a fidelidade dinâmica e criativa. O contrário também faz sentido: muitos conflitos físicos, psíquicos e espirituais, pouco apoio comunitário, frágil projeto apostólico... tudo isso pode ter suas consequências nefastas na fidelidade e na perseverança. A pessoa frágil do ponto de vista humano precisa ser ajudada por uma boa comunidade com unidade e apoio em diversos aspectos, e também precisa de um bom projeto institucional que lhe dê segurança, identidade e motivação para ir superando aspectos existenciais que possam comprometer a fidelidade dinâmica e criativa. Grupos - comunidades - que estão fundamentados em modelos imaturos podem ser obstáculos à fidelidade. O mesmo se pode dizer das instituições quando não oferecem razões atraentes e transcendentais que motivem a vida das pessoas e dos grupos.

Uma pessoa saudável do ponto de vista humano e que é movida por uma profunda fé e visão apostólica; uma realidade comunitária na qual há acolhida, compreensão, diálogo e relações fraternas maduras evangélicas e que se expressa numa associação para a missão do carisma; uma estrutura institucional que anima as pessoas e comunidades, que é reflexo da elaboração conjunta, que tem grandes e motivadores projetos apostólicos nos quais vale a pena empenhar sua vida... tudo isso facilita o projeto de fidelidade dinâmica e criativa.

La fidelidad implica muchos aspectos de la vida. Es facilitada por la dimensión personal, comunitaria e institucional. ¿Cuáles de estas dimensiones están presentes en mi vida de forma positiva y cuáles podrían ser reforzadas?

Fidelidad y etapas de la vida

La fidelidad tiene sus características específicas que se esperan para cada una de las fases de la vida y para circunstancias bien específicas y diferentes. Todos necesitamos vivir de manera positiva cada etapa de la vida. En cada etapa existen características de amor que facilitan el crecimiento y el paso para la etapa

siguiente. Realidades y aspectos no bien vividos en una fase son obstáculos al crecimiento y despiertan deseos de recuperación o compensación. Algo semejante se puede decir cuando no se permite vivir bien una etapa de la vida, pero se exige que la persona viva la madurez de la etapa siguiente sin que esté suficientemente preparada. Todo tipo de desproporción genera ansiedad y da la posibilidad a una represión y regresión. Es necesario un amor y un respeto profundos en cada etapa de la vida. No siempre realizamos con el amor suficiente cada etapa de la vida. Pero basta un mínimo de amor vivido para que estimule a las personas a abrirse a los otros y a las otras etapas de más madurez. El amor está unido a expresiones de vida tales como aceptación, acogida, comprensión, valorización, promoción, acompañamiento, cuidado. Y el desamor se caracteriza por expresiones de agresión, desvalorización, rechazo, aislamiento, represión... Esta distinción es importante tenerla presente, pues la fidelidad y la permanencia dependen mucho del amor que la persona o grupo reciben y manifiestan, en el compromiso por una causa evangélica.

A fidelidade é dinâmica e acompanha as várias fases da vida, com suas características próprias. Como expressei a fidelidade em minha vida até o presente momento e como poderei expressá-la para o futuro?

Diversas etapas da fidelidade em diferentes momentos da vida

A grande fidelidade é a Deus, a si e ao desempenho da vontade dele em qualquer momento da vida, especialmente na etapa na qual se vive. Cada etapa da vida tem suas especificidades enquanto expressão, enquanto desejos e enquanto formas de viver em comunidade, seja ela família, comunidade paroquial e educacional, sociedade cultural. Não é aqui o lugar para desenvolver as características de cada etapa da vida²⁷. Há uma compreensão generalizada sobre características maduras que são específicas de uma determinada fase da vida. Importa ter presente que o sucesso existencial de cada etapa prepara a

²⁷ Todos conhecemos livros, experiências diversas onde se pode aprofundar o conhecimento e o acesso a diferentes etapas da vida em diferentes épocas e culturas. É muito recomendável conhecer estas realidades e exigências, e poder entender mais sua possível interferência no processo da capacidade de fidelidade.

pessoa e os grupos a se disporem à seguinte etapa com boa motivação, com grande chance de sucesso e com empenho de si como um todo integral.

Podemos distinguir as etapas de crescimento de duas formas: dentro de um processo de crescimento - etapas sequenciais e distintas - e como dinâmica e processo de mudança de uma etapa existencial para outra. As etapas do processo de crescimento são-nos conhecidas pelos livros que tratam do desenvolvimento humano²⁸. A passagem de uma etapa para outra pode ser realizada com sucesso ou pode nem sempre ter sucesso pleno. Para isso é importante distinguir os modelos de crescimento que podem ser sequenciais ou hierárquicos. Os modelos sequenciais acentuam as variáveis que vão mudando, mas podendo a pessoa não ter resolvido todas as características da fase precedente. Este modelo é muito frequente, e é bastante característico dos escritos de Eric Erikson. O modelo hierárquico tem algumas características básicas que precisam se realizar, caso contrário a pessoa permanece no estágio no qual está. É mais frequente no modelo de L. Kohlberg com seu desenvolvimento moral. No caso do modelo sequencial a pessoa passa a assumir características da etapa seguinte, mas pode ter questões não resolvidas nas etapas anteriores, que impedem uma liberdade efetiva requerida para a etapa atual. São os ferimentos afetivos ou as frustrações de desejos. Um crescimento qualitativo requer curar os ferimentos das etapas anteriores. No modelo hierárquico, a pessoa pode permanecer numa etapa anterior e nunca evoluir a uma etapa pós-convencional de adulto. Será imaturo para os compromissos que assume para hoje e pode não conseguir ser fiel.

Para crescer qualitativamente precisamos ter boas experiências - e por bom tempo - dentro da etapa correspondente na qual se vive a fim de aumentar nossa autoestima, nossa segurança e, assim, nos dispormos a dar o passo para a seguinte etapa. O sacrifício pode ser visto como saudável quando está a serviço do amor ou como sua expressão. Portanto, expressão de uma realidade teleológica que se apresenta como alcançável, mesmo com alguma renúncia, ruptura ou sacrifício. Sacrifícios passivamente aceitos não contribuem para um empenho saudável. É provável que, de alguma maneira, a infidelidade a uma

²⁸ São muito úteis, neste caso, as abordagens de Ausubel, S. Freud, Melanie Klein, Eric Erikson, L. Kohlberg, J. Fowler e outros.

promessa possa ser resultante de algum tipo de imaturidade e insatisfações acentuadas na vida interior, na comunidade ou na missão.

Podemos distinguir - para o caso que nos interessa aqui - ao menos três fases mais centrais do desenvolvimento humano: a) A fase da infância, na qual o centro está na dimensão física: corpo, corpo dos outros, conforto material, segurança de moradia e de tranquilidade ambiental. Nesta centralização vai se compreender o amor, ou as experiências que predispõem a superação desta centralização mais material. Toda experiência de amor - aceitação, segurança, conforto material... - predispõe ao crescimento e à abertura tranquila para a fase seguinte. As dificuldades nesta leitura 'material' são assimiladas como falta de amor e deixam seus efeitos negativos. Consequentemente despertam desejos de se vingar de si e de outros, de compensar ou de destruir o próprio projeto e o de outros. Pode haver alguma lacuna nesta fase da vida que leve a pessoa a escolher a vida religiosa como lugar compensatório. Mesmo permanecendo nela, se não integrar esta sua história, sua eficácia apostólica²⁹ será frágil e pouca.

b) Uma outra fase na vida se orienta mais pela socialização e compreensão do mundo. Boas experiências de comunidade, de aceitação pelo modo de ser, o acesso à cultura... podem significar experiências de amor. Os pais e a família podem facilitar esta iniciação na vida social. Sentimentos de inferioridade oriundos de comparações, julgamentos, identificações... fazem as pessoas se isolar e enrijecer. Com o tempo criam uma estrutura rígida e regressiva e usam-na em suas dinâmicas sociais, podendo até pensar que se trata de uma ação objetivamente correta, porque a aprenderam do mundo adulto. Uma educação no respeito, no amor e no diálogo posteriormente vai facilitar o compromisso na fidelidade, na promessa e na humanização dos demais. Fracassos neste processo fazem a pessoa reprimir, regredir e se fixar em formas imaturas de viver. Estas formas imaturas podem provocar buscas compensatórias e de superação, mas podem também predispor a certa insatisfação por não superar os obstáculos; e a pessoa pode colocar em questionamento a fidelidade e a continuidade das opções centrais feitas na vida.

²⁹ Eficácia apostólica significa a força dos valores, sobretudo evangélicos, que acompanham as ações e os empreendimentos. Eficiência se refere mais à metodologia adequada para chegar aos objetivos previstos. Alguém pode ser muito eficiente e pouco eficaz. Pessoas com grande qualidade interior em geral são muito eficazes do ponto de vista apostólico.

c) Outra fase que podemos citar consiste na vida adulta na qual a pessoa repete as experiências feitas na própria família, os modelos assumidos e internalizados. O acesso a visões de sentido de vida que sejam boas é uma forma de experimentar o amor. Algumas frustrações e fracassos na expressão de um verdadeiro altruísmo podem gerar insatisfações e levar a questionar a objetividade das opções anteriores e também, possivelmente, despertar o desejo de mudar as decisões feitas até agora e buscar outra forma existencial, incluindo outro estado de vida.

A mudança de um estilo existencial para outro - opção de vida - em geral acontece uma ou duas vezes na vida. Para o caso da vida religiosa, além de considerar todo processo de amadurecimento humano e cristão que nos é facilitado pela compreensão da estrutura humana, pela antropologia filosófica e teológica, pela psicologia e sociologia e pela cultura... além desta superação de uma etapa na qual se vive para assumir uma seguinte etapa mais madura, a vida religiosa precisa considerar a complexa realidade do modelo familiar e o modelo da vida religiosa. Alguns escritos de Carlos Domínguez Morano chamam especial atenção a esta experiência existencial³⁰ no sentido de que para entrar na vida religiosa como opção evangélica de construção do Reino de Deus é preciso ser capaz de deixar para trás o modelo familiar, ou seja, deve agir com liberdade segundo a vontade de Deus e superar aquilo que dificulta fazer opções radicais por Deus e seu reino. A pessoa realizou experiências na família, com amigos, com comunidades. Estas experiências podem incluir frustrações e também sucessos. Quanto aos sucessos, pode ser que a pessoa queira repeti-los ou refletir-se neles com liberdade para realizar o seu próprio caminho autônomo a partir de outros referenciais. Os insucessos afetivos, as frustrações desencadeiam lacunas afetivas que podem interferir nas escolhas seguintes para a vida religiosa e comprometerem a fidelidade com liberdade e criatividade. As reações podem ser as mais diversas em questões de visão da vida religiosa, da vida familiar. Os êxitos favorecem a fidelidade e a liberdade. Isso faz pensar que há certas precondições para optar pelo Reino de Deus e se manter fiel³¹. A passagem do

³⁰ Veja-se, especialmente, Carlos Domínguez MORANO, ***La Aventura del Celibato Evangélico. Sublimación o represión, Narcisismo o alteridad.*** 2004, Editorial Frontera, Vitoria/Gasteiz, España, e ***Amores y desamores en la vida consagrada,*** Vitoria, Ed. Frontera, 2014.

³¹ Veja-se também um texto meu sobre este tema: ***O celibato pelo Reino de Deus,*** a ser publicado na Revista CONVERGÊNCIA, crb do Brasil.

modelo familiar ao da vida religiosa se reveste de uma importância particular. Vai depender bastante do conteúdo e do método para realizar esta passagem com êxito sem fugir nem reprimir, mas como uma opção para uma liberdade maior e uma expressão de verdadeiro crescimento. Esta passagem requer uma atenção especial por parte da pessoa e da comunidade. Precisamos ter presente que a própria estruturação da vida religiosa se baseou bastante no modelo da família. A semelhança é repetida pela analogia: A vida religiosa é uma família, mesmo que esta analogia tenha suas limitações, como nos recorda Adrian van Kaam.

A dinâmica da fidelidade passa por várias fases da vida. Quanto mais consciência tenho desta dinâmica posso passar as fases para o meu crescimento. Olhando a vida pessoal e comunitária, como sucedem estas fases e como foram superadas para a etapa seguinte?

A passagem de etapa e as fragilidades e possibilidades: variáveis existenciais.

A passagem de uma etapa para outra sempre apresenta algumas incógnitas em relação ao futuro. Também significa fazer alguma ruptura da realidade atual. Esta ruptura ou separação sempre significa algum tipo de risco. Podemos afirmar que só crescemos com rupturas e superações, mas nem toda ruptura é crescimento. Perda de pessoas amadas, rompimento de compromissos, de amizades, desânimos na vida que levam a opções regressivas... são rupturas que não significam crescimento.

O processo de separação ou ruptura em geral segue momentos e dinâmicas distintas. As passagens de um estágio para outro podem se referir a uma questão bem ampla e global, mas também se aplicam a situações mais simples de nosso cotidiano. Algumas rupturas e passagens acontecem bastante sem nosso planejamento. Há forças alheias a nós, por exemplo, que definem nosso crescimento físico e deixamos de ser crianças para nos tornarmos adolescentes, jovens, adultos e idosos. Mas nem tudo obedece unicamente à realidade do corpo: há tantas outras variáveis a considerar quando se trata de uma passagem qualitativa de viver para outra etapa. Cada nível tem sua lógica própria para

mudanças e para crescimento. Quanto mais universal o nível – como o espiritual – mais a caracterização depende de uma complexidade maior de fatores. No caso da opção religiosa temos três realidades: a pessoa antes de entrar, o processo de entrar e a concretização do pertencer à instituição religiosa. Para tal, portanto, temos três momentos deste processo de passagem. Cada momento tem suas características que precisam ser bem estruturadas para preencherem positivamente sua realidade. É uma espécie de rito de passagem. Genep³² acentua que cada rito de passagem compreende necessariamente três estágios, fases: separação, margem, reagregação, ou seja: fase preliminar, liminar e pós-liminar. Em largos traços estes passos acontecem na opção pelo estado religioso. Dá-se a ‘separação’ do modelo familiar, dos amigos, do contexto, dos valores, da visão da vida, do lazer, da cultura e de tantas outras questões ligadas a esta realidade. É preciso ajudar a cada um a compreender e a realizar este processo. Um segundo momento, ‘margem’, se refere ao processo de formação inicial na qual ainda não se tem identidade nova nem ainda identidade no seguinte grupo que realiza a acolhida – vida religiosa – com suas características comunitárias, afetivas, profissionais, apostólicas. Esta passagem se revela como nova, insegura e também surpreendente por antever progressivamente a nova estruturação na medida em que avança o processo de separação e se aproxima da nova realidade. É um profundo momento de transformação estrutural. Uma vez dentro da nova realidade, dá-se a ‘reagregação’, e a pessoa tem novamente sua identidade, segurança...

Isso parece indicar algo significativo para o que estamos considerando. Pode haver facilidades ou dificuldades na separação do modelo familiar e pode haver dificuldades ou facilidades dentro do modelo novo – vida religiosa. Contudo, ressalta-se a fase do estar à margem, na qual não se tem suficiente identidade e se vive certa solidão e incerteza. A passagem em si é muito delicada: Deixa-se uma realidade e ainda não se tem uma nova. Este desconforto se presta a processos de ansiedade e de regressão, como bem recorda Melanie Klein em seus escritos. Esta insegurança pode ser interpretada como regressiva: regressão para estágio anterior e fuga (negativa), ou regressão a serviço do eu (positiva).

³² GENNEP, ARNOLD VAN (1873-1957), antropólogo francês que estudou os fenômenos religiosos, sobretudo na África.

Bom conhecimento, suporte afetivo, acompanhamento próximo e confiante facilitam esta passagem.

Quando fazemos boas experiências familiares estamos mais dispostos a superar este modelo e a empenhar-nos no modelo que é, para nós, aquele da vida religiosa. A passagem, o 'estar à margem', não será dramática se houver estímulos positivos por parte da família e se houver proporcional acolhida em um novo modelo na própria família e na Instituição religiosa. Deixamos para trás a família, os amigos, certos empenhos motivacionais, nossos bens, nossas seguranças e nos embrenhamos num futuro que pode ser muito atraente e corresponder ao que Deus pede de nós. A fragilidade da passagem, a liminalidade, se beneficia com um bom acompanhamento, com uma segurança afetiva e com estímulos que possam garantir um sucesso nesta 'travessia' de um modelo para outro. Precisamos abrir mão do modelo familiar, separarmo-nos dele pelo exercício de nossa liberdade e assumir outro modelo que nos acolhe e confirma. A maneira de acolhimento do grupo no qual se entra neste processo de reagregação, esta forma ampla, desempenha papel importante e que pode facilitar a opção e ajudar a reencontrar nela nova identidade e segurança estimulando, assim, a fidelidade. A passagem pode ser mais dramática e difícil ou pode ser menos dramática. Mas ela é muito importante e requer atenção especial das pessoas, da instituição e do itinerário formativo. A experiência sagrada tem esta dinâmica muito presente na própria estrutura de transformação e libertação, como na missa, nos ritos dos sacramentos, na experiência de Deus, como o faz ver Dario Zadra³³.

Isto dito, convém estar atento à compreensão do modelo da separação - família - para saber algo das predisposições que estão dentro da pessoa e dos grupos. Modelo familiar se refere à forma pela qual uma família está estruturada e é significativa dentro de uma determinada cultura. Sabemos que para algumas realidades esta estrutura - modelo - é muito significativo, e também muito presente em decisões posteriores. Naquilo que este modelo familiar favorece as opções, precisa ser valorizado. Quando o Evangelho fala em 'odiar pai e mãe' não se refere a um sentimento negativo, mas quer dizer que a família não pode ser um obstáculo para o crescimento na liberdade e na realização da vontade

³³ Dario ZADRA, **Il tempo Simbolico: liturgia della vita**, Brescia, Morcelliana Editrice, 1985.

de Deus. A última palavra sobre as opções é de Deus e não da família. A família precisa ajudar as pessoas a descobrir a vontade de Deus e favorecer a fidelidade a ela. Pode haver pessoas que tenham grande dificuldade de separar-se do modelo familiar porque representa sua frágil segurança, ou porque as frustrações afetivas fazem as pessoas - sobretudo inconscientemente - decidirem pela repetição deste modelo para recuperar o que lhes 'faltou' quando ainda crianças. Além disso, os valores espirituais e altruístas frágeis podem fechar a pessoa e os grupos a uma doação livre e amorosa pelo Reino de Deus.

Além deste processo de separação, a fidelidade e o engajamento no novo reagrupamento são facilitados pela forma pedagógica e humana positiva de acompanhar a pessoa no processo de separação, de 'solidão', de busca e de experiências de uma nova identidade que corresponda àquilo que no mais profundo deseja. Ambientes de acolhida, de proximidade, de diálogo, de partilha asseguram um afeto positivo para aquele que está realizando esta passagem de um modelo para outro, sentindo-se incentivado e vendo-o como alternativa saudável para sua vida. Alguma não continuidade na vida religiosa pode ter tido a influência de formas pouco caritativas e misericordiosas na elaboração do processo de separação do modelo familiar, ou em não tornar a nova comunidade suficientemente segura e atraente e desafiadora.

Há uma dinâmica de passagem de fases ou etapas. Sempre implica alguma ruptura e um passo para maior integração e liberdade. Significa separação, mas realizada de forma pedagógica delicada. Podemos dialogar sobre isso.

Psicodinâmica e o processo de fidelidade

Tendo considerado alguns aspectos dos estágios da vida e a passagem de um para outro, podemos explicitar algo sobre a psicodinâmica e o processo de fidelidade, antes de considerar o contexto mais amplo e os facilitadores da fidelidade.

A pessoa é o resultado daquilo que viveu até o presente momento e daquilo que se propôs a viver no futuro, dentro do contexto de hoje e amanhã. A questão da fidelidade dentro deste contexto de passado e futuro apresenta-se como desafio - e nunca suficientemente previsível. As surpresas da vida provindas do passado,

do presente e do futuro desafiam possíveis previsões, especialmente aquelas deterministicamente feitas. Entre estímulo e resposta o ser humano interpõe todo um mundo simbólico, como o diz Ernst Cassirer³⁴. Este mundo simbólico inclui uma psicodinâmica antropológica complexa que se estrutura a partir da psicogênese e a partir de todo um mundo vivido hoje e amanhã. As pessoas fazem respostas mais imediatas ou mais refletidas³⁵, mas sempre incluindo a realidade consciente e inconsciente. Por mais que se reflita, às vezes não se consegue superar a predisposição que nos vem de conteúdos inconscientes.

Quando se fala da psicodinâmica queremos compreender a estrutura humana agindo como um todo. Podemos ser influenciados em qualquer parte e também nos organizamos em motivações as mais variadas. Sinteticamente falando, somos uma unidade sensível ao amor como núcleo identificador humano. E este amor está presente na dimensão física, psíquica e espiritual, social; nas potencialidades do afeto, da inteligência e da vontade; na cultura, na história, na arte, nas conquistas tecnológicas, na construção do que permanece e do que muda. Sobre estas áreas diferenciadas se estrutura o amor ou o desamor, nas características acima mencionadas. Esta estruturação é a psicodinâmica e interfere nas decisões que tomamos para hoje e amanhã. Ora, a organização pessoal, dentro de uma instituição, pode facilitar ou pode dificultar a fidelidade e a vivência das promessas realizadas, bem como o sustento positivo e saudável do estado de vida.

A fidelidade implica num crescimento amplo de todas as características humanas. Precisamos levar em consideração estas características quando queremos favorecer a fidelidade. Qual a visão que tenho quando penso na fidelidade?

³⁴ Cf. Ernst CASSIRER, *Filosofia delle Forme Simboliche (Fenomenologia della conoscenza, il linguaggio, il pensiero mitico)*.

³⁵ Uma reação mais imediata e instintiva (emotional wanting) é mais impulsiva e conta com o conteúdo essencialmente afetivo, da memória afetiva; outra reação, mais refletida a partir de critérios (rational wanting) e valores mais objetivos. Pe. Rulla, in *Depth Psychology and Vocation*, trata mais detalhadamente desta dinâmica.

Fundamento existencial consciente e inconsciente como motivação.

Todo o vivido pertence à nossa identidade, saibamo-lo conscientemente ou não o saibamos. Não há nada esquecido ou destruído para sempre de quanto se refere a nós que o vivemos. Temos muitos dados intelectuais em nosso consciente e inconsciente. Tudo pode servir de motivação potencial ou real para as ações em qualquer etapa da vida. Aqui convém ressaltar a valorização do inconsciente realizada por Freud, transformando-o num verdadeiro dado humano que precisa ser incluído na cultura³⁶. Isso significa que há dados inconscientes presentes na vida humana desde a concepção até o final da vida, com intensidade diferente segundo o conteúdo e a idade, e segundo a força do consciente. O que assumimos também é que, se o inconsciente é da pessoa, ele está presente em todas as características antropológicas, especialmente na dimensão psíquica e espiritual. E também não podemos assumir que nele os conteúdos presentes sejam fruto da repressão, como afirmava Freud. O inconsciente faz parte da constituição humana e tem suas leis próprias. Como nele estão as experiências vividas, de amor e de desamor, com as quais a pessoa se defrontou em sua família, em sua cultura e em seus ideais, é muito sábio aceitar esta dimensão humana e encontrar os melhores métodos de acesso a ele. Conhecendo melhor nosso interior profundo podemos evitar surpresas motivacionais. Pode-se, assim, evitar que apareçam conteúdos que podem condicionar nossos comportamentos e nossas decisões. Dentro de nosso tema, o inconsciente pode ser um dos aspectos bastante centrais na tomada de decisões, nas motivações para tais decisões e na possibilidade e probabilidade de fidelidade. Conteúdos do inconsciente podem sempre nos surpreender se não temos um mínimo de conhecimento e integração de nossa história. O grande passo da passagem do esquecimento para a memória consciente é um desafio necessário na vida das pessoas e dos grupos. Só podemos compreender se conhecemos amplamente aquilo que sucedeu. Conhecendo e compreendendo podemos redirecionar motivações, objetivos na vida e opções³⁷. Podemos

³⁶ Este reconhecimento do valor cultural do inconsciente foi realizado por Paul Ricoeur, in: *Da Interpretação: ensaio sobre Freud*, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1977. Título original: *De L'Interpretation: Essai sur Freud*, 1965.

³⁷ Muitos aspectos desta dinâmica podem ser encontrados em: RICOEUR, Paul. *La Mémoire, l'Histoire, l'Oubli*. Paris, Éditions du Seuil, 2000.

também descobrir as fragilidades e possíveis predisposições que poderiam questionar a fidelidade a nossas opções centrais. Na fidelidade - dentro das causas que facilitam ou dificultam a capacidade de manter promessas e adesões a instituições - as causas provindas do inconsciente podem ter papel muito importante. Hoje é quase uma exigência que formadores, superiores, religiosos tenham algum acesso seguro e uma compreensão ampla do inconsciente³⁸.

O consciente e o inconsciente pertencem à mesma pessoa. Nem sempre o conteúdo e a dinâmica inconscientes coincidem com os dados do consciente. A brevidade deste texto não permite desenvolver suficientemente esta conexão e inter-relação. A história, especialmente a história da vida religiosa, privilegiou sempre a dimensão consciente que inclui dados afetivos, mas sobretudo aspectos intelectuais e volitivos. E direcionou estes dados para a área espiritual ao redor da qual realizou as opções de vida. Continua sendo sempre importante a dimensão consciente, sobretudo na responsabilidade de escolha de conteúdos, experiências e ideais que possam favorecer a fidelidade às opções realizadas. Se os conteúdos inconscientes, os quais têm também aspectos afetivos, cognitivos e volitivos, se estes conteúdos forem frágeis no sentido de não sustentarem opções e promessas, a fidelidade pode também ser frágil. O contrário também é válido: conteúdo afetivo saudável, conteúdos intelectuais baseados em tantos valores e opções favoráveis ao estado de vida, tudo isso pode predispor para uma fidelidade mais madura, livre e comprometida.

Há uma corresponsabilidade pessoal e institucional para valorizar experiências, conteúdos e opções que apoiem as opções feitas pelas pessoas e grupos. Elas podem facilitar este itinerário, mesmo que não possam garanti-lo sempre, pois há outros aspectos que se apresentam e são interpretados, elaborados dentro da memória afetiva que sintetiza o conteúdo geral do inconsciente. Podemos, portanto, optar por fortalecer o consciente para criar mais unidade com a opção feita. Recordemos que não há ação humana que seja unicamente consciente. Sempre há aspectos inconscientes que captam aspectos que fogem do consciente. Esta unidade ou correspondência entre o meu ideal e os meios que

³⁸ Há métodos mais indiretos de acesso ao inconsciente e outros mais diretos. Todos requerem um profundo itinerário para a interioridade psíquica e espiritual. Um dos métodos de acesso mais direto podemos encontrar em: MORAES, Renate Jost. *As Chaves do Inconsciente*, Rio de Janeiro, Ed. Agir, 1990; e *O Inconsciente sem Fronteiras*. Aparecida, SP. Editora Santuário, 1995.

uso para o sustentar precisa ser completada com a integração da dimensão inconsciente. Por mais válido que seja o empenho consciente para compreender, sustentar nossas opções, podemos ser surpreendidos pela realidade inconsciente que também nos identifica enquanto capacidade de crescimento, de discernimento, de escolhas e enquanto capacidade de manter as decisões tomadas com fidelidade.

O caráter consciente e inconsciente de nossa vida significa que, em grande parte, vivemos sem saber e sem conhecer todas as nossas motivações, impulsos, forças, ideais, medos e desejos que fazem parte de nossas decisões e opções de vida, de nossa opção pelo celibato ou pelo matrimônio, e também na fidelidade do seguimento das decisões feitas. Por isso é tão fácil equivocar-se nas opções afetivas - tipos de expressão do amor - que as pessoas realizam em suas vidas. Em qualquer momento da vida podem emergir, numa pessoa casada ou celibatária, especialmente religiosos, aspectos ignorados de seu mundo afetivo. Para evitar demasiadas surpresas na vida, o conhecimento do consciente e do inconsciente, da cultura, das possibilidades pessoais e coletivas... tudo isso pode ajudar a responder melhor ao tão desejado êxito de fidelidade até o fim.

Muitas vezes falamos que a fidelidade é um mistério da graça. É uma afirmação nem sempre válida. Aspectos conscientes e inconscientes podem ajudar a compreender a realidade humana para não sermos surpreendidos em diferentes aspectos e opções. Como podemos valorizar os dados das ciências neste aspecto para ajudar nossa fidelidade?

Os ideais e desejos pessoais e grupais como energia da diversidade de opções.

Além de aspectos conscientes e inconscientes que nos podem ajudar a compreender melhor o processo de fidelidade dinâmica e criativa às opções existenciais realizadas, também é útil avaliar bem os desejos e ideais pessoais e grupais como motivação e energia para descobrir, realizar e manter decisões feitas. Os ideais podem ser essencialmente conscientes, ao passo que os desejos podem ser conscientes e inconscientes. Quanto maior for a força e motivação inconsciente dos desejos, mais podem ser importantes nas decisões feitas e mantidas ou a manter.

Os ideais são metas estáveis e representam formas de ser e os meios para chegar a internalizar estas metas. Já o dizia Nietzsche: “Quem tem uma razão, ideal, para viver e morrer, em geral encontra os ‘como’”, ou seja, os meios para chegar lá. Só que os ideais não são suficientes para encontrar os ‘como’. Há ideais que são fruto da expressão saudável da interioridade da pessoa e são realistas no que se refere à possibilidade de alcance com êxito. Mas há também os ideais que são construção compensatória de frustrações e são irrealistas, ou seja, não são possíveis para a pessoa ou o grupo pois as fragilidades contrárias são muito fortes e intensas e comprometem a capacidade de êxito. Este processo tem muito a ver com a questão da fidelidade.

As nossas motivações podem ter causas muito diversificadas. Basicamente elas vêm do passado ou do futuro (ideais). Conhecer e avaliar bem o passado, o arqueológico, com suas consequências na pessoa hoje, incluindo os ideais que estabeleceu... é de grande utilidade para avaliar as possibilidades de fidelidade. Sempre precisamos contar também com a força motivadora dos ideais claramente estabelecidos, com as metas viáveis e altruístas. É a dimensão teleológica. A importância deste aspecto arqueológico e teleológico foi ressaltada por Paul Ricoeur³⁹. Freud é o referencial para o arqueológico, e Hegel (em Fenomenologia do Espírito) representa a dimensão mais teleológica. A vida religiosa tem dado muita importância à motivação teleológica. Numa linguagem aristotélica, a causa final é a primeira causa. Para nós, o seguimento de Jesus Cristo e o engajamento na realização do Reino de Deus constituem o núcleo motivador da vida religiosa. A identificação e seguimento de Jesus Cristo é a meta e o ideal. O próprio estado de vida religioso se inspira nesta causa teleológica. Convém continuar valorizando ideais significativos para a vida humana e que signifiquem opções de realização e de humanização. Isso é muito, mas não basta.

O que podemos também fazer é avaliar os ideais dentro do conjunto da pessoa e dos grupos, para ver sua objetividade e evitar frustrações. É preciso evitar ideais que são resultado de frustrações humanas, sejam elas afetivas, intelectuais, sociais, econômicas, religiosas. A revisão dos ideais ajuda a redimensioná-los e a integrá-los no projeto de vida com grande chance de fidelidade. Os ideais

³⁹ In: Paul RICOEUR, Da Interpretação, Estudo sobre Freud.

continuam sendo força motivadora para o agir. Frágeis ideais podem significar que a pessoa ou os grupos tenham vivido muitas frustrações em seus ideais e abdicaram deles. Muitas pessoas e grupos apáticos e desanimados um dia foram bem idealistas e tinham grandes projetos. O que houve para que não pudessem levar adiante estes projetos e ideais?

Em vários escritos sobre vida religiosa e outras áreas, os ideais espirituais foram considerados como sendo valores. Outras áreas, sobretudo físicas, foram consideradas como necessidades. Contudo, existe valor em qualquer aspecto humano. Nada no ser humano é intrinsecamente mau enquanto estrutura. A forma de viver o conjunto e aspectos da vida pode significar e realizar a presença do mal. O valor, dentro de uma compreensão antropológica, é o desenvolvimento positivo de qualquer aspecto humano e o conjunto da vida como vida realizada, com e pelos outros em sociedades justas. Há certa hierarquia de excelência, mas que decorre da qualidade da característica humana desenvolvida. Manter ideais praticamente espirituais pode criar alguma dificuldade maior em outras áreas e no conjunto da vida. Aspectos da vida reprimidos não significam aspectos mortos, mas potencialmente predisposições para reações negativas.

Há certa semelhança entre os desejos e os ideais. Os desejos também são forças motivadoras. Dependendo da qualidade e da intensidade dos desejos podemos compreender algo sobre a capacidade objetiva da fidelidade. Temos dois tipos básicos de desejos: uns mais antropológicos e outros mais compensatórios. Ambos são importantes para compreender a dinâmica humana, sobretudo quanto à previsibilidade e capacidade de fidelidade a promessas mais amplas e às de cada dia. Muitos desejos são despertados pelas circunstâncias a ponto de se dizer que 'criam' desejos. Esta possibilidade concretiza a diversidade e flexibilidade do ser humano.

Há os desejos que chamaria desejos antropológicos. Eles têm a ver com a constituição humana. Cada aspecto humano tem uma dinâmica inerente que deseja realização. É de máxima importância desenvolver positivamente estas potencialidades. A dinâmica que quer realização a partir do antropológico se transforma em um desejo de realização e itinerário de fidelidade porque produz equilíbrio e satisfação ao redor de uma causa importante. Por isso, um dos desafios é ter uma boa e ampla compreensão humana e assumir uma atitude

positiva em relação a tudo que é humano⁴⁰. A realização do humano vai depender também de outras opções complementares ou centrais que cada qual e/ou cada grupo vão realizando. O estado de vida como religioso/a é uma opção que requer um posicionamento seletivo frente a formas de desenvolvimento humano, mas nunca repressivamente de algum outro aspecto. Inclui algum tipo de renúncia, mas em benefício das opções saudáveis que as pessoas fazem.

Há também desejos que podem surgir de algum tipo de frustração no desenvolvimento das características antropológicas. São bastante frequentes e conhecidas as frustrações afetivas, o isolamento, a agressividade, a falta de liberdade, a repressão, a limitação econômica, a falta de acesso à cultura, à fé e tantas outras lacunas de desenvolvimento. Quando se fala das possíveis rupturas das promessas feitas e da não continuidade de uma fidelidade assumida, em geral se refere a algum tipo de frustração consciente ou inconsciente. Esta frustração cria insatisfação, e esta faz despertar ou desenvolver desejos de recuperação, de vingança, de agressão ou busca de outras alternativas. Em geral, cada qual está disposto a amar na medida em que foi amado. Na proporção que se sente amado, e sente satisfação na vida, nesta mesma proporção a pessoa e os grupos se sentem estimulados à fidelidade, à continuidade do itinerário de crescimento, e a fidelidade segue no tempo e na qualidade de ser. Os desejos que nascem destas frustrações se transformam em motivação e interferem em opções gerais e particulares. A maioria das frustrações começou a se estruturar na primeira infância, e atualmente estes fatos e as reações estão no inconsciente. Sabemos que algo aconteceu pelas consequências percebidas ainda hoje e que interferem no grau de liberdade efetiva. Tendo em mãos a história pessoal pode-se compreender melhor a pessoa, seus ideais, seus desejos e pode-se planejar uma forma de reelaboração para liberar a energia a serviço da dimensão imatura e colocá-la como motivação pela causa do Reino.

Os desejos nos orientam para o interior de nós: para celebrar os aspectos positivos ou para ter aquilo que perdemos e que considerávamos importante para nossa autoestima e autovalor. Por isso sempre é saudável perguntar: o que mesmo desejo em última análise, em profundidade? Como os desejos imediatos

⁴⁰ Os livros de Antropologia Filosófica e Antropologia Teológica, e a própria Bíblia oferecem compreensões antropológicas bastante amplas, completas e úteis.

refletem desejos mais profundos? Os desejos mais profundos são desejos antropológicos e, por isso, saudáveis. Mesmo que haja desejos de desistir de processos de fidelidade, eles indicam um itinerário de superação de algo. Os desejos mais imediatos são suscitados, planejados e buscados. E neste sentido, novamente, é muito útil avaliar as motivações profundas que despertam e alimentam nossos desejos.

Nossos desejos e ideais se constituem em motivação para as opções e para o agir. Eles têm sua origem em nossa história passada e naqueles aspectos que vamos compreendendo ao longo da vida. Podemos dialogar sobre nossos desejos e ideais e descobrir sua origem mais profunda.

Maturidade afetiva, intelectual, relacional, profissional, religiosa e a fidelidade

Podemos complementar estas considerações retomando alguns outros aspectos que têm a ver de forma direta ou indireta com a capacidade de fidelidade. Está claro que não é fiel quem quer, não persevera quem quer, mas quem pode, ou seja, além de querer é preciso ter uma maturidade suficiente e ter capacidade de fidelidade dinâmica e criativa, dentro das variáveis e diversidades que possam se apresentar.

Estamos ouvindo e constatando tantas pessoas e grupos responsabilizarem a imaturidade como causa de conflitos, de problemas de insatisfações. Papa Francisco, dirigindo-se às pessoas no matrimônio recorda esta questão que, devidamente adaptada, pode aplicar-se à vida religiosa. “Um amor frágil ou doentio, incapaz de aceitar o matrimônio como um desafio que exige lutar, renascer, reinventar-se e recomeçar sempre de novo até à morte, não pode sustentar um nível alto de compromisso. Cede à cultura do provisório que impede um processo constante de crescimento”⁴¹. Este amor frágil e doentio se estabelece pelas experiências familiares e outras marcadas pelo desamor, ou seja, rejeição, agressão, violência, isolamento, falta de respeito, conforto e promoção. Todos nós precisamos nos defrontar com esta realidade, em qualquer estado de

⁴¹ Papa FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia*, n° 124.

vida. A vida religiosa é supostamente menos disposta a aceitar os fracassos e fragilidades dos demais. A fidelidade se beneficia da aceitação, acolhida daquilo que as pessoas são para, assim, decidirem encontrar caminhos de crescimento. “É compreensível que nas famílias - e nas comunidades religiosas (grifo meu) - haja muitas dificuldades quando um dos seus membros - (ou da comunidade) - não amadureceu a sua maneira de relacionar-se porque não curou as feridas de alguma etapa de sua vida. A própria infância e a própria adolescência mal vividas são terreno fértil para crises pessoais que afetam o matrimônio (e a fidelidade na vida religiosa)”⁴². Se todos fossem mais maduros nos aspectos principais da vida, as crises seriam menos frequentes e menos dolorosas. O papa insiste que há um grito destas dores nas etapas seguintes da vida e há uma busca de compensação. “É um amor insaciável que grita e chora quando não obtém aquilo que deseja. Outras vezes ama-se com um amor fixado na fase da adolescência, caracterizado pelo confronto, a crítica ácida, o hábito de culpar os outros, a lógica do sentimento e da fantasia pela qual os outros devem preencher os nossos vazios ou apoiar os nossos caprichos. (...) Muitos terminam a sua infância sem nunca se terem sentido amados incondicionalmente, e isto compromete a sua capacidade de confiar e entregar-se. Uma relação mal vivida com os pais e irmãos - e que nunca foi curada - reaparece e danifica a vida conjugal”⁴³, diríamos comunitária e apostólica. Estamos diante de uma realidade que desvendou mais as fragilidades humanas como fazendo parte da condição humana⁴⁴ e não como algo moralmente mau. Considerando a vida como uma realidade que inclui o limite, uma verdadeira antropologia do limite, pode-se entender a importância da misericórdia e estimular as pessoas à fidelidade. Dentro de um mundo exigente, aqueles que fracassam ou têm muitas dificuldades podem reativar um sentimento de culpa que desencadeia uma passividade e incapacidade de crescimento e de fidelidade.

Há certa relação entre possibilidade e capacidade de fidelidade dinâmica e criativa e o estágio de maturidade em alguns aspectos motivadores humanos

⁴² Papa Francisco, *Amoris Laetitia*, n° 239.

⁴³ Papa Francisco, *Amoris Laetitia*, n° 239.240.

⁴⁴ Sobre a condição humana que inclui a fragilidade, veja-se Hanna ARENDT, *The Human Condition*, Illinois, the University of Chicago Press, 1958. Trad. Português: *A Condição Humana*, RJ, Forense Universitária, 2007.

significativos, como a afetividade, o conhecimento, o relacionamento, o êxito profissional, a maturidade da fé e da experiência espiritual. Não há maturidade máxima que se possa esperar. Mas há um grau mínimo esperado em determinada idade para expressar adequadamente o interior, para conviver, para definir-se num determinado estado de vida. A fidelidade ao assumido e prometido precisa ser sempre renovada de forma criativa até o final da vida. Certos desânimos prematuros, certa apatia, falta de elã apostólico indicam certa infidelidade que não se precisa qualificar como infidelidade vocacional, mas como vivência vocacional que se vai separando dos ideais e valores centrais que motivaram as opções anteriores. Há, portanto, um mínimo de maturidade que facilita opções e capacidade de mantê-las. Tenhamos presente também que a fidelidade não depende necessariamente da maturidade. Há outros aspectos que podem favorecer a fidelidade às opções feitas. Prova disso é a realidade de tantos religiosos fiéis ao longo da história cuja maturidade é questionável. No entanto, para evitar desgaste desnecessário de energia psíquica e espiritual, é desejável uma sadia e ampla maturidade em áreas fundamentais da vida humana. Pensemos, por exemplo, quanta liberdade interior existe quando há poucos conflitos afetivos, quando há uma objetividade de valores, uma sadia espiritualidade, uma capacidade apostólica gratuita! A imaturidade pode levar as pessoas a ativar seus desejos compensatórios, egoístas e a se fecharem a um mundo mais adulto que significa superação de fragilidades. Não basta maturidade afetiva. Esta precisa estar integrada numa fé e em valores apostólicos e numa causa evangélica partilhada e sustentada por uma comunidade e uma instituição.

A fidelidade é beneficiada em algumas áreas humanas nas quais a pessoa e os grupos constroem satisfação, realização, pacificação. Uma delas é a experiência humana como um todo, para tantos sintetizada como maturidade afetiva. Além desta, o acesso a um desenvolvimento da inteligência em áreas humanas significativas ajuda a ordenar a visão de mundo e a dar segurança e argumentos a favor das opções feitas. Estes conteúdos intelectuais incluem uma compreensão do mundo, da opção religiosa, do carisma, da experiência de Deus e outras similares. Uma outra área, ainda, se refere ao êxito no processo de relacionamento, ou seja, uma satisfação por se comunicar com sucesso com as pessoas, sejam elas adultos, jovens, crianças; sejam elas homens ou mulheres;

sejam elas autoridade ou subalternos; sejam elas da mesma cultura ou de outra. Uma satisfação nos relacionamentos ajuda a crer no acerto das opções feitas e supera a insegurança que poderia fazer oscilar essas opções. Podemos incluir também a importância da maturidade espiritual. Num mundo cheio de desafios, expressões imaturas da fé, da experiência de Deus... podem abrir caminho e questionar os processos de fidelidade⁴⁵. Maturidade na fé fortalece a fidelidade. Algo semelhante podemos encontrar na satisfação profissional como expressão apostólica do amor. A forma do exercício da profissão expressa a qualidade do estágio de maturidade. Silvano Buralassi⁴⁶ expressa que as pesquisas indicam que há três crises que afetam a fidelidade da vida religiosa hoje: crise de identidade, crise de papel, crise de totalidade. a) Sobre a crise de identidade não nos deteremos aqui⁴⁷. b) A fidelidade tem a ver, em muitos casos, com a crise de papel, ou seja, o consagrado precisa humanizar cada vez mais sua profissão fazendo dela uma missão. “Esta identidade nova não é nada clara, pois missão e profissão podem não ser fáceis de integrar”⁴⁸. Sempre há motivações subjacentes à decisão de priorizar a profissão e ser capaz de transformá-la em missão. E isso se reflete nas opções, sobretudo quando há crise profissional, deslocamento geográfico ou outras formas de carências ou fatos. Certamente para uma fidelidade dinâmica e criativa há o desafio de transformar a profissão em missão, apesar de praticamente se falar muito de ‘missão’ educativa. c) A crise de totalidade é um desafio também à fidelidade. As pessoas, em geral, separam tempo de trabalho e tempo que dedicam à família, ao descanso, ao lazer... No caso dos religiosos, eles são religiosos todo o tempo e não podem evadir-se disso. Isso pode assustar um pouco, sobretudo os jovens, pois há desejos compensatórios estimulados pelo provisório. Todos nós nos sentimos atraídos por resultados imediatos e não conseguimos antever resultados de longo prazo.

⁴⁵ A psicanálise tem isso muito presente. São muito iluminadores, neste sentido, os escritos de Carlos Domínguez Morano, especialmente *Orar depois de Freud e Crer depois de Freud*.

⁴⁶ In: Dicionário de Pastoral Vocacional, p 511-512.

⁴⁷ Sobre este aspecto são úteis as contribuições de Eric Erikson e também de Paul Ricoeur. Ricoeur distingue a identidade idem e a identidade ipse, ou seja, algo estável e contínuo e algo que é o descontínuo, mas tornado contínuo pelas nossas opções e decisões. A identidade ipse inclui a capacidade de promessa, de compromissos estáveis, como são os que estamos considerando. São úteis, os livros de Ricoeur *Percurso do Reconhecimento*, *O si mesmo como um outro*. Também, *L'io dell'altro*, a cura de Attilio Danese.

⁴⁸ Buralassi, in Dicionário de Pastoral Vocacional, p 512.

Eis porque as opções pelo imediato são mais frequentes e podem comprometer a capacidade de opções em longo prazo ou definitivas. Jesus Cristo viveu em total unidade sua vida.

A fidelidade não é um determinismo biológico ou psíquico ou espiritual, mas uma opção que é beneficiada pela liberdade e maturidade. Como desenvolvo e posso desenvolver aspectos existenciais importantes como predisposição à fidelidade?

Contexto cultural, social, religioso como predisposição para opções significativas

Todos nós temos cada vez mais consciência da importância de levar em consideração o contexto cultural, social, religioso. A partir disso podemos compreender melhor as pessoas e os grupos, e ver como se situa dentro deste complexo de variáveis a questão da fidelidade. Quando falamos disso, logo nos vem à mente a questão do provisório, do descartável⁴⁹. Não podemos negar as influências de modelos externos como referenciais para nossos modelos internos de ver e de tomar decisões. Não podemos refugiar-nos atrás destas afirmações para justificar nossa falta de capacidade para viver com consciência e objetividade tudo o que somos e decidimos. Estamos diante de uma mudança de um mundo mais estático para um mais dinâmico. Se o modelo do provisório é muito difundido, as opções de fidelidade e de continuidade e duração podem ser afetadas. Fidelidade e “votos perpétuos hoje é uma ação contracultural”⁵⁰. Convém recordar que as realidades do amor são traços de eternidade e sempre queremos vivê-las nesta dimensão. É bom recordar também que a mentalidade de tudo mudar e ser provisório não é generalizada para toda humanidade e para todas as culturas. Muitas vezes se presta mais atenção aos fatos sem olhar a busca

⁴⁹ É de grande ajuda a explicitação desta situação nova que abarca todos os setores da vida, com mudança de paradigmas, de aspectos morais, de visão histórica, de liberação da repressão cultural, religiosa e política. Todos sabemos as consequências da contribuição de Zygmunt Bauman, especialmente em: *Vida líquida, Medo líquido, Tempos líquidos, Vida para Consumo, Vida em fragmentos* e tantos outros.

⁵⁰ William Sneek, *Reasons for departure from the Noviciate*, p 5.

de sentido profundo para a vida que está por trás das oscilações e reações mais superficiais e momentâneas.

Uma das etapas da vida na qual se faz sentir mais a mudança é a da juventude. Ela não é uma etapa final do desenvolvimento humano. Todos os sistemas sociais e ideologias valorizam em seu alvo a juventude e nela difundir suas realidades novas. Os jovens tendem a aceitar e experimentar o novo. Se a cultura favorece a mudança, isso vai facilitar adesões, fortalecimento da autoimagem e da identidade.

Hoje em dia se fala muito em juventudes e não em juventude, seja nos meios de comunicação social, nas análises sociológicas e religiosas. Com isso se recorda a diferença e diversidade cultural e existencial dos jovens. Muitos grupos juvenis se caracterizam por associar-se pela semelhança de valores, de ideais, de processos humanizantes. Outros se associam para manifestar sua especificidade, sua insatisfação, sua fragilidade, suas buscas de sentido⁵¹. Esta diversidade de juventudes precisa ser considerada e compreendida em profundidade e com muita solicitude ao tratar da questão da fidelidade, da continuidade no tempo de promessas e compromissos assumidos anteriormente. Numa época e fase da vida na qual o centro está na dimensão material e psíquica, sempre é beneficiada a temporalidade, a precariedade, o passageiro. Quando se valoriza mais a dimensão espiritual entra-se na dimensão de eternidade. Hoje é preciso garantir que a dimensão de eternidade seja valorizada, recuperada e estruturada. Assim podemos consolidar a dimensão da fidelidade no tempo a compromissos e promessas feitas. Javier Melloni afirma esta questão geral da estrutura humana. Somos muito mais que uma identidade psíquica e corporal. “Não creio nem que minha identidade psíquica nem meu corpo sejam o que eu sou. Sou muito mais que isso⁵².”

A mudança e o fascínio do provisório podem indicar certa insatisfação da qual

⁵¹ Em vez de assumir questões de idade ou outras, os grupos assumem mais ‘campos de significação’ para se reconhecerem e associarem. Todos nós podemos facilmente ter acesso a estudos e bibliografia referentes às ‘culturas juvenis’. O conhecimento desta especificidade múltipla da juventude ajuda compreender a complexidade envolvida na opção pela vida religiosa, bem como pela capacidade real de manter as promessas assumidas. Um texto iluminador podemos encontrar em **Rossana Reguillo Cruz, Emergencia de Culturas Juveniles**, Bogotá, Grupo Editorial Norma, 2007.

⁵² In: Javier Melloni e José Cobo. **Dios sin Dios, Una confrontación**, Barcelona, Fragmenta Editorial, 2015, p 86.

as pessoas querem fugir e superar. Há algo profundo que se procura sempre e que é mais estável. Papa Francisco expressou-o dizendo que 'o tempo é superior ao espaço'⁵³. Não basta controlar as pessoas em seus detalhes comportamentais nem ter práticas repressivas para evitar problemas. Como diz o papa: "É importante procurar compreender onde (não geográfico, mas existencial *) estão os filhos - religiosos - em seu caminho. Sabemos realmente onde está sua alma, e queremos saber?"⁵⁴. Algo semelhante interessa a nós, quanto à fidelidade: o que os religiosos realmente querem e o que estão fazendo com sua vida olhada como uma missão e uma vocação a amar, especialmente aos mais necessitados? A realidade atual privilegiou alguma consciência maior em aspectos humanos antes não suficientemente contemplados pela cultura. E isso tem seu reflexo positivo na compreensão da fidelidade, da estabilidade. Alguns destes aspectos repercutem na compreensão dos compromissos, inclusive aqueles que decorrem das opções pelo estado de vida. Pascual Chavez Villanueva⁵⁵ considera a fidelidade como uma profecia antropológica na pós-modernidade, mas recorda a especificidade de nossa época como caracterizada pela historicidade como horizonte e caminho da realização humana. Isso repercutiu na educação, na formação vista como permanente. De uma visão mais passiva se passa a uma mais dinâmica. Ainda mais, a liberdade se transformou no valor supremo da realização humana, ao redor da qual as pessoas organizam seus valores, sabendo-se da ambiguidade prática inerente à limitada liberdade efetiva. É saudável, inclusive, que a realidade atual olhe menos para o passado do que para o futuro. O Reino de Deus sempre nos foi apresentado como 'já e ainda não', um projeto humanizante de futuro.

Maior acesso ao mundo pelos Meios de Comunicação Social, maior conhecimento das culturas, da realidade econômica, tecnológica, das facilidades... tudo faz despertar desejos cuja realização é significativa para a autoestima. Isso questiona os religiosos em aspectos de pobreza, de experiências afetivas - castidade -, de liberdade - obediência. Quanto mais intenso for o desejo, maior será a força sobre decisões realizadas, sobretudo

⁵³ Papa Francisco, *Amoris Laetitia*, n° 261.

⁵⁴ Papa Francisco, *Amoris Laetitia*, n° 261. * Observação minha.

⁵⁵ Pascual C. Villanueva. *Fidelidad, fuente de vida plena...* in: *Para una Vida Consagrada Fiel*, UISG, 67° *Conventus semestralis*, Roma (2006?) p 9-19.

quando incluem a possibilidade de não realizar todos os desejos imediatos. A fidelidade aos compromissos e promessas realizadas pode ser vista como um obstáculo. É muito difícil uma pessoa abrir mão de compensações quando estão intimamente ligadas à autoestima e autorrespeito e autovalor e são consideradas decisivas para alcançar os objetivos de sua vida. As instituições religiosas precisam oportunizar experiências que asseguram a seus integrantes a felicidade, a realização, o amor... para além de gratificações imediatas. Estas experiências estão ligadas a projetos apostólicos significativos e motivadores. Mais adiante retornaremos a esta ideia.

A fidelidade recebe influência do contexto. Houve época em que o contexto era mais favorável à fidelidade. Hoje há mais estímulos em favor da não fidelidade. Como podemos ser fieis num mundo que muitas vezes indica realidades contrárias?

Facilitadores da fidelidade dinâmica e criativa

Vamos assumindo que a dinâmica da fidelidade é uma das mais complexas e profundas como capacidade e desejo humano. A mudança permanente de compromissos assumidos pode indicar insatisfação interior e falta de uma resposta adequada às perguntas existenciais que as pessoas se fazem. Pode indicar falta de uma segura identidade e representar certa 'adolescência' por carecer de opções mais seguras e consistentes. Considerado assim, o humano mais humano se expressa na fidelidade e não na mudança ou na não fidelidade. Contudo, a fidelidade não é um determinismo biológico como podemos encontrar em certas espécies animais. A fidelidade é resultante do exercício da liberdade e da responsabilidade, feita por pessoas cuja estrutura seja bastante sólida para garantir certa estabilidade que se mantém dentro de um mundo de tantas situações imprevisíveis. A fidelidade é possível e é dinâmica, renovada sempre a partir da integração de realidades novas. Também é criativa no sentido de desencadear formas de fidelidade adequadas em cada fase da vida e em cada situação nova que se apresenta, especialmente em novas formas de missão e expressão do amor de Deus e de seu Reino. Até certo ponto é uma espécie de aventura da qual podemos sair vitoriosos.

Em se tratando da fidelidade, pode ser que sejamos tentados a logo olhar as infidelidades. Se a fidelidade não é determinismo, precisamos ajudar as pessoas a serem fiéis. Lastimável seria generalizar a ideia de que é 'normal' a desistência, a mudança... Recordemos como na vida familiar e em outros campos é ressentida a infidelidade, a 'traição' com suas consequências nefastas. A fidelidade pode ser facilitada considerando três dimensões significativas da vida humana: pessoal, comunitária e institucional. O equilíbrio dialético entre elas e a realização significativa das mesmas pode facilitar as pessoas a quererem continuar empenhando sua vida numa causa evangélica.

Assim como há fatores que podem desfavorecer a fidelidade, precisamos estar atentos aos aspectos que facilitam a fidelidade e assumir que a fidelidade é mais antropológica que a não fidelidade. A liberdade e responsabilidade favorecem a fidelidade. Como?

Dimensão pessoal: discernimento; integração da história, cultura e vida; valores transcendentos; identidade unificadora e experiência de intimidade com Deus, vivida em comunidade para a missão.

A fidelidade é facilitada a partir de alguns aspectos pessoais. Algumas pessoas fazem a opção de fidelidade e compromissos de vida religiosa pensando ser esta a vontade de Deus em relação a elas. Claro, as opções pela verdade interior são um caminho aberto para sentir satisfação e felicidade nas opções feitas. Hoje temos bons métodos científicos espirituais e psicológicos para saber esta verdade pessoal no que se refere ao tipo de amor e ao lugar e com quem vai expressar e desenvolver o amor. Ainda não socializamos suficientemente estes métodos. Alguns destes métodos nós os conhecemos⁵⁶.

Pensamos que as motivações conscientes sejam as decisivas, mas nem sempre é assim. Precisamos admitir que a pessoa está ontologicamente voltada ao bem, à verdade, ao belo e ao amor. Esta orientação se expressa no inconsciente e no

⁵⁶ Certamente conhecemos o método iniciano de discernimento. Também métodos de acesso direto ao inconsciente são bons para tal. L.M. Rulla (em Antropologia da Vocação Cristã) fala da afinidade entre os valores da pessoa e os valores cristãos. Mas, recorda Rulla, é preciso também afinidade entre o que a pessoa quer para si, os valores cristãos, e o restante profundo - inconsciente - da pessoa.

consciente, ou seja, as motivações conscientes podem indicar um caminho de verdade pelo qual a pessoa e os grupos precisam zelar e cultivar. A questão do discernimento pelo estado de vida e para todas as situações significativas da pessoa é um passo importante. Uma vez sabida a vontade de Deus ainda não está assegurada automaticamente a capacidade de seguimento. Ajudar as pessoas a seguir e permanentemente favorecer a fidelidade é uma tarefa que dura toda a vida. A primeira responsabilidade desta fidelidade é da própria pessoa e, depois, dos mais próximos, da comunidade e da instituição.

Um segundo elemento facilitador da fidelidade consiste na integração da própria história, da cultura e da vida. Esta integração da própria história requer o seguimento de alguns passos sequenciais. O primeiro deles consiste em conhecer a história, a cultura, os fatos, as circunstâncias que no momento podem estar grandemente no inconsciente. Conhecer a história permite uma interpretação mais qualitativa. Esta abre a possibilidade de compreensão das pessoas intervenientes, das circunstâncias, das consequências e capacidades amplas diante da vida. A compreensão abre a realidade para âmbitos mais amplos e mais profundos. Com esta compreensão ampla as pessoas podem colocar-se num processo qualitativo de crescimento. Este caminho de crescimento vai exigir uma separação efetiva e afetiva do passado que já não existe e que, sobretudo, feriu. Uma boa compreensão permite uma reconciliação e uma misericórdia acolhidas. Ao mesmo tempo, o acesso à história oportuniza celebrar as coisas saudáveis da vida. E teremos, como resultado, uma memória feliz e reconciliada. Assim a pessoa se liberta de compensações, de subjetivismos e pode saber melhor a vontade de Deus. Também está disposta a usar sua energia pela causa do amor e do Reino de Deus. Este processo facilita muito a capacidade da fidelidade dinâmica e criativa.

Os valores são força de atração e têm seu impacto positivo na motivação. Os valores têm uma dimensão afetiva, cognitiva e comportamental. Por isso eles suscitam emoções, e as pessoas se envolvem. Ninguém morre por ideias, mas por princípios religiosos pode estar disposto a morrer, se estes forem suficientemente significativos. Atração e certo fascínio por bons valores transcendentais melhoram a motivação de indivíduos e de grupos. Os valores transcendentais por si só não mantêm uma fidelidade quando o restante da pessoa não estiver em consonância. Mas podem sustentá-la bastante em

momentos e situações difíceis.

Há muitos estudos sobre a identidade, e todos temos alguma noção do que se trata. A satisfação que as pessoas experimentam quando solidificaram uma boa identidade é grande indicador de possibilidade de fidelidade. Uma identidade que integra o passado e mantém a unidade nas diferentes experiências feitas ao longo da vida, incluindo a decisão de escolher e de prometer um tipo de continuidade significativa. Já o acenamos acima: numa época de grandes mudanças o fator da identidade que vai cada dia integrando elementos novos assume um desafio e também uma importância na capacidade de fidelidade. Quanto mais frágil uma pessoa for, mais vai depender da identidade do grupo, da identidade social. Quanto mais forte for a pessoa, pode associar-se e comprometer-se com grupos identitários de forma mais madura e significativa. A conexão entre boa identidade pessoal e a identificação e associação a grupos que expressam e fortalecem a identidade pessoal aumentam a autoestima, tornam mais eficaz a atividade e a missão apostólica e, conseqüentemente, favorecem a fidelidade. O estímulo proveniente da qualidade moral da instituição fortalece o crescimento integral, produz satisfação e realização e ajuda a manter a pessoa aberta ao amor mais amplo, à dimensão transcendente e aos compromissos assumidos.

A esta experiência de identidade está ligada uma boa experiência de intimidade. Os relatos de experiências místicas insistem na intimidade com Deus como expressão do amor e da comunicação profunda de máxima aceitação, sentido, plenitude. Muitos falam da dimensão de eternidade desta experiência da qual não gostariam mais de sair. É a experiência da união, a qual desencadeia confiança, disposição a amar. Walter Schubart⁵⁷ fala que a nostalgia da união é a maior nostalgia e se origina da união com Deus no início da vida, realizada e simbolizada pela união com a mãe no período da vida intrauterina. Há uma tendência de querer eternizar esta experiência pois ela plenifica e realiza o ser humano. Esta mesma experiência de intimidade é muito significativa na comunicação humana. E ela é mais autêntica quanto mais coroar uma ótima experiência de identidade. Só se entrega na intimidade quem se possui

⁵⁷ Walter Schubart, Eros e Religião.

profundamente a si mesmo⁵⁸. Boas experiências humanas de intimidade, sobretudo com pessoas que realizam a mesma opção e se engajam cada dia criativamente nela, facilitam a fidelidade e o desejo de eternizar o que se vive. Sabe-se que corresponde à verdade interior e se está disposto a aprofundá-la cada vez mais. A qualidade da oração é determinante: a experiência de identificação, seguimento e união com Cristo e com sua causa são fonte de vida e de alegria. Todas as pessoas procuram a experiência da intimidade. Onde a encontram? Em algum lugar e situação, mesmo que isso signifique sacrifício, busca, deslocamento geográfico e existencial.

Hoje, sobretudo num mundo 'líquido' pode ser mais difícil a experiência da intimidade, mas isso não diz que podemos dispensá-la. Ao contrário: dela precisamos porque sentimos a dissonância presente em nossa vida, e os processos dialéticos vividos requerem permanente equilíbrio ou reequilíbrio. A fidelidade ao projeto de vida assumido se fortalece com repetidas e aprofundadas experiências de intimidade com Deus, vividas e partilhadas numa comunidade também engajada na missão salvífica comum.

A experiência de realização pessoal, os valores assumidos, a experiência de intimidade com outras pessoas e com Deus se confirma com um desempenho qualitativo de uma missão, de uma presença significativa e competente na sociedade. A pessoa, especialmente o religioso, precisa dedicar bom tempo à missão e encontrar ali estímulos de fortalecimento de sua opção de vida e confirmar a unidade ampla de sua vida. A missão expressa uma das grandes características humanas. "O centro do homem se encontra fora do homem. Creio que esta é a experiência nuclear, da existência humana como tal. Quem crê que o centro é ele mesmo, simplesmente se engana"⁵⁹. A profissão vivida como missão expressa esta saída de si mesmo como compromisso com o Reino de Deus. A fidelidade se beneficia com este centro apostólico colocado fora da pessoa. Sabemos que isso é facilitado quando há antes boa unidade interior e satisfação pela opção realizada.

⁵⁸ Jane Loevinger, Ego Development Theory. Ali Loevinger afirma que quem não se possui não se entrega, referindo-se a esta dinâmica sequencial de identidade como caminho de intimidade, e posterior caminho de generatividade, como também diria Erikson.

⁵⁹ José Cobo, in: Javier Melloni, José Cobo. **Dios sin Dios, Una confrontación**, Barcelona, Fragmenta Editorial, 2015, p 116.

As ciências nos apresentam e desenvolvem muitos aspectos da vida humana e dos processos de crescimento. Na medida em que somos contentes e satisfeitos conosco mesmos, mais nos dispomos à continuidade. Quais aspectos da vida consideramos mais importantes e quais descuidamos?

Dimensão comunitária: fraternidade, diálogo, partilha, confiança.

Houve um deslocamento do polo motivador nos últimos anos. Sabemos que tudo o que se vive direta ou indiretamente interfere no complexo de motivações que predispõem e levam à ação. Dentro de uma visão mais consciente, as motivações provindas de ideais, de conhecimentos, de estímulos da vontade foram consideradas decisivas. Hoje, com uma compreensão mais ampla da vida humana e das dimensões consciente e inconsciente, a dimensão afetiva e relacional assumiu papel mais central. As emoções são mais passageiras e, num mundo mais imediato, os sentimentos aumentam sua importância nos critérios de tomar decisões. As pessoas tendem a decidir a partir de como se sentem internamente e de como se sentem acolhidas pelos demais. Por isso, sentindo-se bem a tendência é continuar; e sentindo-se mal, rejeitado, isolado, agredido... a tendência é romper compromissos e procurar respostas mais satisfatórias em outros lugares e com outras pessoas. Neste sentido aparece a importância da comunidade. É preciso facilitar que as pessoas se sintam acolhidas, compreendidas e ajudadas em seu projeto de vida e sejam estimuladas comunitariamente a assumir os projetos mútuos. A dimensão comunitária se tornou uma das variáveis importantes naquilo que se refere à capacidade e ao estímulo da fidelidade. Clima de não julgamento, de misericórdia, de partilha, de diálogo, de colaboração mútua, de confiança são um ambiente favorável à fidelidade. Assim se fomenta a experiência de intimidade entre pessoas e com Deus, e aumenta a disposição e eficácia apostólica. Nunca esgotamos nossa capacidade comunitária, e a vida comunitária se recria sempre especialmente pela presença de realidades novas como fatos e experiências com os membros da comunidade, com outros membros que se integram, com as experiências apostólicas.

Cada pessoa tem um desejo profundo de partilhar sua história, seus medos, sucessos, projetos - de curto, médio e longo prazos -, suas forças, suas

descobertas, seus avanços no crescimento e identidade, seus desafios e situações novas do dia a dia. É muito importante que empaticamente os demais participem da vida de cada um naquilo que tem de mais particular seu. Todos conhecemos os efeitos nefastos de julgamentos, críticas, amarguras, isolamentos, rejeições e outras formas que distanciam as pessoas e reativam nelas a parte mais ferida. Se estas situações negativas persistirem por longo tempo, as pessoas tendem a desanimar, se fechar e procurar outras alternativas, inclusive fora da comunidade, e podem acabar comprometendo seu estado de vida.

A dimensão comunitária tem incidência forte na fidelidade. As pessoas querem ser bem acolhidas e conviver bem. Como nossa comunidade facilita a fidelidade? Há algum aspecto que pode desestimular o processo de pertença e seguimento?

Dimensión institucional: proyecto apostólico atractivo

Estivemos considerando os facilitadores da fidelidade. Ocupamo-nos primeiro da dimensão pessoal, depois da comunitária. Podemos concluir esta sessão de iluminação sobre o tema considerando a dimensão institucional. Evidentemente, não se esgotam nestes aspectos os facilitadores da fidelidade. Cada qual está convidado a completar, a partir de sua experiência direta ou indireta, os aspectos que contribuem com a fidelidade.

Quanto mais complexa for a realidade, mais tende a desequilibrar as pessoas e os grupos. As pessoas precisam muito do suporte da instituição ampla à qual pertencem, como a Congregação religiosa ou outra. Certas pessoas podem se sentir atraídas a entrar em instituições fortes porque elas se sentem fracas e incapazes de enfrentar a vida. E nas instituições podem encontrar poder, prestígio e segurança econômica. Todos sabemos que estas motivações não são saudáveis. Mas pode também muito bem alguém encontrar uma correspondência entre seu ideal pessoal e o ideal de uma instituição em seu carisma, espiritualidade, vivência e apostolado. Na medida em que a instituição oferece um projeto de vida estimulante, atrativo enquanto organização interna, enquanto vivência de seus integrantes, enquanto projeto apostólico significativo... nesta mesma medida as pessoas se sentem honradas por

pertencer e participar da realização do projeto institucional. “O projeto comum envolve e unifica pessoas, comunidades, províncias. Também ajuda o conhecimento mútuo, a participação em encontros, a valorização da história pessoal e institucional”⁶⁰. Isto honra as pessoas que estão integradas no projeto comum. Este ‘honradas’ reforça sua autoestima e corresponde ao que desejam para si, e se sentem estimuladas a continuar, a serem fiéis e a ajudarem na realização destes projetos. Hoje, bons projetos apostólicos, claros, desafiadores e empenhativos facilitam a fidelidade porque estimulam as experiências boas que cada qual quer conservar, renovar e fortalecer.

Todos queremos nos sentir orgulhosos por pertencer a uma determinada instituição, sobretudo quando tem projetos apostólicos claros e estimulantes. Quais aspectos institucionais favorecem a fidelidade? Como posso ver sinais que dificultam fidelidade?

Compreendendo melhor algumas desistências do projeto prometido: questões estruturais internas e externas; a questão da proporcionalidade

Até aqui consideramos predominantemente a questão da fidelidade, pois esta realmente nos interessa mais. Mas precisamos também ser realistas diante das desistências do projeto de vida religioso assumido como estado de vida por parte de tantos religiosos. A opção pelo celibato evangélico e seu seguimento criativo e fiel não é apenas uma questão de decisão consciente. Não basta querer para seguir. É preciso também poder seguir não somente na hora da decisão, mas no itinerário histórico que segue. Desistências de projetos sempre houve na história. Desistências menores todos experimentamos no decorrer da vida. Muitos desistem de amplos projetos que envolvem toda a vida no sentido de toda a pessoa e de todo o percurso. Diante de dificuldades, todos nós podemos ter tido vontade de desistir do caminho e da opção realizada. Por razões diversas, podemos continuar assumindo o projeto de vida assumido. Contudo, é possível

⁶⁰ Cereda, Francesco. Busca de sinais de vitalidade na vida consagrada, in: Fidelidad y abandonos... p 75.

também permanecer por razões saudáveis ou por medos, comodismos e situações compensatórias. Podemos continuar também porque nossas opções respondem ao mais profundo de nós mesmos. Um profundo discernimento pode também chegar à conclusão de que as pessoas possam pensar que este é seu caminho, mas não é. E a reopção é uma opção pelo mais verdadeiro que existe na pessoa. “Deus conduz tão pessoalmente cada pessoa que generosidade e amor possam ser expressos em tantas diferentes formas”⁶¹.

Esta mesma realidade – com suas devidas adaptações – se encontra em outros estados de vida. Até convém recordar que a Igreja sempre teve posição intransigente quanto à fidelidade no matrimônio ‘indissolúvel’, mas foi mais tolerante com os religiosos. Os processos de dispensa remontam a séculos. Até a estrutura de votos temporários e perpétuos pode ser de alguma forma questionada dentro da perspectiva de fidelidade. Há muitos fatores, como vimos acima, que interferem na opção de uma pessoa e que a sustentam. Alguns podem até ser inconscientes e fora do domínio da vontade psíquica e espiritual conscientes. Já falamos da maturidade afetiva como importante. É aquela que hoje assume uma importância acentuada. Mas há também situações imprevistas com as quais a pessoa não tem condições de se defrontar com sucesso. Seus mecanismos de enfrentamento podem ser frágeis, sobretudo diante de situações novas, complexas e acima de suas possibilidades reais. Este aspecto precisa ser levado em consideração dentro do complexo das opções pelo estado de vida. Precisamos valorizar tudo que pode intervir na motivação ao agir. E se interfere todo o vivido no passado e antecipado nos ideais em relação ao futuro, uma causa unifatorial ou simples pode indicar uma verdade parcial, e também certa ingenuidade ou superficialidade. Muito se tem pensado que desistências estejam ligadas à falta de oração. Apesar de ter elementos de verdade, esta falta de oração e de vida espiritual profunda é um sintoma de muitas outras potencialidades humanas que podem não estar em consonância com a opção pelo estado vida. Também é verdade que a capacidade de rezar é um aprendizado que precisa ser bem realizado.

Já assinalamos a importância do processo de crescimento e da integração da realidade histórica; falamos da importância de viver bem cada etapa da vida e

⁶¹ William J. Sneek, *Reasons for departure from Noviciate*, p 3.

passar com certa segurança à etapa seguinte com suas características e exigências; vimos também a força motivacional que os conteúdos conscientes e inconscientes representam; não deixamos também de mencionar a importância da realidade comunitária e institucional. Independentemente, nunca se tem domínio pleno da realidade interna e externa, dos desafios exagerados provindos de surpresas culturais ou sociais. Falta de apoio comunitário e institucional aliado a uma desproporção e falta de gradualidade nos compromissos pode aumentar a ansiedade, aumentar a probabilidade de fracassos. Algumas pessoas não têm estrutura para levar adiante certos projetos. Por mais esforço que façam, sempre permanece certa insatisfação, falta de paz⁶². Sempre é bom ver se a pessoa encontrou alegria e paz em suas opções. Diante de situações difíceis de compreender amplamente, a pessoa pode acabar desistindo de seu projeto. Não podemos aceitar que a desistência de um projeto existencial seja algo normal, simples e imediato. Anos e anos as pessoas vêm se debatendo diante de questionamentos, dificuldades e alternativas, mesmo que não o manifestem, ou o manifestam quando já não há retorno ou há outros compromissos de vida que inviabilizam a continuidade. Antes de decisões desta importância as pessoas lutaram muito, viveram inseguranças, buscaram alternativas. Esta decisão de mudar de estado de vida gera sofrimento, mesmo que em alguns casos produza senso de libertação. Até pode ser positivo para certas pessoas reoptarem para diminuir ansiedade, tensão e mesmo angústia resultantes das exigências e da frágil capacidade de corresponder a elas.

São iluminadores os estudos referentes ao tema das desistências. Faremos alusão aos mesmos, ainda que relativizando seu valor científico pois falta-lhes um método mais estrutural de pesquisa. Luís Oviedo⁶³ fez uma útil classificação dos dados referentes a abandonos, a partir de dados coletados em todo o mundo. Enumera como razões de abandono: conflitos com os superiores (17,1%), crises de fé (5,4%), problemas afetivos (43,3%), imaturidade (21,3%), problemas psicológicos (21,0%), insatisfação e cansaço (28,6%), outros (22,7%). Pode-se

⁶² É de grande utilidade a reflexão que faz William J Sneck, SJ, em *Reasons for departure from the Novitiate*, in: *Human Development*, vol 7, nº3, 1986, p 3.

⁶³ Luís Oviedo, *Aproximação à realidade dos abandonos*, in: *Fidelidad y abandonos...* p 48-57. De alguma forma estes dados foram confirmados pelos Provinciais dos Irmãos de La Salle reunidos em Roma em inícios de junho de 2016, quando também se manifestaram sobre este tema.

notar a dominância do problema afetivo, ou mesmo afetivo-sexual com suas diferentes manifestações. Sempre é importante valorizar a realidade simbólica da afetividade e sexualidade. A sexualidade é ubíqua e plástica. Isso quer dizer que em todas as experiências humanas aparecem detalhes e modos e ideais que decorrem da identidade de gênero, muitos deles explicitados e definidos pela cultura. Os estudos da psicologia do profundo insistem na plasticidade da sexualidade, o que se poderia aplicar também a outras áreas significativas da expressão humana. Isso quer dizer que qualquer aspecto humano vai se expressar na forma de viver a sexualidade, incluída a dimensão de genitalidade. Aspectos imaturos podem se expressar na sexualidade e também a pessoa pode procurar na sexualidade genital a superação ou compensação de aspectos imaturos. A uma sexualidade pouco integrada e a afetos feridos podem subjazer sentimentos de inferioridade, de solidão, de falta de identidade, de agressividade, de ansiedade diante de dificuldades atuais ou futuras, de ambientes hostis, de falta de satisfação na vida, de inseguranças diante do futuro, de dominação, reforçados por comunidades pouco acolhedoras, pouco compreensivas. Como já afirmamos acima, a pessoa precisa encontrar satisfação para viver. Se não encontra, pode querer encontrá-la na busca de intimidade, acolhida e satisfação com pessoas que podem não pertencer à comunidade religiosa e que não assumiram a mesma causa e valores. Recordemos também que hoje as alternativas de relacionamentos sociais abriram bem mais possibilidades e opções, o que pode ser um estímulo para diversificar os relacionamentos, muitos deles motivados por gratificações, mas também por busca de realização da dimensão sadia da pessoa. Um acompanhamento mais integral leva em consideração esta complexa realidade.

No entanto, de alguma forma todas as causas que poderiam estar presentes nas motivações para desistências podem ser entendidos como manifestação de certa imaturidade em várias áreas não suficientemente consideradas nem superadas. Também vamos aceitar que as pessoas certamente tiveram boa vontade em seu processo, mas a metodologia ou outros fatores não resultaram na integração e superação de aspectos dissonantes com a opção pelo estado de vida religioso. Um religioso/a que queira continuar na vida religiosa, mas está apaixonado/a ou envolvido com uma outra pessoa, este fato pode indicar que a vocação existe, mas há questões afetivas que dificultam a fidelidade. Ou seja,

não se pode 'a priori' concluir que isto é um sinal de falta de vocação. Muitas vezes as pessoas entram predominantemente por razões conscientes – valores – e desistem por razões inconscientes, também presentes ao ingressar na vida religiosa, mas não suficientemente consideradas. As pessoas quando ingressam na vida religiosa – além de querer servir a Deus e seu Reino – também querem crescer e resolver alguns problemas afetivos e existenciais. Dito isso, parece que a melhor alternativa seja ajudar a pessoa a superar aspectos imaturos de sua vida e encontrar formas maduras de expressar a afetividade dentro da opção de vida assumida. Como ainda observa Oviedo⁶⁴: isso nos leva a repensar um pouco mais o processo de identificação com o instituto e o projeto evangélico, a forma de uma espiritualidade mais afetiva, a qualidade dos relacionamentos e amizades. Convém recordar que as causas de desistência não são simples nem mesmo todas explicadas pela pessoa envolvida⁶⁵. Pode-se compreender algo melhor tomando cada caso dentro da realidade pessoal e de seu itinerário posterior. Tudo tem uma explicação no interior da pessoa. Basta não desistir antes de chegar a ela. Esta explicação é facilitada por meios mais eficientes de acesso ao interior da pessoa, sejam eles de natureza espiritual ou psicológica. Eis um grande desafio. Tudo o que ajuda a compreender as pessoas e suas motivações e opções precisa ser encorajado.

As desistências sempre provocam alguma dor. Em geral temos uma explicação unifatorial. Mas é algo complexo que precisa ser melhor compreendido e olhado com amor. Quais poderiam ser possíveis causas de desistências da opção realizada? Como podemos ajudar a fidelidade alegre e realizada?

Fidelidade dinâmica e criativa e acompanhamento

Todos os aspectos descritos acima fazem parte de algum tipo de acompanhamento. Quando se vive em comunidade aparece também algum tipo de compromisso mútuo. Dentro da variedade de responsabilidades, papéis sociais e comunitários podemos reconhecer que o itinerário de vida é facilitado

⁶⁴ Luís Oviedo, *Aproximação à realidade dos abandonos...* p 68.

⁶⁵ Um bom discernimento pode ajudar a esclarecer estas questões. O discernimento é um primeiro passo, mas ele se esclarece muito após um itinerário de crescimento pessoal realizado.

quando há um cuidado, um zelo e uma acolhida e atenção mútuas. Quanto mais complexa for a realidade e quanto mais mudanças houver, mais as pessoas podem ter dificuldade de gerir sua vida e são mais vulneráveis diante dos desafios. O acompanhamento é um dos melhores meios que podem facilitar a fidelidade ao itinerário de vida assumido⁶⁶.

Uma autêntica vida comunitária facilita a fidelidade. Como consideramos este aspecto em nossa comunidade? A corresponsabilidade mútua é muito importante. "Sou eu o responsável por meu irmão?"

Fidelidade como itinerário

A fidelidade é a somatória de pequenas e grandes fidelidades ao redor de uma opção de vida. A dinamicidade da vida faz com que a fidelidade não tenha um ponto final após o qual tudo está garantido. Se é possível sucumbir às fragilidades na vida, a fidelidade é um itinerário positivo de expressão da vida realizada. Como no acompanhamento, a fidelidade é de primeira responsabilidade da pessoa que faz suas opções no decorrer da vida. Mas ela é sustentada por uma comunidade e por uma causa expressa em determinada instituição. Quanto mais significativa for a própria vida, quanto mais for confirmada e sustentada pela comunidade, e quanto mais atrativa for a instituição e seu projeto apostólico, mais elementos a pessoa tem para prosseguir seu itinerário. Hoje há muitos sinais de fidelidade dinâmica e criativa que nos podem estimular⁶⁷: Há maior sentido de Igreja, de diálogo com a cultura; há certo equilíbrio na formação e espiritualidade renovada e outras tantas mais. Ajuda a fidelidade o fato de tomar os meios para que a primazia de Deus seja efetiva, que o testemunho possa ser profético. É também positivo o conceito de que a formação seja sempre mais integral e permanente numa metodologia de personalização.

⁶⁶ Não é aqui que vamos desenvolver este tema importante. Limitar-nos-emos a algumas ideias que considero importantes. Sobre este tema se está escrevendo mais e de forma complementar valorizando esta forma de corresponsabilidade. Eu pessoalmente refleti mais extensamente este tema, e estas reflexões estão disponíveis.

⁶⁷ Cereda, Francesco, *Busca de sinais...* p 75-91.

A fidelidade se constrói com pequenas fidelidades diárias. É, portanto, um itinerário. É bom estimular experiências e momentos de retornar às razões iniciais de nossas opções e ver como as fomos fortalecendo no decorrer da vida.

Acompanhamento como cuidado, corresponsabilidade comunitária e institucional

Pessoas sadias, comunidades realizadas e apostólicas, instituições saudáveis, vivas e apostólicas expressam esta positividade acompanhando os itinerários de todos os que estão ou vão pertencer a elas, especialmente em relação aos mais vulneráveis.

Acompanhamento se refere a esta atenção aos demais em todos os aspectos humanos centrais. Acompanha o processo de crescimento físico, psíquico e espiritual; acompanha o processo de socialização e as escolhas básicas na vida como opção fundamental e como profissão-missão; acompanha o processo de crescimento amplo, especialmente nas áreas da opção de estado de vida, ou seja, na vida espiritual, comunitária, missão, votos; acompanha especialmente em momentos mais delicados internos e externos; acompanha o processo de crescimento integral, evitando infantilismo ou omissão; acompanha a superação das feridas da vida e apresenta alternativas de reconciliação e pacificação; acompanha e estimula a criatividade e a solicitude para com outras pessoas; acompanha a solidificação das opções de vida realizadas e facilita o caminho da fidelidade e perseverança.

O acompanhamento acontece em todas as experiências comunitárias, nos relacionamentos com os diversos e diferentes grupos humanos, com superiores e subalternos, com todos os que nos são confiados. Realiza-se na forma de entrevistas, reuniões, estudos, retiros, trabalhos apostólicos, encontro com pessoas significativas e outras formas mais.

Uma presença significativa como coirmão tem sua importância na fidelidade. Hoje há relação bastante grande entre acompanhamento e fidelidade. Como isso pode acontecer melhor em nossa comunidade?

A fidelidade dinâmica e criativa como expressão salvífica e de amor apostólico

Quando as pessoas e grupos experimentam a salvação tendem a entrar num processo de fidelidade. Pessoas com boas experiências de amor, de intimidade e de união com Deus, com a comunidade e com as pessoas que servem, estas pessoas têm mais capacidade de dizer um 'sim' e permanecer fiel a ele. A história se constrói principalmente a partir de 'sins'. Certos 'nãos' têm ajudado pouco a humanidade. A fidelidade dinâmica e criativa é desejada na humanidade, sobretudo quando expressa autonomia, liberdade, responsabilidade, uma vida feliz e realizada. Em quase todas as desistências têm algum tipo de dor, de sofrimento, de sensação de fracasso. Evidentemente, há casos em que desistências significam libertação de sistemas repressivos e regressivos. Contudo, somos feitos para a fidelidade como estrutura ontológica e como expressão do amor à semelhança do amor fiel de Deus. Desta forma, educar ao amor é o grande segredo da fidelidade. Também um grande amor tem força apostólica e faz outras pessoas participarem da salvação. Esta experiência partilhada reforça, por sua vez, a fidelidade e é incentivo ao crescimento no amor e na fidelidade. Há instituições e comunidades que estimulam a fidelidade; outras são um obstáculo por sua forma concreta de viver e relacionar.

A fidelidade é um ato de amor e um sinal de Reino. Uma dinâmica apostólica oferece uma satisfação interior e indica o caminho da fidelidade. Quais opções nos podem facilitar esta expressão apostólica positiva?

Algumas indicações processuais

Antes de concluir convém manter a convicção que, em princípio, a fidelidade expressa mais verdade do que a infidelidade. A infidelidade sempre causa um certo mal-estar. A fidelidade produz confiança, segurança, estímulo, apoio, liberdade e uso de energias para a construção do Reino de Deus. A fidelidade dinâmica e criativa se beneficia com um processo de acompanhamento, com uma ajuda personalizada, com desenvolvimento da parte saudável das pessoas, com apresentação de ideais desafiadores de natureza social e espiritual, com

uma identificação e assunção de um projeto salvífico também assumido por outros e que seja objetivamente importante e consistente. Faremos ainda algumas observações úteis dentro deste nosso tema, como segue.

Fidelidades renovadas dentro de uma grande fidelidade

A fidelidade é um processo e é fruto de uma educação. Pequenas fidelidades são educadas desde criança. A sensibilidade a certas opções também é educada e revela uma hierarquia de valores. Aos poucos a pessoa pode ir assumindo mais opções que requerem fidelidades cada vez mais amplas. Precisa também sentir a satisfação resultante da fidelidade. Há momentos na vida que são mais adequados que outros para assumir opções de estado de vida. As opções ainda não garantem uma continuidade conhecida. A vida fará pensar quem não pensou suficientemente para decidir e optar. Por mais consciência que alguém tenha de si e das consequências de sua decisão em determinadas etapas da vida, ainda não está garantida a fidelidade. Há situações novas - mais significativas umas, e menos significativas outras - que podem abalar as opções feitas. Requer-se, portanto, um posicionamento duplo: de um lado muita vigilância sobre si e sobre a realidade para garantir um domínio responsável diante do novo que vai acontecendo; do outro lado, uma retomada do contexto, das razões e das motivações das decisões feitas, estabelecendo a conexão entre o ontem e o hoje em vista de um amanhã fiel.

Uma experiência, por mais forte e significativa que tenha sido, se não se retomar, renovar e fortalecer, esta experiência morre com o tempo. A experiência retomada pode ajudar a fortalecer o lado saudável, adulto, salvo, apostólico da pessoa. A experiência retomada também reaviva as motivações e emoções presentes num momento significativo anterior. Experiências saudáveis não retomadas dão espaço para fortificar feridas, fragilidades, compensações e entrar num possível processo de regressão e infidelidade. O rompimento da promessa não é momentâneo, mas é um dos pontos de chegada de um processo. Claro, como já afirmamos, certa não continuidade numa causa e numa opção não significa - como algum dia se pensava - algo que teria a ver com uma possível salvação ou não, mas certamente tira da pessoa alguns meios de crescimento e vida realizada com boa autoestima e autorrespeito.

Portanto, é muito bom aceitar a antropologia do limite⁶⁸, ou seja, a fragilidade que pode levar a decisões que poderiam enfraquecer as opções menores e depois mais amplas. A vigilância humana sobre si e sobre os demais facilita a fidelidade. Podemos ser fiéis optando pelo cultivo do afeto, da inteligência e da vontade dentro das opções feitas, e não o contrário: fazer a opção por uma forma de vida e alimentar o afeto, os conteúdos intelectuais e outras opções em dissonância com a opção existencial feita. Qualquer prejuízo ou omissão em alguma variável humana terá efeito - com o tempo - no conjunto da pessoa. Um desenvolvimento integral iluminado pelos valores do Reino de nível espiritual pode ser um itinerário de fidelidade.

A fidelidade depende de grande realismo pessoal, comunitário e institucional. As opções saudáveis são fortalecidas pela renovação das mesmas de forma estruturada. Como este tema entra em nosso dia a dia?

Comunidade, missão e acompanhamento

Ainda retomando nosso caminho percorrido nestas nossas reflexões e análises, convém retomar a importância da comunidade como lugar de fidelidade. É preciso criar comunidade com confiança, possibilidade de dialogar, partilhar, conhecer em profundidade a vida de cada integrante, assumir o projeto pessoal de todos. A comunidade partilha a fé, a eucaristia, os estudos, as experiências afetivas. Ela é suporte afetivo sobretudo diante de fragilidades, de momentos saudáveis e presença ampla, incluindo as famílias dos integrantes da comunidade. A fidelidade partilhada produz senso de realização e ânimo que confirma o desejo profundo da vontade de Deus⁶⁹.

A comunidade ajuda a fazer e partilhar profundas experiências de Deus e de fé. Ela também partilha a missão. O suporte na missão é incentivo a solidificar a opção realizada e é apoio para visibilizar o Reino de Deus. A comunidade organiza a cultura de acompanhamento, necessária para um incentivo ao amor e à fidelidade. O acompanhamento constitui-se num meio muito importante para

⁶⁸ Para compreender melhor esta antropologia do limite veja-se as obras de **Ricardo Peter**, especialmente *Aceita os teus limites, A imperfeição nos Evangelhos*, e outros.

⁶⁹ Cf William Sneek p 3.

facilitar a fidelidade. Evidentemente não há como identificar acompanhamento e fidelidade, ou seja, concluir que se alguém não dá continuidade a seu processo e opção existencial que a ele faltou acompanhamento. A questão da fidelidade é algo bem mais amplo e complexo como pudemos dar-nos conta. Contudo, não podemos diminuir a importância do acompanhamento, sobretudo se compreendido como acenamos acima.

A comunidade é sinal de Reino. Ela se expressa na missão e nas partilhas de vida e da fé. A dinâmica comunitária, sua organização e expressão apostólica, pode facilitar a fidelidade. Podemos dialogar sobre a forma pela qual isso realiza em nossa comunidade.

O itinerário formativo como dinâmica criativa de fidelidade

A formação, sobretudo em suas primeiras etapas, em geral é 'acusada' como tendo tido tantas falhas a ponto de ser a causadora da infidelidade. Isso tem algo de verdade, mas há também um pouco de projeção e transferência da insatisfação existencial para etapas anteriores. Projeção da insatisfação e transferência a uma outra realidade externa e anterior ao que não se consegue viver nem sustentar adequadamente hoje. Vamos sempre mais assumindo a formação como um itinerário de fidelidade. Por toda a vida e em cada etapa há conteúdos e experiências de formação que podem predispor a pessoa à fidelidade.

A formação precisa ajudar a cada pessoa e ao grupo a fazerem um itinerário sempre retomado. Precisa ajudar a pessoa a conhecer sua realidade pessoal e cultural, precisa ajudá-la a aceitar a realidade que ela é, mesmo não tendo optado conscientemente por tantos fatos e realidades. Aprendemos modelos com misto de amor e de desamor, aprendemos modelos compensatórios, aprendemos modelos afetivos aos quais nos apegamos, mas que precisamos superar. Uma vez integrado o passado, importa apresentar valores e ideais que possam fascinar as pessoas e ajudá-las a se sentirem importantes na construção do Reino de Deus. Além disso, também é importante ajudar as pessoas a internalizar estes ideais e valores a tal ponto que sejam força motivadora alegre capaz de manter as decisões feitas com fidelidade.

Todo este processo precisa ser retomado como conjunto e em cada parte, acompanhado pela comunidade e identificado numa instituição significativa que assumiu uma causa na qual vale a pena empenhar a vida. Neste sentido, é preciso assumir as consequências de um modelo de inclusão, como se refere Papa Francisco. O papa diz: “Duas lógicas percorrem toda a história da Igreja: marginalizar e reintegrar. (...) O caminho da Igreja, desde o Concílio de Jerusalém em diante, é sempre o de Jesus: o caminho da misericórdia e da integração. (...) O caminho da Igreja é o de não condenar eternamente ninguém; derramar a misericórdia de Deus sobre todas as pessoas que a pedem com coração sincero (...). Porque a caridade verdadeira é sempre imerecida, incondicional e gratuita. Por isso, temos de evitar juízos que não levam em conta a complexidade das diversas situações, e é necessário estar atentos ao modo em que as pessoas vivem e sofrem por causa da sua condição»⁷⁰.

Somos todos estimulados a uma formação mais integral e profunda que facilite as opções de vida com mais liberdade e facilite a fidelidade. Carbalho afirma que precisamos formar à vida em plenitude para prevenir abandonos e reforçar a fidelidade⁷¹. A formação precisa ser integral, personalizada, permanente, progressiva, gradual e acompanhada; propiciar o uso das energias na identificação e seguimento de Cristo para - com o Pai - realizar o Reino de Deus.

O processo formativo, visto cada vez como global, integrador, dinâmico, como itinerário de todos que dura toda a vida... tudo isso tem em vista a fidelidade ao projeto de vida e a opção pelo Reino. Como concretizamos nossa responsabilidade formativa?

Podemos concluir con algunas indicaciones para próximas profundizaciones:

- a) Cada quien puede retomar su itinerario de fidelidad, sus dificultades, superaciones; motivaciones de fidelidad que fueron reforzadas; o las prácticas que más ayudan a crecer en la fidelidad.

⁶⁹ Papa Francisco, *Amoris Laetitia*, n° 296.

⁷⁰ Carbalho, José Rodríguez, in: *Para uma vida consagrada fiel, desafios antropológicos a la formación*. 67° Conventus semestralis, UISG, (2006?) p 39-56.

- b) Cada comunidad necesita crear algún clima de confianza, acogida, comprensión que facilita el compartir la vida, incluyendo los temas vocacionales. Ella necesita también garantizar un apoyo afectivo humano, religioso a sus integrantes. El Hermano Director tiene un papel importante en este aspecto.
- c) El Consejo del Distrito, la Asamblea Distrital, el Capítulo del Distrito u otras instancias necesitan encontrar formas y estructuras de acompañamiento y ofrecer un proyecto institucional atrayente y motivador que facilite la fidelidad. El Consejo de Distrito, entre otros aspectos, precisa prever la forma de preparar a los formadores que puedan conocer y elaborar los contenidos básicos arriba presentados, sobre todo en aquello que pueda favorecer una fidelidad dinámica y creativa.

ACOMPANHAMENTO

Ir. Paulo Dullius, fsc

A forma de atuação de Deus é acompanhamento em amor, transformação no Espírito, e vida de ressuscitado⁷².

Acompanhamento⁷³: O que se pode entender

Uma das características da vida humana é a arte da convivência. De alguma forma os outros estão dentro de nós mesmos. O sucesso da convivência define nosso sentimento de sentido, de autoestima e de valorização. Os ferimentos humanos - afeição ou não, valorização ou não, aceitação ou não - nascem e se desenvolvem principalmente a partir da qualidade dos relacionamentos. As experiências de convivência estendem-se por toda a vida, com características que dependem da idade, da cultura, do contexto circundante.

Assim como nós estamos atentos ao que acontece fora de nós, também nós vemos os demais e os avaliamos. Os outros fazem a mesma coisa conosco. Além disso, somos avaliados constantemente. Desde cedo somos educados a ver, a julgar, a comparar. Por isso existe uma tendência de observar e nos interessar nos demais. A dinâmica profunda subjacente é aquela antropológica que significa um desejo e uma força de crescimento no amor, na verdade, no bem. Queremos isso para nós e, em última análise, o desejamos aos demais.

No acompanhamento, a pessoa ou o grupo são os que realizam o itinerário. Aquele que acompanha dá um suporte e se mune de conteúdos e de processos

⁷² Denis Edwards. **How God Acts**, Fortress Press, Minneapolis, 2010, p 51 (God's way is revealed as that of accompaniment in love, transformation in the Spirit, and resurrection life).

⁷³ No presente texto levo em consideração muitas contribuições de pessoas e de instituições. Os leitores podem facilmente reconhecer a inspiração que vários autores apresentam ao tema, os quais valorizo, mas não citarei diretamente, o que pode ser um limite do texto, mas certamente fará fluir melhor a leitura e compreensão.

para que a pessoa ou o grupo possam realizar o que se propuseram. Isso quer dizer que nenhum acompanhante pode substituir o acompanhado, mas facilitar-lhe o caminho. Não pode, tampouco, impor-lhe sua visão. Sua presença é positiva e é significativa enquanto mantiver e facilitar o itinerário do acompanhado. De alguma forma, precisa ter realizado já, com êxito, o seu próprio itinerário ou, ao menos estar bem encaminhado em seu itinerário. Assim, pode compreender as facilidades, as dificuldades, os momentos críticos, as forças, as fraquezas, os ideais, o contexto e também os melhores meios para o crescimento integral do acompanhado. Todo acompanhamento requer um profundo interesse, amor e respeito pela pessoa ou grupo, por sua causa assumida ou por assumir, pelo reforço e fortalecimento de seu ser enquanto processo de crescimento, enquanto itinerário realizado na paz e na alegria. Grande empatia facilita o acompanhamento. Quando se trata de um grupo que acompanha, precisa-se de uma estrutura que segue regras bem estabelecidas dentro do contexto para evitar a projeção exagerada de problemáticas pessoais. Estas problemáticas poderiam desvirtuar a finalidade das partilhas. Pela própria experiência e itinerário já realizado, aqueles - pessoa ou grupo - que realizam o acompanhamento fazem-no com alegria, com amor e zelo. Um bom acompanhamento é resultado de uma vida realizada. Pessoas demasiado frágeis, imaturas, doentes... têm dificuldade de um real acompanhamento. Este profundo cuidado, zelo e interesse pelo bem dos demais transformam o acompanhamento numa experiência humana significativa da qual todos nós precisamos.

Todos temos experiência de acompanhamento em nossa vida, sobretudo na primeira infância. De alguma maneira todos continuamos precisando dele de forma mais intensa em certos momentos da vida e em certas etapas e, de forma mais amena, em outros momentos/etapas. É por isso que o conteúdo que envolve acompanhamento convém que seja integrado em nosso cotidiano: não interpretado como consequência de imaturidades ou carências, mas como algo característico da condição humana. Aquele que acompanha precisa estar movido por um coração cheio de amor, de bem querer, de compreensão, acolhida e misericórdia. É neste sentido que se pode falar em Cultura de Acompanhamento para significar esta experiência como verdadeiramente comunitária e fraterna que nos caracteriza. Em outras palavras, o acompanhamento se insere no longo, árduo e perseverante processo de

humanização, no sentido mais amplo do termo. Tudo o que colabora numa autêntica humanização envolve algum tipo de acompanhamento. Pessoas mais satisfeitas consigo, com suas escolhas, com sua comunicação, com sua autoestima, com os valores amplos internalizados... estas pessoas tendem a acompanhar mais os outros, sobretudo os mais frágeis e vulneráveis. Pessoas mais frustradas na vida, mais amargas em sua existência têm mais dificuldade de se decidir a acompanhar. O acompanhamento é um traço de saúde humana tanto para indivíduos quanto para grupos.

Quais são as principais características do acompanhamento. Minha experiência de acompanhamento.

Aspectos históricos do acompanhamento

O acompanhamento não é uma realidade nova. Ele existe desde que existe a humanidade. Em geral consistia na vigilância, nos conselhos e nos controles mantidos pelos mais idosos sobre os mais jovens. Posteriormente ele foi mais realizado pelas pessoas com poder legítimo sobre seus súditos. Este modelo esteve misturado com controle de dominação, com cuidado objetivo, com direito de orientar decisões. Em épocas nas quais estão mais frágeis, os grupos ou as pessoas até desejam certo tipo de acompanhamento para que sejam mais fáceis o caminho e a orientação da vida. Esta forma de influência e de controle se transformou, em muitos casos, em um traço cultural com suas consequências na história das pessoas e dos grupos. Em algumas culturas a questão de gênero se transformou num dos traços dominantes de acompanhamento no que se refere à responsabilidade e também nos métodos usados pelos que o realizam e por aqueles que são destinatários do mesmo. Assim, por exemplo, numa cultura fortemente patriarcal, eram os homens, os 'anciãos' aos quais era confiado o acompanhamento. No entanto, as mulheres sempre descobriram sua forma discreta de acompanhamento, ainda que não oficializada.

Os pais acompanham os filhos. Este acompanhamento tem a característica de educação, de iniciação e introdução na sociedade. Através deste gesto querem preservar a tradição, os valores. Querem também facilitar o caminho de crescimento dos filhos, movidos por um desejo positivo de que superem os

obstáculos e tenham sucesso na vida. Só pais física, psíquica ou espiritualmente doentes desistem de acompanhar seus filhos. Os educadores desempenham o mesmo papel de acompanhamento. Ainda que a tônica se concentre em conteúdos mais intelectuais, a pessoa do educador também tem sua influência nos educandos. Quantos líderes religiosos e superiores de Instituições religiosas colocam o acompanhamento como uma de suas grandes responsabilidades!

Dependendo das áreas ou aspectos humanos mais valorizados, algumas pessoas assumiram o papel de acompanhante, quase como profissionais. Mesmo que tenha uma diversidade de expressão, a maioria destas influências tem sido mais comportamental e menos motivacional. Olhava-se o comportamento e, a partir dele, se indicavam os caminhos através da aprovação ou da correção. Este esquema, mais tarde, tem se tornado predominantemente moralista. A grande área espiritual concentrou a maioria dos estudos e de práticas de acompanhamento. Apareceram o papel do diretor ou orientador espiritual, as entrevistas de prestação de contas de condutas, as partilhas nas quais se confrontavam modos de ser entre a pessoa e aquele que exercia o papel de acompanhante. Também foram muito desenvolvidas as técnicas, e cresceu o número das pessoas que fizeram e fazem da área psíquica o centro do acompanhamento em vez de ser só da área espiritual... É admirável o conhecimento que as ciências humanas desenvolveram sobre a pessoa humana, o que abre o leque de possíveis áreas que são objeto de acompanhamento, sobretudo naquilo que representam de novo, de surpresa, de imprevisível. A diversidade de métodos, de visões das várias ciências humanas com suas respectivas práticas de ajuda, indica a complexidade desta área psíquica. Os acompanhamentos que incidem na área espiritual e psíquica têm sido, em geral, de um superior a um súdito, de alguém que sabe para alguém que está aprendendo. Também têm sido essencialmente individuais, pessoais. Decorreram retiros personalizados e técnicas terapêuticas individuais, todas formas de acompanhamento. Este conceito tem se generalizado desde um passado bastante remoto até os nossos dias.

Hoje tem-se desenvolvido muito o aspecto social decorrente da consciência mais coletiva, da compreensão das dinâmicas grupais e da valorização das interferências sociais nos comportamentos individuais. Também se questiona a capacidade objetiva de os superiores serem os únicos a saberem a verdade e a vontade de Deus para situações muito complexas pessoais e grupais. A

autoridade dos especialistas está substituindo em grande parte a dos superiores legítimos.

Todos manejamos nossa vida dentro de um mundo de limites e de possibilidades. Ao mesmo tempo, capacidades objetivas ligadas ao bem e à verdade podem acontecer em qualquer pessoa que pode manifestá-las aos demais tanto em relação a si quanto em relação aos outros. Isso não significa uma desvalorização do que aconteceu no passado, mas às formas do passado se precisa acrescentar outros aspectos para que o acompanhamento seja sempre mais efetivo e eficaz. Com esta nova realidade, é preciso abrir mão de uma visão de acompanhamento que vem de uma dimensão de superior para inferior, de indicações de comportamentos, de mentalidades moralistas corretivas etc., e se precisa caminhar mais na direção de uma compreensão de acompanhamento no sentido objetivo da palavra, fundamentado na caridade. Como se verá a seguir abaixo, também se expandem o conteúdo e as áreas de acompanhamento já não apenas de uma área, especialmente a espiritual, mas será um conteúdo e um acompanhamento mais antropológico, atingindo as áreas física, psicológica, profissional, relacional, social, espiritual, cultural e outras mais.

Pela realidade passada e atual, pela constituição humana não se pode dispensar acompanhamento. Ele pode ser questionável segundo o método e o conteúdo, mas não se convém existir ou não. É impossível evitar modos de ser e de agir que indicam alguma forma de acompanhamento. Hoje há um desejo institucionalizado de acompanhamento manifestado, sobretudo, pelas gerações mais novas. O que se precisa aprimorar é a compreensão do mesmo, estendê-lo para além da área espiritual ou psíquica e, também, superar a compreensão que delega esta missão para superiores ou pessoas especializadas tão somente. Precisamos, certamente, de pessoas especializadas em acompanhamento, mas o acompanhamento não pode ser delegado a elas tão somente. Algo bem positivo consiste também em purificar o conteúdo de aspectos negativos que possivelmente se foram introduzindo ao longo da história, bem como superar a dependência em favor de uma responsabilidade pessoal e grupal, ou ainda, superar uma visão julgadora para uma de estímulo de crescimento. Será de grande valor voltar à dinâmica humana profunda que é saudável e que se orienta para um desejo positivo em relação aos demais, sobretudo quando são frágeis

ou se encontram em situações nas quais poderiam agir e viver ferindo a si mesmas e se distanciando de seu eu mais autêntico, expresso na comunidade.

Hoje, portanto, temos melhores condições de realizar um acompanhamento mais saudável, mais misericordioso, mais proativo, mais objetivo. Precisamos do pressuposto da compreensão da pessoa humana mais integral e de uma justa valorização das variáveis intervenientes no comportamento humano.

Sempre houve algum tipo de acompanhamento na humanidade. Quais formas foram eficazes? Nelas podemos descobrir uma intencionalidade positiva, de amor.

Benefícios do acompanhamento

Num mundo bastante marcado pelo individualismo, pela busca compensatória das frustrações passadas pessoais e coletivas, pelo aumento da consciência da liberdade e autonomia, também cresceu a busca da autossuficiência. Não se pode reduzir a realidade às mudanças culturais e históricas. A mudança de paradigma se refere também ao modo pelo qual se elaboram, refletem, decidem aspectos existenciais. A realidade social diversa hoje, a liberação pessoal, social e cultural de formas reprimidas no passado vêm acompanhadas de situações novas que requerem interdependência. Assim se facilita o processo de crescimento e se evita novos 'ferimentos' que nas gerações subsequentes deixam insatisfações, frustrações e tendências compensatórias. Há conteúdos que se inscrevem na realidade humana, para além das oscilações culturais e históricas. Um destes conteúdos é o acompanhamento. Pode variar muito a forma e as motivações pessoais e sociais, mas não é possível evitar toda forma de acompanhamento.

O equilíbrio pessoal e social depende em grande parte da vigilância sobre a realidade, da vigilância sobre a forma pela qual as pessoas e os grupos conseguem viver, sem exagerado desgaste de energia. Esta vigilância ampla é a forma de acompanhamento. Onde melhor acontece esta vigilância mais benefícios as pessoas e os grupos tiram, já que há pessoas, grupos, estruturas que acompanham todas as expressões humanas provindas de seu interior e de seu exterior.

Precisamos reconhecer a maravilha de tantas pessoas que fraternalmente acompanharam outros mais frágeis e mesmo estruturas que, sem a mediação de algum tipo de acompanhamento, teriam dificultado mais sua vida. Quantos processos educativos deixaram suas marcas positivas na humanidade! Quantos bons testemunhos continuam indicando caminhos! Um acompanhamento bem realizado beneficia a todos os nele envolvidos. Quanta gratidão temos a Jesus Cristo por ter acompanhado o povo que acorria a ele, por ter acompanhado os apóstolos em seu processo de passar de meros discípulos a apóstolos, por ter estendido seu cuidado a tantas situações diferentes a ponto de curar as pessoas! Quanto foi importante a presença repetida de São Paulo às comunidades primitivas seja através de sua pessoa, ou de alguém que ele delegava e recebia uma ordem para tal, e/ou escrevendo-lhes cartas! Como foi importante o acompanhamento de Deus ao seu povo, especialmente após a morte e ressurreição de Jesus Cristo, enviando-lhe o Espírito Santo! Como foi significativa a presença da Igreja junto aos mártires, aos missionários, aos pobres, aos doentes, aos necessitados! Como é consoladora a 'comunhão dos santos', a unidade entre todos os cristãos! Como foram importantes orientações dadas por Superiores Religiosos, por Capítulos Gerais! Como foram importantes as visitas pastorais.

Todos desejamos, de alguma forma, sermos acompanhados, especialmente em momentos ou situações delicadas. Constatamos também acompanhamentos malsucedidos ou desvirtuados do verdadeiro zelo, cuidado, ajuda. Houve casos de desinteresse, de abuso do poder, de dependência, de impedimento de desenvolvimento da personalidade, da missão... Mas isso não nos pode abalar nem nos fazer ignorar tanto bem realizado pela presença fraterna, amiga, solidária e profundamente solícita e atenta.

Independentemente do estilo histórico de acompanhamento, precisamos reconhecer os benefícios do mesmo. Isso também se aplica às instituições religiosas. Sabemos do zelo com o qual os fundadores acompanharam seus primeiros seguidores na fidelidade à obra que é de Deus. Este acompanhamento facilitou a identidade institucional e deu segurança afetiva e espiritual a todos. A fidelidade ao carisma, a contínua dinamização do itinerário pessoal e comunitário são formas pelas quais as instituições descobriram um modo saudável de acompanhamento.

Um bom acompanhamento sempre foi um benefício para os envolvidos. A importância disso fez com que se desenvolvessem especializações. Somos convidados a aprofundar o tema.

Conteúdos antropológicos como expressão da vida e acompanhamento

Num passado não muito remoto o acompanhamento tinha suas áreas bem definidas. Era inspirado nos 'sábios' que cada cultura privilegiou para garantir os processos iniciáticos. Além de garantirem a fidelidade aos tabus, esses 'sábios' embrenharam-se nos segredos das divindades e os referiram aos seres humanos. Dentro do cristianismo também algumas pessoas se especializaram na compreensão do Evangelho, da vida cristã, e dos desígnios de Deus para cada pessoa e para cada grupo e comunidade. Devido a isso, o acompanhamento tem-se tornado uma forma mais espiritual de vigilância sobre pessoas e grupos. Uma das decorrências desta vigilância espiritual foi o discernimento espiritual. O discernimento é uma forma de acompanhamento. Todos nós sabemos - uns mais, outros menos - sobre discernimento, por isso este tema pode ser desenvolvido em outro momento. O que convém resguardar é que o discernimento continua sendo um acompanhamento significativo para todos os tempos, talvez um dos mais significativos. Todos sabemos da complexidade envolvida num profundo discernimento.

Quando o cuidado e a solicitude forem uma atitude geral, uma predisposição ampla e motivadora do agir, vão se abrir a outras áreas da vida humana e não apenas ou predominantemente à área espiritual e das opções de estado de vida. Os pais concentram seu cuidado no corpo e no afeto da criança. Os educadores já olham mais a aprendizagem, a integração grupal. Diretores espirituais estarão atentos ao itinerário de fé, às motivações e à fidelidade a Deus. Médicos procuram zelar pela saúde. E assim se poderia continuar esta discriminação, esta distinção.

Se o acompanhamento é uma forma fraterna de presença, um cuidado, uma solicitude... ele precisa ser estendido a qualquer área da vida humana, para qualquer idade ou circunstância. Partindo do princípio que a vida é um itinerário, e neste itinerário a pessoa e os grupos vão se defrontar com situações novas, algumas mais familiares outras menos, algumas mais simples e outras mais

complexas e diferentes. É neste sentido que – pessoas, grupos, instituições – podem beneficiar-se de um acompanhamento para manter e fortalecer a orientação para o bem, para a verdade, para o belo e para o amor.

Um bom acompanhamento incluirá uma diversidade de aspectos humanos. O corpo tem sua dinâmica, suas leis que precisam ser conhecidas, cultivadas, respeitadas, integradas. Também precisamos considerar o corpo dos outros e os valores sociais ligados a ele. Temos a realidade material que requer integração harmoniosa dentro do projeto geral da vida e da finalidade original pela qual existem. O uso e abuso não podem ser indiscriminados.

Nossa constituição humana inclui uma área que podemos denominar dimensão psíquica. A ela pertencem o afeto, a inteligência e a vontade e a sociabilidade com todas as suas diversas potencialidades. Nosso afeto precisa ser desenvolvido, e de forma ilimitada, mas a serviço do amor. Nossa inteligência tem possibilidades imensas, mas precisa servir ao ser humano para compreender a si, ao outro, a Deus, ao universo. A inteligência precisa ter presente, sobretudo, as dimensões ligadas à vida, à comunicação, ao amor, à fé e a Deus. Nossa vontade conclui nossas elaborações afetivas e intelectuais e as transforma em decisões. Decisões melhores são as que favorecem o bem do conjunto da pessoa e dos grupos, que solidificam as opções da missão e a fidelidade a promessas realizadas com responsabilidade. Todo processo de socialização, de comunicação, de autoestima e autor respeito é uma aprendizagem que se realiza com possíveis riscos. Os modos desta aprendizagem através de indicação, identificação e imitação⁷⁴ são forma de acompanhamento, e seu sucesso ou êxito depende da qualidade e da metodologia de quem acompanha e das condições de quem é acompanhado. De alguma forma o acompanhamento tem presente estas dinâmicas das potencialidades e seu desenvolvimento integral na vida pessoal, grupal e institucional.

A dimensão espiritual é uma constituição humana. Existe como constituição mas precisa se desenvolver dentro da autenticidade de sua existência. Como se refere ao conjunto da vida, concretizamo-la pelo cultivo da vida, pelos valores transcendentais, pelas opções existenciais, pelas associações de estado de vida,

⁷⁴ Francesco Alberoni chama a atenção aos processos de aprendizagem ligados à indicação e à identificação por parte dos outros em relação a nós e nós o passamos aos demais. René Girard fala da imitação positiva e negativa.

pelo relacionamento com Deus, pelo sentido geral da vida. É uma dimensão mais geral e isso explica porque tantos grupos se interessam por ela, especialmente grupos ideológicos e religiosos. Há os que utilizam a religião para libertar a pessoa de consequências imaturas em qualquer área humana para estar mais livre para servir na gratuidade. As religiões tendem a especificar a vontade de Deus para as pessoas, para os grupos e para as instituições as mais diversas. Todos sabemos da dimensão humana das religiões e de seu esforço de se aproximar do Deus espiritual, aquele que está para além das antropomorfizações. O itinerário espiritual é um dos mais complexos na vida. Por isso é o que recebeu e recebe atenção especial de acompanhamento. A simplificação da vida humana pode afastar as pessoas e os grupos da verdade inerente no ser e no agir humanos.

Qualquer área humana, como já afirmamos, é passível de acompanhamento. Em qualquer área é-se beneficiado com os cuidados e solitudes daqueles que nos rodeiam e nos ajudam no discernimento, nas opções mais saudáveis. O que precisa caracterizar este acompanhamento é o amor casto e respeitoso vivido pela pessoa no celibato ou no matrimônio; amor casto e respeitoso vivido na pobreza, no uso das realidades materiais próprias (corpo e bens) e as dos demais; amor casto e respeitoso vivido no crescimento pessoal, na comunidade, na obediência, nos relacionamentos, no cumprimento da vontade de Deus, na fidelidade ao carisma e à missão; vivido nas dinâmicas sociais e novos sinais dos tempos e do desenvolvimento mundo. Este cuidado é uma atitude que pode ser temporária ou pode também transformar o tempo como sendo tempo de cuidado. Precisamos de ambas.

O acompanhamento é realista e se refere a todos os aspectos e expressões da vida humana. Podemos dialogar sobre a visão antropológica presente em nosso processo de acompanhamento.

Quem faz o acompanhamento: pessoas, comunidade...

Se num tempo o acompanhamento esteve confiado a algumas pessoas específicas, hoje vamos apoiando a consciência de corresponsabilidade no processo de humanização. E o acompanhamento se transforma numa realidade

social. Ninguém pode dizer que 'não tem nada a ver com seu irmão', pois de alguma forma interferimos nos demais. Com os conhecimentos que hoje temos do consciente e, sobretudo, do inconsciente, é impossível não 'entrar' na vida dos outros. Não é possível fazer uma barreira intransponível. Nossa qualidade de ser e nossas intencionalidades são captadas pelos demais. Não há neutralidade nestes processos humanos: ou são de qualidade positiva ou podem predispor para regressão e dispersão.

Quem seria o responsável pelo acompanhamento? A resposta não pode ser estreita, mas ampla, ou seja, todos somos responsáveis dentro de uma diversidade de formas. Existe uma inter-relação humana constante que, de alguma forma e em alguns casos, assume a característica de acompanhamento. O primeiro sujeito do acompanhamento é a própria pessoa em relação a si mesma, a seu projeto existencial, à responsabilidade por seu desenvolvimento, pelo desenvolvimento de suas potencialidades, por seus acertos, por suas opções. O Evangelho recorda que - no caso de um talento, e este enterrado - ninguém pode delegar a sua identidade e responsabilidade a outros, e ainda projetar para fora as responsabilidades. Na parte livre que nos caracteriza, somos nós aqueles que escolhem entre as melhores oportunidades de crescimento, de estima, de respeito, de valorização. Não podemos padronizar formas imaturas que incluem delegar a responsabilidade a outrem quando cabem a nós. Ninguém pode, com fundamento, culpar o destino ou os outros pela própria situação atual. Podemos crescer para a liberdade ou para uma menor liberdade, dependendo de opções que fazemos. Cada qual assumiu compromissos em relação a si: a vida, a opção de gênero, o estado de vida, os valores e instituições identitárias. Diante de uma infinidade de alternativas, cada pessoa vive seu projeto e seu itinerário com autonomia e compromisso. Esta vigilância caritativa sobre si mesmo é uma forma muito saudável de acompanhamento.

Assim como assumimos que pais têm maior responsabilidade em relação aos filhos do que os vizinhos, do que estranhos, da mesma maneira há pessoas significativas, muitas delas com autoridade legítima, às quais são conferidos um 'direito' e um papel de acompanhamento. Historicamente considerando são as pessoas de autoridade e de poder que mais desempenharam este papel. Muitas delas se arrogaram o direito de distinguir o certo e o errado, passando a imagem de que eles próprios eram os mais perfeitos. Isso os levou a desenvolver um

grande espírito de observação sobre os demais, e mesmo usar Deus em seus processos interpretativos. Por outro lado, a consciência da responsabilidade a eles confiada, levou muitos deles a aperfeiçoarem-se em observação caridosa, em fazer o seu melhor para que o caminho do acompanhado fosse sem tantos tropeços, mas sempre dentro dos desígnios de Deus. Neste sentido, um confessor acompanha aqueles que recorrem a ele; um superior - diretor, provincial, geral - acompanha aqueles que lhe são confiados; formadores acompanham aqueles que estão dentro da instituição e os que estão em processo de nela entrar; um educador acompanha seus alunos; um médico acompanha um paciente que precisa de cuidados; um terapeuta acompanha as pessoas que recorrem a ele para se conhecerem, se aceitarem, despertarem para um novo sentido de vida, e acompanha a reeducação e a estruturação de uma vida nova. Muitas vezes um coirmão, amigo acompanha outro coirmão, amigo em situações muito variadas.

Existe um terceiro grupo que faz acompanhamento. Refiro-me aos grupos, à Comunidade, à Província, ao Capítulo Provincial e Geral, à Igreja, aos grupos coetâneos... Ninguém pode 'lavar suas mãos'. De alguma forma todos somos responsáveis pela fidelidade de pessoas e de grupos, especialmente dos mais próximos. Todos somos responsáveis pelo anúncio do Evangelho, pela fidelidade ao carisma, pelo crescimento pessoal e comunitário nas várias características humanas. Munir-nos de cuidado, zelo e solicitude consiste mais numa presença vigilante, amorosa e misericordiosa, e menos num sistema de controle e de julgamento. A construção de uma autêntica comunidade é uma das melhores formas de acompanhamento, pois todos 'se alegram com os que se alegram, choram com os que choram', assumem o fardo uns dos outros. Tantas compreensões sobre a finalidade da comunidade, dos Capítulos permitem ver a grande responsabilidade de acompanhamento presentes nelas.

De alguma forma todos somos acompanhantes. Todos somos corresponsáveis uns pelos outros. Como isso sucede em nossa comunidade e Distrito?

Quem recebe acompanhamento: pessoas, comunidades

Já explicitamos acima que toda pessoa se insere num grupo e lhe compete desenvolver-se a si mesma em outras características próprias do ser humano. Terá um tempo em que mais recebe dos outros e haverá tempo em que ela deverá ser presença significativa para outros. Ela - e os grupos - também se insere num mundo desconhecido, sempre novo. Em sociedades mais tradicionais, esta inserção é bastante simples e bastante previsível, tendendo à uniformidade. Contrariamente, em sociedades menos tradicionais ou em mudanças de época como a época atual, há tanta diferença entre as propostas tradicionais e os desafios atuais e futuros, que a área do desconhecido, do imprevisto, do surpreendente aumenta seu leque de horizontes podendo ter seus reflexos no equilíbrio pessoal e institucional. Independentemente da boa intenção e do esforço, as fragilidades podem se manifestar mais, as ansiedades podem aparecer mais, e as resultantes regressões, fugas e compensações podem aparecer. Pode até haver uma dificuldade de levar para frente o projeto pessoal ou o do grupo com liberdade e objetividade em curto, em médio e em longo prazos. A multiplicidade de alternativas e certo nivelamento de valores aumentam a complexidade das melhores escolhas pessoais e grupais e comunitárias. Por isso, instâncias coletivas são importantes para facilitar o bem de todos os envolvidos e do próprio grupo em si.

Isso admitido, podemos assumir que a interdependência, a cooperação, a associação, a observação, a compreensão e o aprofundamento de experiências podem ser de grande valia e serem até necessários para um crescimento saudável sem os desgastes de energia em sistemas de regressão, de dúvida e de incertezas. Todos nós precisamos - como já afirmado - de alguma forma de acompanhamento porque estamos todos necessitados de alguma bússola como orientação geral ou em alguns momentos ou temas de nossa vida. Em vez de, portanto, pensar que são as crianças, os jovens, os súditos que precisam de acompanhamento, vamos assumindo que ninguém é tão autossuficiente, livre e adulto que saiba sempre a vontade de Deus para si e para os demais. Não são os superiores e as estruturas ou comunidades que são dispensados, mas todos precisamos considerar a antropologia do limite, ou seja, no abandono de uma visão perfeccionista grega para assumir a realidade humana que faz defrontar com o limite, com a fragilidade, com o mal. Jesus assumiu sua vida e sua mensagem estando no meio das pessoas,

e os limites destas são-nos bem conhecidos. A limitação humana não é um mal moral, mas uma condição humana. Dentro do realismo humano todos se beneficiam da corresponsabilidade mútua, garantida a especificidade pessoal e dos grupos.

O princípio comum de acompanhamento é adaptado a cada realidade pessoal, cultural e institucional. Algumas pessoas são mais frágeis e inexperientes frente à vida, e o acompanhamento lhes pode ser muito proveitoso. Há os que adquiriram uma dinâmica pessoal de crescimento e já determinam por si processos de acompanhamento. Também há os que se consideram autossuficientes e 'perfeitos' e com o 'direito' de sentirem dispensados de acompanhamento. As sementes que o semeador⁷⁵ semeia e que caem no caminho duro, insensível e impenetrável, inflexível... é o primeiro obstáculo para um itinerário de crescimento. Há também pessoas e situações sociais e comunitárias que têm fortes características de superficialidade que precisam exageradamente de estímulos externos. Podemos encontrar ainda aqueles que se colocam num contexto social tão diversificado em valores e mesmo não valores e que, conseqüentemente, suas boas qualidades e boas intenções não conseguem oferecer uma identidade integral a serviço da causa do Reino. Mesmo a boa semente precisa ser cultivada em um solo que com dificuldade se mantém macio, disponível, profundo e isento de obstáculos maiores, sobretudo do contexto e da fantasia e imaginação negativas.

Desde cedo e de alguma forma sempre precisamos dos outros em nossa vida. Isso significa uma disposição de ser acompanhado como um ato de caridade por parte de quem o realiza e de gratidão por parte de quem o recebe.

O que acompanhar

Qual seria o conteúdo e o método do acompanhamento? Em síntese: a vida humana como empenho humanizante, como vida realizada com e pelos outros, em sociedades justas⁷⁶. A vida realizada significa ter tido êxito na vida como um todo e em muitos aspectos particulares. Para ter vida realizada deve ter tido êxito

⁷⁵ Parábola do semeador. Cf Mt 13, 1-9.18-23.

⁷⁶ Esta questão da vida realizada, com e pelos outros em sociedades justas constitui-se a síntese ética para Paul Ricoeur. Cf *O Si mesmo como um Outro e A História, a Memória, O Esquecimento*.

em alguma profissão socialmente valorizada. Ajuda muito também estar numa instituição na qual ele identifica seu ideal pessoal com o ideal da Instituição; onde cada pessoa e grupo encontram um respaldo para realizar seu projeto de vida que inclui os outros. A vida realizada significa também o crescimento para a vida adulta e a integração de todas as características constitutivas de pessoa. Neste processo tem um lugar especial uma interação e um compromisso grupal e comunitário. Nós vivemos com e pelos outros. Toda esta aprendizagem tem surpresas, facilidades e resistências, progressos lentos ou mais rápidos, medos e apoios. Assim mesmo, a ambiguidade social se nos oferece como desafio. O senso de justiça requer ir além do círculo dos próximos conhecidos para dar espaço e direito a todos, mesmo aos que não têm rosto, aqueles cuja dignidade precisa ter um mínimo de oportunidades.

Dito isso, e retomando aspectos já citados, o conteúdo ou o objeto do acompanhamento é a pessoa e são os grupos e as instituições naquilo que elas são em três aspectos: o que são como possibilidade e como potencialidade; o que são no presente momento, ou seja, como estão realizando as suas potencialidades; o que elas poderiam ser dentro das possibilidades existenciais. Este último aspecto inclui aquilo que a pessoa e/ou o grupo podem esperar concretamente de si, considerando sua história, seu contexto cultural, suas forças objetivas, seus valores, suas oportunidades de hoje e de amanhã.

Podemos especificar algumas variáveis humanas as quais são objeto de consideração no acompanhamento. Acompanhamos o desenvolvimento físico, a saúde, a valorização do corpo próprio e o dos outros, respeitamos e obedecemos ao ritmo do corpo; evitamos expô-lo a perigos desnecessários e também a pouco exercício; cuidamos de uma sadia alimentação. Estamos também atentos ao desenvolvimento do afeto, às situações que poderiam ferir a autoestima e o autorrespeito; cuidamos de sadios relacionamentos com os demais, sejam eles superiores, subalternos, iguais, conhecidos ou não, próximos ou menos próximos. A questão afetiva tem seu processo de equilibrada expressão segundo a idade, o gênero, o contexto e a cultura. Uma adequada experiência afetiva faz crescer e se abrir mais e mais aos demais.

Acompanhamos também um sadio desenvolvimento da inteligência para compreender a si, aos demais, ao mundo. Nossa inteligência tem possibilidades praticamente ilimitadas. Seu desenvolvimento vai depender de oportunidades,

de apoio social, de estímulos. Sempre é importante ter acesso a conteúdos bons que promovam a dignidade humana, os valores existenciais, o bem e a verdade. Isso precisa de discernimento que é facilitado num clima de acompanhamento. Algo semelhante se pode dizer da vontade: ela precisa ser exercitada para uma responsabilidade e autonomia pessoais. A vontade coroa os processos afetivos e intelectivos. Ela é tema e conteúdo de acompanhamento, evitando infantilismos e dependências ou, então, evitando decisões acima das capacidades que resultariam em sentimentos de fracasso e com prováveis reações regressivas ou infantis.

O acompanhamento valoriza a capacidade da expressão comunitária da vida, e está atento também aos conteúdos afetivos psíquicos e espirituais presentes nos votos. Na 'castidade' acompanha-se a capacidade de viver uma afetividade integrada e oblativa, com vínculos afetivos sadios. Na pobreza se está atento à liberdade frente aos bens e realidades materiais evitando compensações ou transferências projetivas que indiquem falta de liberdade diante deles, como a autonomia. Na obediência o acompanhamento se orienta para a responsabilidade e a liberdade diante da vontade de Deus discernida como pessoa e como comunidade, e a consequente capacidade de segui-la.

Outra área de acompanhamento podemos encontrar na expressão do sentido da vida. Entram nesta área as expressões espirituais e religiosas. O acompanhamento inclui temas como a fé, a prática espiritual na oração, a sensibilidade de caridade e misericórdia aos mais necessitados. Também considera a forma de viver os ideais, a dimensão de finito, a realidade do mal e da culpa própria e a dos demais; considera a capacidade da compreensão das fragilidades dos demais e os processos de reconciliação e pacificação. O acompanhamento também avalia o grau de maturidade da própria experiência religiosa tanto em práticas pessoais como em expressões comunitárias.⁷⁷ A fidelidade ao projeto existencial e ao estado de vida, os facilitadores e os obstáculos... tudo constitui-se em conteúdos do cuidado, do zelo, da solicitude, característicos do acompanhamento.

⁷⁷ A Psicanálise tem questionado bastante os processos imaturos presentes nas expressões religiosas, desejando que sejam maduras. Critica formas narcisísticas, dependência materna, dependência paterna, e incentiva o abandono à vontade de Deus. Cf Carlos Dominguez Morano, in: Orar depois de Freud.

Dialogamos sobre os conteúdos do acompanhamento os quais seguem as características humanas e suas expressões com os demais. Há áreas nas quais há mais cuidado de acompanhamento e outras menos. Precisamos equilibrar e atender qualquer aspecto humano.

Acompanhamento como atitude geral e em situações e momentos específicos

Estamos considerando o acompanhamento como uma atitude cuidado e solicitude de e por todos os envolvidos. É a atitude de zelo, de atenção, de caridade, de corresponsabilidade de uns com outros. Em algumas situações específicas, este acompanhamento adquire uma qualidade mais intensa. Isso pode acontecer em determinadas fases da vida ou em experiências específicas as quais são delicadas e poderiam ocasionar ansiedades e regressões se não houver alguém 'de fora' que ajude a iluminar o momento presente e abra alternativas saudáveis de superação.

Certamente precisamos estruturar o acompanhamento como atitude de nosso dia a dia. Mas, como já dissemos, há momentos um pouco difíceis e surpreendentes na vida da pessoa e ela se beneficia mais com um acompanhamento mais focalizado, mais orientado a questões bem concretas. Recordemos novamente que aquilo que se fala em relação a pessoas, devidamente adaptado vale também para as comunidades e grupos. Há momentos e situações nas quais os grupos, as instituições, as congregações podem passar por semelhante situação.

Enquanto desenvolvimento humano, os primeiros tempos de vida - intrauterina e primeiros anos - se caracterizam por maior dependência do externo em tantos sentidos humanos. E a qualidade do acompanhamento é muito importante. A socialização fora do círculo familiar, do círculo da comunidade local, da pátria e outros, do meio universitário, da entrada na vida religiosa ou matrimonial, crises de sentido e de missão na meia idade, passagem à aposentadoria, a proximidade da morte... são situações demasiado novas que requerem um acompanhamento devido à complexidade e novidade que se apresentam. Assim também acontece nos processos de exercício da missão em lugares tão diferentes ou no processo de envelhecimento quando se aguçam sentimentos

de inutilidade e solidão. Esta realidade inclui a experiência sobre o próprio físico, a forma das expressões afetivas e a integração de gênero e sexualidade.

A pessoa e os grupos podem se defrontar com situações novas de saúde ou de perda de pessoas próximas e precisam ser ajudadas a elaborar o luto, a separação. Esta mesma experiência de luto se aplica a situações e pessoas que já não estão próximas, a realidades culturais que já não são mais de hoje. Todos os processos de atualização, de readaptação diante de novos contextos sociais e religiosos podem requerer um árduo itinerário de acompanhamento. Algumas vezes as situações do dia a dia podem levar a desânimos, a dúvidas sobre as decisões feitas e precisam de objetivação. Outras vezes o sentido existencial abalado pode levar a crises de fé, de confiança e de dúvida quanto à capacidade de manter a promessa e a responsabilidade frente ao vivido e sustentado. Esta dificuldade também pode provir da realidade institucional que perdeu os 'sonhos', as perspectivas, o eixão fundacional.

Muitas destas situações podem ter características de surpresas ou podem ser o ponto de chegada de um processo de pequenas infidelidades que, com o tempo, comprometem e questionam o conjunto do projeto de vida assumido. As surpresas são compreendidas dentro da realidade e não podem abalar o conjunto do itinerário pessoal e grupal. O resultado insatisfatório de um itinerário precisa ser refeito para reencontrar o caminho, e evitar que a situação do momento seja a única variável interveniente para decisões para hoje e amanhã. O acompanhamento - de um especialista ou da comunidade - ajuda a iluminar os fatos e as experiências equipando pessoas e grupos com outros aspectos que possam contribuir na superação das dificuldades.

Há situações mais favoráveis à nossa construção e expressão do amor. É a dimensão do cotidiano. Há momentos e situações mais delicadas que requerem formas específicas de acompanhamento. É bom dialogar sobre isso.

Obstáculos ao acompanhamento: infantilização, omissão

O acompanhamento é uma das principais características e responsabilidades da Comunidade. Numa família todos, com as devidas diferenças, acompanham os que dela participam. Basta ver como interfere na família alguém que está

gravemente enfermo, que está deprimido, que é alcoólatra, que sai de casa e não dá notícias sobre onde e como está, que passa por dificuldades ou falece. Muitas dessas dinâmicas decorrem da relação de sangue. Mas são apenas uma das formas de relação e de interesse. Pessoas saudáveis, instituições saudáveis fazem do acompanhamento uma de suas características. Algo semelhante se pode falar da instituição religiosa, da comunidade. Além de cuidados semelhantes aos da família, a comunidade zela pelo clima afetivo, pelas oportunidades profissionais, pelas informações, pela fidelidade ao projeto de Deus para cada um de seus membros. Zela pela qualidade da vida espiritual e do apostolado, pelo perdão, pela consciência da presença amorosa de Deus.

É muito complexo o acompanhamento. E, como tal, inclui possibilidades reais de limitação. Não se pode pedir tudo dos demais nem de si próprio. Haverá imperfeições, mas ao mesmo tempo o acompanhamento quer facilitar o crescimento integral de todos os envolvidos. Precisa evitar, portanto, dois extremos: infantilismo e omissão.

Por infantilismo se entende uma forma de pensar e considerar os demais como crianças e incapazes de gerir sua vida, precisando sempre de alguém que lhes ajude ou substitua em suas decisões. Tende-se a evitar tensões saudáveis e desafios de crescimento. Para aqueles que coordenam grupos e instituições é mais confortável que os demais tenham pouca opinião, pouca crítica, pouca autonomia, pouca responsabilidade e liberdade. Os regimes socialistas sempre mantiveram formas infantis no modo de condução do povo. O governo é o 'bom pai' providente. Por muito tempo, as autoridades na vida religiosa e as estruturas em grande parte sustentaram esta dependência. Em alguns casos defenderam a obediência como uma virtude quando subjaziam outras motivações como a do poder e controle. Quando se quer privilegiar um tipo de valor, em geral usam-se duas estratégias: exaltar o valor e a excelência daquilo que se quer - a obediência, no caso aqui -; e desvalorizar ou criar culpas naqueles que não entram no sistema desejado. Muitas vezes, ao exaltar o lado positivo, usam-se argumentos provindos da tradição, da história, do passado e se mostram exemplos de castigos daqueles que não observaram o padrão de conduta desejado. Sabemos que é difícil encontrar uma pedagogia que delega progressivamente liberdade e autonomia e a pessoa ou grupo conseguir usar esta situação com responsabilidade proporcional à idade e à condição do

momento. Os pais sabem que é mais fácil controlar crianças, mas não sabem mais tão bem quando estas crescem para a adolescência, juventude e idade adulta.

Na vida religiosa às vezes custa implantar confiança e delegar autonomia adequada às pessoas envolvidas. Muitas vezes há exagerado controle em aspectos secundários em vez de haver estímulos explícitos ao crescimento. Não convém sempre racionalizar dizendo que as pessoas não são capazes. As pessoas crescem na proporção em que fazem experiências boas numa determinada idade e situação de vida, levando-as a olhar alternativas melhores para o futuro. Controles exagerados, julgamentos, pouca autonomia, conceitos de incompetência... tudo pode levar a uma forma infantilizante. Estruturas rígidas, inflexíveis, pouco criativas tendem a dar pouca chance de crescimento. Hoje todos querem participar mais das decisões, querem conhecer melhor as razões das opções, querem ser mais autônomos, mesmo que haja elementos de imaturidade nas motivações destes desejos. Muitas vezes a vida comunitária pode reforçar sistemas de infantilismo. Com o tempo se instaura insatisfação, amargura e falta de sentido na vida.

No lado oposto ao controle que não deixa crescer, podemos verificar a omissão. A omissão parte do pressuposto de que as pessoas sejam adultas e saibam o que devem ser e fazer sem precisar de orientação ou acompanhamento. Este pressuposto idealmente falando é interessante, mas a realidade humana é diferente. As pessoas se sentem 'abandonadas' a elas mesmas. Realidades novas decorrentes da idade, das circunstâncias, do contexto e do desenvolvimento humano e religioso fazem as pessoas ou os grupos se depararem com algo desconhecido e novo com o qual não desenvolveram familiaridade nem capacidade para superarem estas situações sem grande gasto de energia. Nestes casos, muitas vezes as pessoas e os grupos ativam ansiedades, inseguranças e culpas de tal forma que paralisam ou regridem para estágios anteriores de mais tranquilidade, ou entram em sistemas compensatórios de nível físico ou psíquico. Para defender uma pseudo-autonomia e para manter gratificações pessoais e comunitárias, pode-se desenvolver teorias e práticas que acentuam a omissão. Pode-se compreender isso também como reação a uma época de excesso de controle, ativando o desejo de liberdade e autonomia.

Em vez de optar por excesso de controle ou por omissão, um bom acompanhamento avalia a conveniência ou não de ser mais diretivo ou confiar mais nas pessoas, ou ver a melhor pedagogia segundo as pessoas e as situações do momento. O resultado do infantilismo e da omissão acaba sendo mais ou menos idêntico: uma forma imatura de ser. O infantilismo, ou controle, não deixa as pessoas crescerem; a omissão permite o surgimento de situações que resultam em ansiedade, e as pessoas voltam a ser crianças imaturas. Nosso propósito é favorecer o crescimento, a integrar sua vida e oferecê-la como dom. E o fazemos associados a outros numa missão humanizante. Neste caso, uma grande atenção é dada ao conteúdo e ao método, adaptados às circunstâncias e realidades pessoais e grupais.

Não se pode delegar a responsabilidade de acompanhamento. Precisamos discernir bem para evitar infantilização e omissão. Como isso sucede comigo, na comunidade, no Distrito?

Formas y técnicas de acompañamiento - estructuras y responsabilidades

Em vez de descrever muitas técnicas especializadas de acompanhamento, podemos indicar práticas e formas que já existem e outras que possam ajudar aos demais como expressão de caridade, cuidado, acolhida, solicitude, corresponsabilidade e fidelidade às promessas feitas a si, ao grupo e a Deus.

A direção espiritual e as ciências humanas desenvolveram técnicas de acompanhamento, preservando mais a tônica individual e aspectos pontuais específicos. Estas técnicas desenvolveram metodologias muito úteis que precisam ser conhecidas também pela comunidade no que se refere às dinâmicas sociais positivas e negativas de acompanhamento. Estas metodologias precisam ser mais circunstanciais do que permanentes. Caso tenham que ser permanentes é preciso considerar a possibilidade da presença de dependência, de dominação e mesmo de incapacidade profissional por parte dos especialistas.

O acompanhamento precisa privilegiar um profundo autoconhecimento a partir das contribuições das ciências humanas - psicologia, filosofia, sociologia - e teológicas, especialmente do discernimento espiritual. Estes conhecimentos

incluem um acesso consciente e inconsciente à história pessoal em seus fatos e consequentes forças, fragilidades, desejos, ideais, expectativas, visões de mundo e de Deus. Hoje fala-se deste acesso através de narrações pessoais e culturais⁷⁸ que ajudam a dar uma identidade e compreender o conjunto de predisposições para agir. Portanto, o acompanhamento ajuda a olhar para o passado – aspecto arqueológico – para entender o presente e projetar o futuro – aspecto teleológico. Assim considerado, o acompanhamento inclui o conjunto da vida dos indivíduos e dos grupos. O acesso ao interior é auxiliado por leituras, reflexões, experiências, meditações, prática da Leitura Orante da Palavra. A dimensão comunitária do acompanhamento se realiza em reuniões de partilha pessoal e comunitária nas quais se mantém o respeito, a autoestima, a dignidade de todos os envolvidos. Acompanhamento também de realidades novas que poderiam facilitar o crescimento ou, também, estagnar as pessoas em seu processo. Inclui também o dia a dia partilhado de todos os envolvidos.

Não se pode esquecer também as leituras de conhecimento da realidade e das pessoas com as quais convivemos. Acesso a outras fontes de conhecimento e de experiência requerem uma consciência de acompanhamento. Um destaque especial precisa ser dado às reuniões de partilha pessoal e grupal, aos profundos vínculos afetivos estabelecidos a partir dos ideais e das opções fundamentais cristãs e religiosas.

Podemos citar também a importância de dias e tempos de retiro, de recolhimento, tempos de Capítulos Provinciais e Gerais como formas institucionais de acompanhamento. O projeto comunitário contempla as formas de acompanhamento tanto para os indivíduos como também para a comunidade. Cada pessoa precisa garantir como sua a primeira responsabilidade frente a si. Depois, faz a comunidade participar de suas opções e favorece, desta forma, que a comunidade também se corresponsabilize pela fidelidade e crescimento de todos e de cada um.

O crescimento pessoal e a maturidade transformam o acompanhamento mais em partilha alegre e generosa da experiência existencial exitosa e da experiência

⁷⁸ Temos bons exemplos de narrativa na Bíblia sobretudo rememorados por ocasião da Páscoa; também temos melhor conhecimento das narrativas – identidade narrativa – desenvolvida por Paul Ricoeur, especialmente em: *Tempo e Narrativa e Percurso do Reconhecimento*.

de união com Deus no seguimento a Jesus Cristo, fruto de contínuo discernimento.

Assim como existe uma diversidade criativa de acompanhamento para cada situação da vida da pessoa e dos grupos, igualmente há especificidade em cada etapa da vida, da formação, da cultura, do contexto histórico. A institucionalização destes processos cabe a cada pessoa, mas também à comunidade, sobretudo àqueles que receberam a delegação legítima - superiores, coordenadores - de vigiar, de zelar, de cuidar e curar dentro da caridade e misericórdia. Fazem parte desta institucionalização a Regra, o Guia de Formação dos Irmãos e o Guia de Formação para a Missão. Neles se expressam formas de acompanhamento num sentido estreito e amplo do que isso significa.

Há muitas formas e técnicas de acompanhamento. Muitas delas estão disponíveis e ao alcance. Quais delas usamos em nossa comunidade e quais outras poderíamos usar?

Cultura de acompanhamento - voto de associação

Uma das compreensões do voto de associação inclui a cultura do acompanhamento. Todos somos responsáveis pelos que se associam a nós, e nós a eles. Todos queremos levar adiante um projeto a nós confiado por Deus, pela Igreja, na Instituição. Todo este zelo e cuidado de uns pelos outros na consecução deste projeto dá atenção especial aos mais frágeis e desprotegidos; sustenta a todos, mesmo aqueles que já fizeram um bom itinerário como pessoas consagradas para uma missão de Reino. Todos somos mutuamente responsáveis pela fidelidade e pelo crescimento no amor. Realizamos o projeto juntos, cada qual dentro de suas características e responsabilidades legitimamente diferenciadas. Em síntese, cada um se compromete com os outros para levar à plenitude a obra de Deus a nós confiada. Por isso falamos de cultura de acompanhamento.

Nossa compreensão de acompanhamento é um zelo e um cuidado para conosco, com nossos coirmãos. Como podemos desenvolver este cuidado para se tornar uma cultura de acompanhamento?



lasalleorg

www.lasalle.org